



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE –
UERN
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS/DLV**

Profletras
mestrado profissional
UNIDADE MOSSORÓ/UERN/CAMPUS CENTRAL

**A (RE)CONSTRUÇÃO DE REFERENTES NO PROCESSO DE
RETEXTUALIZAÇÃO DO GÊNERO ENTREVISTA EM AULAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA**

MARIA KELLYANE GOMES DA SILVA

Mossoró-RN

2016

MARIA KELLYANE GOMES DA SILVA

**A (RE)CONSTRUÇÃO DE REFERENTES NO PROCESSO DE
RETEXTUALIZAÇÃO DO GÊNERO ENTREVISTA EM AULAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para a obtenção do Grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Lucimar Bezerra Dantas da Silva.

Mossoró-RN

2016

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Silva, Maria Kellyane Gomes Da

A (Re)Construção De Referentes No Processo De Retextualização Do Gênero Entrevista Em Aulas De Língua Portuguesa / Maria Kellyane Gomes Da Silva – Mossoró, RN, 2015.

156 f.

Orientador(a): Prof. Dra. Lucimar Bezerra Dantas da Silva.

Dissertação (Mestrado) Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Campus Central. Programa de Mestrado Profissional Em Letras – Profletras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte,

Bibliotecário: Sebastião Lopes Galvão Neto – CRB - 15/486

1. Referenciação. 2. Retextualização. 3. Compreensão leitora. I. Silva, Lucimar Bezerra Dantas da. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

UERN/ BC

CDD 400

Bibliotecário: Sebastião Lopes Galvão Neto – CRB - 15/486

**A (RE)CONSTRUÇÃO DE REFERENTES NO PROCESSO DE
RETEXTUALIZAÇÃO DO GÊNERO ENTREVISTA EM AULAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA**

Por

MARIA KELLYANE GOMES DA SILVA

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Samuel de Carvalho Lima (IFRN)
Examinador externo

Prof. Dr. José Roberto Alves Barbosa (UERN)
Examinador interno

Profa. Dra. Lucimar Bezerra Dantas da Silva. (UERN)
Orientadora

Mossoró, ____/____/____

Dedico este trabalho à minha família, especificamente à minha mãe, Maria Marinete Gomes da Silva, que tanto me estimulou nos estudos e no meu sucesso profissional.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe que sempre me estimulou nos meus estudos, incentivando-me sempre em minhas conquistas na vida acadêmica e profissional.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Lucimar Bezerra Dantas da Silva, pela seriedade, comprometimento e disponibilidade neste trabalho, mesmo estando em um momento delicado de sua vida. Obrigada por todos os ensinamentos e as valiosas contribuições durante a construção desta dissertação.

Ao meu pai João, meu irmão Franknelly, minha cunhada e sobrinhos Felipe Freitas, Arthur Gabriel e Saulo Davi; que dispensaram apoio incondicional para a realização deste trabalho;

Às queridas e estimadas Ana Paola e Elvira Santos, pelo apoio incondicional, afeto e carinho;

Um obrigado muito especial aos professores do mestrado, principalmente ao professor José Roberto e aos professores Gilson Chicon e Moisés Batista que além das disciplinas contribuíram com valiosas sugestões para o projeto deste estudo.

O meu obrigado a Candice Cristiane, que nunca mediu esforços para colaborar com todos os mestrandos.

Agradeço imensamente aos meus alunos do 9º ano em 2016, que contribuíram para as pesquisas necessárias.

Aos meus inesquecíveis colegas do Mestrado pela agradável companhia e cumplicidade. A alegria e a amizade de vocês tornaram mais leve este desafio.

Todo o meu carinho especial ao meu amigo Roberto Bezerra e a amiga Bernadete Santiago, pelo companheirismo nos momentos mais difíceis e principalmente pela amizade.

Macondo era então uma aldeia de vinte casas de barro e taquara, construídas à margem de um rio de águas diáfanas que se precipitavam por um leito de pedras polidas, brancas e enormes como ovos pré-históricos. O mundo era tão recente que muitas coisas careciam de nome e para mencioná-las se precisava apontar com o dedo (GARCIA MÁRQUEZ).

RESUMO

A partir da década de 90, os processos de referenciação tornaram-se mais discutidos no Brasil e deram margem para o surgimento de abordagens que passaram a estudar aspectos diferenciados, como os sociais, discursivos e cognitivos. Isso resultou em um relativo progresso nos estudos anafóricos. Acompanhando essa linha de estudo, este trabalho busca compreender as anáforas como pistas textuais que proporcionam aos leitores um auxílio na compreensão do texto, já que é por meio delas que se consegue estabelecer uma relação semântica entre os itens lexicais contidos nos textos. Neste viés esta pesquisa tem por objetivo analisar os processos referenciais que ocorrem durante o processo de retextualização de um texto oral – entrevista- para um escrito - memória . Para a fundamentação teórica, foram abordadas as concepções de Cavalcante (2003; 2014), Koch (2012; 2014; 2015), Marcuschi (2005; 2008; 2012), Bakhtin (2000) e Kleiman (2000), dentre outros. Esta pesquisa, de abordagem qualitativa e de cunho metodológico analítico-expositivo, foi desenvolvida em uma série final do ensino fundamental, na área da linguagem três fases. Na fase diagnóstica, realizamos oficinas de textos a fim de observarmos quais as principais dificuldades apresentadas pelos alunos no que se refere à progressão referencial. Na fase da intervenção, realizamos, inicialmente, a retextualização de um texto oriundo da fala (entrevista) para um gênero escrito (memórias). Na última fase, orientamos a reescrita do gênero memórias. Sabendo ser este um processo de natureza essencialmente textual e sociocognitiva, os resultados mostraram uma evolução dos alunos no que diz respeito aos mecanismos de continuidade textual, pois passaram a fazer uso tanto das pistas manifestadas na materialidade do texto, quanto a perceber a importância dos processos anafóricos para a (re)construção de um texto coeso e, acima de tudo, coerente.

PALAVRAS-CHAVE: Referenciação. Retextualização. Compreensão leitora. Anáforas. Escrita.

RESUMEN

A partir de los años 90, los procesos de referenciación son más discutidos en Brasil; y así comenzó a surgir más estudios y teorías con diferentes aspectos, como social, cognitivo y discursivo. Así tenemos un avance relativo en estudios anafóricos. Siguiendo esta línea de estudio, este es un trabajo que consiste en entender la anáfora como indicios textuales; que dan a los lectores una ayuda en la comprensión del texto, ya que es a través de ellos que podemos establecer una relación semántica entre elementos léxicos que figuran en los textos. En este sesgo esta investigación tiene por objetivo analizar los procesos referenciales que se producen en retextualización un texto oral – entrevista – a lo escrito – memoria. Para el fundamento teórico de esta investigación son abordados los conceptos de Cavalcante (2003; 2014), Koch (2012; 2014; 2015), Marcuschi (2005; 2008; 2012), Bakhtin (2000) y Kleiman (2000), entre otros. Esta investigación, de enfoque cualitativo y de carácter metodológico analítico y expositivo, se desarrolló en un grado final de la escuela primaria en el área de lenguaje y se desarrolló en tres etapas. En la fase de diagnóstico, se realizó talleres de textos con el fin de observar cuáles son los principales problemas que presentan los estudiantes en relación con la progresión referencial. En la fase de intervención se llevó a cabo inicialmente, la retextualización de un texto derivado de la voz (entrevista) a un género por escrito (memoria). En la última fase, se realizó la reescritura del género memorias. Los resultados mostraron una evolución de los estudiantes con respecto a los mecanismos de continuidad textual, porque se empezó a hacer uso de las pistas expresadas en la materialidad del texto, bien como a darse cuenta de la importancia de los procesos anafóricos para la (re) construcción de un texto cohesivo, y sobre todo coherente.

PALABRAS CLAVE: Referenciación. Retextualización. Comprensión lectora. Anáforas. Escrita.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01.....	58
Gráfico 02.....	59
Gráfico 03.....	93
Gráfico 04.....	94
Gráfico 05.....	98

LISTA DE TABELAS

Tabela 01.....	47
Tabela 02.....	85

LISTA DE FIGURAS

Figura 01.....	45
Figura 02.....	45
Figura 03.....	56
Figura 04.....	60
Figura 05.....	64
Figura 06.....	64
Figura 07.....	64
Figura 08.....	65
Figura 09.....	66
Figura 10.....	69
Figura 11.....	70
Figura 12.....	71
Figura 13.....	71
Figura 14.....	71
Figura 15.....	73
Figura 16.....	73
Figura 17.....	80
Figura 18.....	81
Figura 19.....	81
Figura 20.....	82
Figura 21.....	84
Figura 22.....	84
Figura 23.....	86
Figura 24.....	87
Figura 25.....	88
Figura 26.....	89
Figura 27.....	89
Figura 28.....	90
Figura 29.....	90
Figura 30.....	92
Figura 31.....	95

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 TEXTO, COESÃO E REFERENCIAÇÃO	17
2.1. Concepções de texto.....	17
2.2. Os sentidos do texto: aspectos envolvendo a compreensão leitora.....	20
2.3 A COESÃO REFERENCIAL.....	26
2.4 DE REFERÊNCIA À REFERENCIAÇÃO	28
2.4.1 Referenciação	29
2.4.2 Introdução referencial.....	36
2.4.3 Anáforas.....	37
2.4.3.1 Anáforas diretas (correferenciais).....	38
2.4.3.2 Anáfora indiretas (não correferenciais).....	39
2.4.3.3 Anáforas Encapsuladoras.....	40
2.4.3.4 Dêixis.....	41
3 OS GÊNEROS TEXTUAIS NA SALA DE AULA: OS PROCESSOS DE REFERENCIAÇÃO NA ATIVIDADE DE RETEXTUALIZAÇÃO DO GÊNERO ENTREVISTA ORAL PARA O GÊNERO MEMÓRIAS	43
3.1 O GÊNERO ENTREVISTA.	47
3.2 O GÊNERO MEMÓRIAS.....	49
4 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	54
4.1 A RETEXTUALIZAÇÃO COMO RECURSO DIDÁTICO PARA A PRODUÇÃO ESCRITA.....	54
4.2 UNIVERSO DA PESQUISA	57
4.2.1 Os resultados da escola nas avaliações externas.....	57
4.3 AS FASES DA PESQUISA	60
4.3.1 Fase diagnóstica – Oficinas de textos.....	61
4.3.1.1 Oficina I: Conceitos de língua, fala e escrita.....	61
4.3.1.2 Oficina II: A relação de sentidos.....	63
4.3.1.3 Oficina III: Texto lacunado.....	66
4.3.1.4 Oficina IV: A referenciação em textos humorísticos.....	68
4.3.1.5 Oficina V: As relações anafóricas na progressão textual.....	72
4.3.1.6 Oficina VI: Elegendo um representante de turma.....	72
4.3.2 Fase interventiva – Da oralidade para a escrita.....	74

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA ATIVIDADE DE INTERVENÇÃO	76
5.1 DESCRIÇÃO E ANÁLISE – INTERVENÇÃO	76
5.2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE – OS DESAFIOS DA REESCRITA	93
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS	99
APÊNDICE	103
ANEXOS.....	140

1 – INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado profissional foi elaborada seguindo os preceitos do Profletras, que visa uma qualificação profissional e uma consequente melhoria na qualidade da educação. O trabalho resulta de atividades e pesquisas desenvolvidas ao longo do curso, contribuindo de forma acentuada para a formação dos professores de Língua Portuguesa do ensino fundamental. Assim, apresentamos uma pesquisa qualitativa de natureza essencialmente textual e sociocognitiva que tem os processos de referenciação como base para o desenvolvimento das etapas desta pesquisa.

A partir da década de 90, os processos de referenciação passaram a ser mais discutidos no Brasil e, assim, começaram a surgir mais estudos e teorias com aspectos diferenciados, como os sociais, discursivos e cognitivos. Com isso é que temos um relativo progresso nos estudos anafóricos.

A compreensão de uma anáfora, por exemplo, não se restringiria apenas à localização de um elemento linguístico na superfície do texto, mas a informações ainda presentes na memória discursiva. Para isso, é necessário uma concepção de língua mais abrangente, que não se limite ao código, por não tratar-se de um processo de informação simples, mas sim, que seja capaz de (re)construir interativamente a própria realidade.

Com isso, percebemos que a referenciação é algo mais geral que abarca os demais termos, já que “todos os casos de progressão referencial são baseados em algum tipo de referenciação, não importando se são os mesmos elementos que recorrem ou não (KOCH, 2015: 66). Teremos, assim, uma relação referencial como um processo de referência não só com o cotexto, mas com o contexto ao qual se insere, não simplesmente ao fato de retomar pontualmente determinada palavra ou expressão.

Cavalcante et al (2014) afirma sobre a relação impressa por meio da referenciação e da compreensão que

quando produzem e compreendem os textos, os sujeitos participam ativamente da interação, de modo que estão sempre negociando os sentidos construídos. O processo é amplamente dinâmico, porque permite modificações com o desenrolar das ações. A construção referencial nada mais é que o resultado

dessa negociação. (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO e BRITO, 2014: 35)

Seria a referenciação o resultado de um possível entendimento negociado entre os participantes da comunicação, configurados durante a interação. Esse trabalho que envolve a construção dos referentes se dá de forma intersubjetiva, como por exemplo, ao lermos determinada reportagem, além da compreensão do texto, necessita-se relacionar esta informação obtida com os conhecimentos já adquiridos, com a visão de mundo que cada indivíduo possui.

Neste contexto, o objetivo primordial deste estudo é analisar os processos referenciais que ocorrem na retextualização de um texto oral para um escrito feita por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.

A fim de se atingir o objetivo geral, elaboramos os seguintes objetivos específicos: (1) Identificar os referentes anafóricos empregados no processo de retextualização; (2) Analisar como os dêiticos espaciais (aqui, ali; etc.), típicos do contexto situacional, são transpostos para a escrita e; (3) Propor atividades didáticas a serem trabalhadas na sala de aula em que os alunos percebam as diferenças entre um texto oral e um escrito; e a importância das cadeias referenciais na construção dos sentidos.

Teoricamente, esta pesquisa fundamentou-se nas ideias e concepções de autores como Cavalcante (2003; 2014), Koch (2012; 2014; 2015), Marcuschi (2005; 2008; 2012), Bakhtin (2000) e Kleiman (2000), dentre outros, e está dividido em três capítulos.

O primeiro é dedicado ao referencial teórico, em que iniciamos com algumas concepções de texto seguido de alguns aspectos relacionados à compreensão leitora. Abordamos, em seguida, a coesão referencial e finalizamos com o tópico que fala da referenciação e de todas as suas subdivisões.

No segundo capítulo nos voltamos para o estudo dos gêneros textuais em sala de aula, analisando aqueles que são o alvo do nosso processo de retextualização, que é a entrevista, na modalidade oral, e o gênero memórias, na escrita.

O terceiro capítulo é composto pelos aspectos metodológicos. Dentre eles, temos tópicos que tratam da retextualização como recurso didático para a

produção escrita, abordamos o universo da pesquisa e as fases desta. Esta última divide-se em duas fases, uma diagnóstica, em que detalhamos as oficinas realizadas como “pré-texto” para nossas atividades interventivas; e por fim, a fase interventiva, que vai se voltar para a transposição de um texto oral para um escrito.

Ainda no último capítulo descrevemos e analisamos o corpus, estando presentes as duas fases: a análise da intervenção e os desafios que envolvem a reescrita da produção textual dos alunos. A primeira é composta por trechos da entrevista feita e por fragmentos da retextualização, e a segunda refere-se a alguns trechos das memórias produzidas por meio da reescrita, por meio dos quais analisamos os processos utilizados por eles.

Desta forma, neste trabalho trazemos para discussão o uso das formas remissivas em um texto, e poderemos ver, por meio da realização de um texto escrito, como se dá o uso dos processos de referência.

2.TEXTO, COESÃO E REFERENCIAÇÃO

Os tópicos do presente capítulo são destinados a uma reflexão sobre as questões relacionadas às concepções de texto, à coesão referencial, aos processos de referenciação textual e a todas as operações que os cercam no desenvolvimento de um texto.

2.1 CONCEPÇÕES DE TEXTO

Para compreendermos o que envolve uma produção de textos escritos, precisamos, antes de tudo, entender o que é o texto, seja na modalidade escrita ou na oral. Segundo Costa Val (2006: 3,4) “um texto é uma unidade de linguagem em uso, cumprindo uma função identificável em um dado jogo de atuação sociocomunicativa”. Possui papel determinante em sua produção e recepção, uma série de fatores pragmáticos que contribuem para a construção de seu sentido e possibilitam que seja reconhecido como um “emprego normal da língua”.

Assim, há alguns elementos que “entram em jogo” quando se trata de texto, como por exemplo, as intenções por trás de cada discurso, e a partir deste, quais imagens mentais tramitam nessa relação de interlocução durante um ato comunicativo. O contexto sociocultural acaba sendo, nessa construção de sentidos, um elemento preponderante durante a produção e recepção do compartilhamento de conhecimentos, já que para se firmar como texto, precisa ser concebido como um todo comunicativo.

O texto, então, para ser bem compreendido, deve ser avaliado sob três aspectos:

- a) o pragmático, que tem a ver com seu funcionamento enquanto atuação informacional e comunicativa;
- b) o semântico – conceitual, de que depende sua coerência;
- c) o formal, que diz respeito à sua coesão. (COSTA VAL: 2006: 5)

Sob a ótica desses aspectos, temos um dos pontos fundamentais da linguística textual que é o que faz de um texto um texto e quais são os parâmetros para distinguir textos de não-textos. A respeito disso é que acaba conferindo ao aspecto semântico-conceitual, ou mais especificamente à

coerência, como sendo o principal elemento para considerarmos algo como texto.

Se temos a coerência como fator chave de um texto, por estar agregado nela o sentido deste, a coesão aparecerá subjacente a ela, já que esta é responsável pela expressão linguística. Um texto coerente abrangeria, então, quatro critérios estabelecidos por Charolles (Apud COSTA VAL: 2006): a repetição, que Costa Val chama de continuidade; a progressão; a não-contradição e a relação, renomeada de articulação.

“A continuidade diz respeito à necessária retomada de elementos no decorrer do discurso” (COSTA VAL 2006: 21); e é a partir dela que garantimos a continuidade de um texto, não sendo aceitável, por exemplo, que em uma sequência tenhamos uma diversidade de assuntos, sendo a todo momento tratados temas diferentes. Essa continuidade se dá na coerência, através da retomada de conceitos; e, na coesão, através do uso de recursos linguísticos para fazer referência a entidades que já foram mencionadas no texto, sendo por meio do uso de pronomes, da repetição de palavras - que às vezes acaba sendo necessária para que se evite possíveis ambiguidades – ou mesmo através de elipses fáceis de serem recobradas.

Na progressão, ao contrário da continuidade, o texto deve se limitar a repetições, mas é preciso que sejam apresentadas novas informações, reativando a relação entre *dado* e *novo*, em que o elemento *dado*, geralmente é retomado anaforicamente. A progressão pode ser feita pelo acréscimo de novos comentários a um determinado tópico ou pela transformação de comentários em tópicos, sendo que a este último devemos incumbir certos cuidados para não acarretar dificuldades na compreensão.

Na não-contradição, o texto para ser coerente deve obedecer aos princípios lógicos. Suas ocorrências não podem se contrapor umas com as outras, tornando-se aplicável ao plano conceitual (da coerência) e da expressão (da coesão). Por fim, a articulação, que estabelece a necessidade da relação de causa, condição e consequência. Cabe à articulação ou congruência, o encadeamento do texto, sua organização e como as ideias se relacionam.

Quanto à relação coerência e texto, Koch e Travaglia (2014: 53) afirmam

(...) que é a coerência que faz com que uma sequência linguística qualquer seja vista como um texto, porque é a coerência, através de vários fatores, que permite estabelecer relações (sintático-gramaticais, semânticas e pragmáticas) entre os elementos da sequência (morfemas, palavras, expressões, frases, parágrafos, capítulos, etc.), permitindo construí-la e percebê-la, na recepção, como constituindo uma unidade significativa global. Portanto, é a coerência que dá textura ou textualidade à sequência linguística, entendendo-se por textura ou textualidade aquilo que converte uma sequência linguística em texto. (KOCH e TRAVAGLIA: 2014: 53, 54)

Na constituição de um texto coerente, a coesão acaba sendo apenas um de seus fatores, haja vista que sua contribuição é importante para a tessitura textual, mas acaba não sendo imprescindível na transformação de uma sequência em texto, propriamente dito. Somente a coesão não garante a textualidade, muito embora seja possível que ocorram sequências sem coesão, mas com sua textualidade garantida, já que seu sentido está assegurado, sendo, por outro lado, inaceitável o contrário.

Bernárdez (1982), apud Koch e Travaglia (2014: p. 56, 57.), considera três fases como primordiais na construção de um texto coerente: na primeira fase, “o produtor do texto tem uma intenção comunicativa”, sendo que uma situação considerada impossível em um dado contexto, tornaria, conseqüentemente, um texto incoerente. Em uma segunda fase, “o produtor do texto desenvolve um plano global que lhe possibilite conseguir que seu texto cumpra sua intenção comunicativa”, sendo que caso esse plano seja mal elaborado, isso resultaria em um texto incoerente. Na terceira e última fase, “o produtor realiza as operações necessárias para expressar verbalmente o plano global”, de maneira que, através das estruturas superficiais, o *percebedor* seja capaz de reconstituir ou identificar a intenção comunicativa. E neste caso, o que seria afetado era a formulação linguística.

Admite-se, por outro lado, que alguns desses aspectos que promovem a coerência de um texto podem ser deixados de lado em um dado evento comunicativo, sem tornar-se incoerente, dependendo dos usuários envolvidos, da intenção ou mesmo da situação em que ocorre. A partir desse pressuposto é que podemos perceber que se os aspectos anteriormente citados não forem levados em consideração, teríamos um texto incoerente, já que os usuários não teriam feito as devidas adequações ao contexto situacional.

Sumariamente, o texto é o centro dos estudos voltados para a linguística textual, considerando os textos escritos e orais. A partir disso, surgiram as seguintes concepções de texto em momentos diversos, tendo o

- 1) texto como frase complexa ou signo linguístico mais alto na hierarquia do sistema linguístico (concepção de base gramatical);
- 2) texto como signo complexo (concepção de base semiótica);
- 3) texto como expansão tematicamente centrada de macroestrutura (concepção de base semântica);
- 4) texto como ato de fala complexo (concepção de base pragmática);
- 5) texto como discurso “congelado”, como produto acabado de uma ação discursiva (concepção de base discursiva);
- 6) texto como meio específico de realização do meio de comunicação verbal (Concepção de base comunicativa);
- 7) texto como processo que mobiliza operações e processos cognitivos (concepção de base cognitivista);
- 8) texto como lugar de interação de atores sociais e de construção interacional de sentidos (concepção de base sociocognitiva – interacional). (KOCH, 2015: 12)

Desse modo, foi a partir da década de 1980 que o conceito de coerência passou a ganhar mais espaço. As investigações em termos de produção, compreensão, conhecimento na memória (estes dois últimos conforme o subtópico seguinte); despertam o interesse dos estudiosos; vindo a ser, portanto, este, um período favorável às questões da referenciação textual e a todas as operações que os cercam no desenvolvimento/progressão de um texto.

2.2 OS SENTIDOS DO TEXTO: ASPECTOS ENVOLVENDO A COMPREENSÃO LEITORA

Nos últimos anos, a Psicologia Cognitiva e a Inteligência Artificial têm oferecido muitas contribuições aos estudos de compreensão textual, com ênfase na armazenagem do conhecimento de mundo. Segundo essa perspectiva, o nível de compreensão depende, em grande parte, do grau de aproximação entre os conhecimentos veiculados no texto, ou seja, os elementos linguísticos presentes, e dos conhecimentos armazenados na memória do leitor/ouvinte. Dessa forma, quanto mais estreita for a relação entre

conhecimento partilhado entre produtor e receptor, melhor será a compreensão.

Segundo Koch e Elias (2008), faz-se necessário considerar que a interação tem como ponto inicial a materialidade linguística do texto em relação ao leitor, embora, por outro lado, tenha de se considerar também, sem menor intensidade e importância, os conhecimentos que, segundo elas, constituem-se como condição fundamental para o estabelecimento dessa interação, afinal o sentido não está apenas no leitor e nem só no texto, e sim, nessa interação entre autor-texto-leitor, pois não é que seus conhecimentos tenham de coincidir, mas que pelo menos possam interagir dinamicamente. Sendo assim, quanto à concepção de leitura – e esta entendida como um ato comunicativo -, e trazendo o texto como meio de representação mental, é que as autoras vêm afirmar que este, (o texto)

é visto como um produto lógico do pensamento e que seu sentido está justamente em ser exercida uma interação entre produtor e interlocutor. A leitura também pode ter como foco o autor, ou melhor, a captação das suas intenções por parte do leitor ou ter como foco o texto em si, quando esse mesmo texto passa a ser submetido a uma forma de análise superficial e assim o leitor passa a ter função meramente reprodutiva, na medida em que irá apenas reconhecer as intenções pretendidas pelo autor e reconhecer o código linguístico. No entanto, para produzirmos sentido em um texto, agimos estrategicamente, o que nos permite dirigir nosso próprio processo de leitura. (KOCH e ELIAS, 2008, p. 18)

São os objetivos do leitor que nortearão seu modo de leitura. As autoras reforçam que a ideia de interação na leitura é dada através da relação do leitor com o texto, mas também acrescentam um fator de extrema importância: a de que nossa leitura seria muito mais regulada pela intenção com que lemos um texto, ou seja, pelos nossos objetivos no momento da leitura.

Segundo Kleiman (2000), a delimitação de objetivos na leitura constitui-se numa estratégia metacognitiva que estabelece o controle e regulação do próprio conhecimento; e dependendo do(s) objetivo(s) do leitor diante de um texto, pode-se ter como resultado a recuperação de informações diferentes. Aqui a estratégia metacognitiva leva o leitor a refletir sobre o próprio conhecimento e o que pretende em sua leitura. Segundo ela, alguns

especialistas em leitura afirmam que não há um processo de compreensão de texto escrito, mas que há vários processos que são determinados de acordo com os objetivos do leitor. A forma do texto em si também tem sua função determinante quanto aos objetivos de leitura, mas isso apenas até certo ponto, isso porque no momento da leitura são ativados alguns mecanismos por parte do leitor. Quanto a isto, Kleiman (2000) cita como exemplo o jornal, em que, ao explorá-lo, o leitor normalmente realizará um processo chamado “*scanning*” ou avistada (termo utilizado pela autora, Kleiman (2000)), que consiste na seleção de partes, fragmentos ou manchetes que possam informar sobre os diversos temas que serão abordados, tudo com o objetivo de focalizar na sequência, aqueles assuntos que mais lhe interessam.

Outro mecanismo de leitura que tem por função buscar informações gerais a partir de uma pré-leitura dos primeiros ou últimos parágrafos, ou mesmo de quaisquer outros itens presentes em um texto, se refere a um processo chamado de “*skimming*” (literalmente, desnatamento)¹. Sobre este, a autora dá, como exemplo, um artigo científico, em que, na dúvida sobre sua intenção e objetivos gerais, o leitor seleciona partes da superfície textual que possam dar uma ideia geral sobre o assunto. Este segundo mecanismo parece realizar um percurso maior na leitura para se ter uma informação um pouco mais detalhada, diferente do *scanning*, que se fixa numa estratégia mais superficial, mais rápida. Kleiman (2000), falando da necessidade de cada um desses mecanismos, relata que:

Essas diferentes leituras porém, residem apenas nas diferenças entre mecanismos mais superficiais do processamento visual. Estes são necessários ao processamento, já que é através do olho que o input gráfico é percebido, mas uma vez que a imagem é apreendida, ela passa pelos processos analíticos próprios da procura de significado, que são comuns a qualquer leitura. (KLEIMAN, 2000, p: 34).

Então, foi a fim de mostrar o porquê de a forma do texto determinar até certo ponto os objetivos de leitura que surge a necessidade de discorrer um pouco sobre estes mecanismos, pois podemos ver que é através da forma e a

¹ Termos e definições dados pela própria autora Kleiman (2000).

consequente realização dos mecanismos, que o leitor irá prosseguir ou não na busca de uma informação completa, total do texto.

Reconhecendo o processo de leitura como algo complexo, Kleiman (2000) nos dá a conhecer alguns mecanismos interessantes acerca de atitudes, digamos que de forma natural e talvez inconsciente que acontece com o indivíduo no momento da leitura. Segundo ela, o movimento dos olhos durante a leitura não é contínuo, mas *sacádico*, ou seja, o olho se fixa num lugar do texto e logo faz um pulo ou sacada, até se fixar novamente em algum ponto mais adiante. No momento em que o olho faz uma fixação ou uma pausa em algum ponto, existe uma área de visão clara e outra periférica. Esta segunda, aparentemente, exerce uma função de decidir onde o olho irá fazer a fixação seguinte. Quanto à duração da pausa, esta realiza-se de forma invariável, pois o que irá determiná-la será a facilidade ou a dificuldade que o leitor encontrar para assimilar as informações do material em questão. Desse modo, o movimento dos olhos se faz de uma forma progressiva ou regressiva, em que a primeira se refere ao ato continuado da leitura pela possível facilidade encontrada pelo leitor ao ler determinado material; já a forma regressiva, ao contrário, diz-se de uma releitura de informações que não ficaram claras com o que se leu posteriormente.

A autora diz que o leitor proficiente lê rapidamente, mais ou menos 200 palavras por minuto, se o assunto lhe for familiar ou fácil, porém um número menor se este lhe for desconhecido. Sobre os movimentos dos lábios de um leitor proficiente, normalmente inexistem, acompanhada também de uma ausência fonológica, acústica, a não ser que isso ocorra internamente, de forma imperceptível para quem os vê, mas é importante ressaltar que isso só se confirma, só se evidencia quando o conteúdo for de fácil compreensão para o indivíduo. Já para o aprendizado de uma segunda língua ou de um assunto desconhecido, não trivial, normalmente acontece mediação fonológica, sonora.

Já na leitura em voz alta, de acordo com a autora, há uma distância entre a velocidade da voz para a do olho, sendo este mais rápido, o que se confirma quando, ao lermos, às vezes, mesmo com a retirada do texto de nossos olhos, ainda conseguimos ir um pouco adiante lendo, isso pelo fato de os olhos terem ido além da fala.

A diferença do modo de leitura do leitor proficiente adulto para o leitor proficiente criança, que ainda está em nível de escolarização, consiste apenas em diferenças quantitativas como: “a distância entre as sacadas é menor, a pausa da fixação é um pouco mais longa, há mais movimentos regressivos, a distância entre o olho e a voz é um pouco menor” (KLEIMAN, 2000 p. 14).

Ainda de acordo com Kleiman (2000), existe um modelo simplificado que mostra os processos decorridos na leitura. E sobre isso, vem falar da existência de três tipos de memórias que agem de forma diferenciada e de forma específica na cognição humana. Elas são: a memória imediata ou memória de curto prazo; memória profunda ou de longo prazo e memória rasa ou memória intermediária.

Sabendo da existência dos conhecimentos prévios necessários para chegarmos à compreensão de um texto, vemos que um deles, o conhecimento de mundo, que será mencionado adiante, não se estabelece isoladamente na memória, mas que se organiza e se apresenta na mente na forma de conjuntos, em blocos, estruturados em unidades completas de conhecimento estereotípico, chamadas de conceito e modelos cognitivos globais.

Beaugrande e Dressler (1981), apud Bentes (2001: 32), vêm dizer basicamente que modelos cognitivos globais são: “um bloco de instruções para operações cognitivas e comunicativas, (...) uma configuração de conhecimentos estruturados em uma unidade consistente, mas não monolítica ou estanque.” Já segundo Garrafa (1987), apud Bentes (2001), são:

blocos completos de conhecimentos relativos a conceitos intensamente utilizados na interação humana. São estruturas cognitivas que organizam nosso conhecimento convencional de mundo em conjuntos bem interligados (BEAUGRANDE E DRESSLER apud BENTES 2001, p: 32).

Entre os modelos cognitivos estão os *frames*, esquemas, planos e *scripts*, mas há uma tendência de alguns autores em simplificar todos eles a apenas um, geralmente relacionando-os somente à teoria dos *frames*. Mas tomando por base Beaugrande e Dressler (1981), apud Bentes (2001) conceituam cada um deles de forma diferente, embora todos sejam conhecimentos de mundo organizados em blocos, porém, com suas

especificidades, dão ideias e exercem funções distintas na mente. Sendo assim:

Os frames são modelos globais que contém o conhecimento de senso comum sobre um conceito central; estabelecem quais as coisas que, em princípio, são componentes de um todo, mas não estabelecem entre eles uma ordem ou sequência (lógica ou temporal) (BEAUGRANDE E DRESSLER apud BENTES (2001, p: 33).

Como exemplo, podemos ver que ao pensarmos em Natal, alguns elementos vêm à tona, como: árvore de Natal, presentes, Papai Noel, ceia, o que constatamos que os elementos do *frame* Natal não são ordenados ou sequenciados, podendo vir muitos outros, dando valores e ideias bem diferentes, como: Missa do galo, presépio, espírito Natalino, nascimento de Jesus, entre outros. Nisso, vemos que os conhecimentos que cercam esse modelo nada mais são do que evidências de experiências, crenças, valores e experiências que cada indivíduo adquire e expressa de acordo com sua cultura.

Já os esquemas são modelos que, diferentemente dos frames, são ordenados numa progressão, através dos quais dá para se estabelecer hipóteses ou imaginar o que será feito ou mencionado a seguir no universo textual, sem contar que eles são previsíveis.

Os planos são modelos de acontecimentos e estados que conduzem a uma meta pretendida. Os elementos aqui são ordenados e estão dispostos numa ordem previsível, os quais levam a um fim planejado, um propósito. Como exemplo, podemos mencionar uma receita culinária.

Os *scripts* são “planos estabilizados, utilizados ou invocados com muita frequência para especificar os papéis dos participantes e as ações deles esperadas. Trata-se de um todo sequenciado de maneira estereotipada”. (BENTES: 2001, p. 33). Nesse sentido, podemos dar como exemplo, uma cerimônia religiosa ou civil, partes de uma sessão de júri, um ritual religioso qualquer, ou seja, a forma como deve se comportar e agir já estão determinados por convenções, não podendo modificar de qualquer jeito.

Ao falarmos sobre linguagem, devemos levar em consideração dois aspectos diferentes: o físico, que compreende as “*características observáveis da linguagem*”, tais como, os sons, as letras, seus formatos, quantidades, que é

chamado de estrutura aparente; em contraste, o outro aspecto diz respeito ao que não pode ser observado, o significado. A essa outra chamamos de estrutura profunda, pois estaria na mente dos usuários de uma determinada língua.

Para Bentes (2001), a distinção entre as duas estruturas é fundamental para a compreensão da leitura, não existindo uma relação bilateral entre as mesmas. Por exemplo, podemos dizer algo (de mesmo significado) de diversas maneiras, com palavras ou frases diferentes, ou até mesmo, palavras que possuem mais de uma interpretação, como “manga”. Os trocadilhos e ambiguidades são exemplos ocasionados por essa possibilidade da língua, um som/palavra representar mais de um referente.

O cenário, de acordo com Sanford e Garrod (1981) citado por Bentes (2001), é o domínio estendido de referência que é usado na interpretação de textos. O cenário é o modelo cognitivo que faz com que, ao imaginarmos uma situação ou ambiente, nos conduz a dar um sentido a um texto específico, pois é o que podemos visualizar para aquilo que está por trás das palavras, oculto, mas que faz com que construamos as imagens mentalmente.

Por fim, percebemos que a compreensão de textos constitui um difícil processo, pois vários conhecimentos precisam ser ativados nesse momento, por envolver processos cognitivos múltiplos, tanto no que se refere aos modos e estratégias de leitura, quanto a própria cognição desenvolvida pelo leitor, constituindo, portanto, muita complexidade nesse processo em que o leitor constrói o sentido de um texto.

2.3 A COESÃO REFERENCIAL

Como tantos outros elementos que compõem o sistema semântico de um texto, a coesão ocorre tanto através da gramática, quanto através do léxico, compondo, assim, o sistema léxico-gramatical. Além das partículas textuais, a relação semântica feita por meio da coesão, se dá por uma sentença antecedente, constituindo uma cadeia de sentidos. Com isso, entendemos a importância deste tópico como embasamento do trabalho que estamos desenvolvendo; trabalho este, que não encara estes elos apenas em seu caráter sintático, mas com toda a relação de sentido que podem oferecer.

Considerando os elementos de referência como aqueles que por si só não podem ser interpretados, necessitando de outros “objetos de discurso” para sua interpretação, é que podemos considerá-la em sua forma situacional, em que toda a situação comunicativa é aceita; e em sua forma textual, quando os referentes se encontram dentro do próprio texto. Koch (2014) define coesão referencial² como

aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual. Ao primeiro denomino *forma referencial* ou *remissiva* e ao segundo, *elemento de referência* ou *referente textual* (KOCH, 2014: p. 31).

Presume-se, com isso, que a noção de referência é ampla, podendo ser representada por um nome ou por um enunciado inteiro, e que a relação entre os elementos se dá, principalmente, por meio de anáforas, por exemplo; mas sabemos que esta não deve se limitar apenas a um cotexto, mas pode envolver também os contextos em que as situações comunicativas ocorrem.

Koch (2014) define duas grandes formas remissivas ou referenciais na Língua Portuguesa, sendo elas, as *formas gramaticais*, que são subdivididas em *formas remissivas gramaticais presas* e *formas remissivas gramaticais livres*; e as *formas remissivas lexicais*.

As *formas remissivas gramaticais presas* ocorrem por meio dos artigos definidos e indefinidos, dos pronomes adjetivos e dos números cardinais e ordinais, constituindo-se formas que ao se integrarem a outro nome no discurso, concordam em gênero e/ou número. As *formas remissivas gramaticais livres*, não acompanham, como na anterior, um nome, mas são utilizadas para fazer referência dentro do texto. Se dão através dos pronomes pessoais na 3ª pessoa; de pronomes substantivos e também dos numerais. E por último, temos as *formas remissivas lexicais*, que conseguem ir além de uma simples conexão, considerando a existência dos referentes extralinguísticos.

Por fim, compreendemos que podem ocorrer ambiguidades quando um elemento se referir a mais de um referente, contextualmente falando, mas cabe

² Há duas grandes modalidades da coesão, mas para o nosso trabalho, abordaremos apenas a Coesão referencial, desconsiderando, assim, a coesão sequencial.

ao leitor considerar todo o invólucro do texto, buscando, por meio de predicções, fazer a devida correspondência daquela forma remissiva. Concebemos que a construção da textualidade, no que diz respeito aos mecanismos de coesão, envolvem uma grande complexidade, já que o referente é algo que pode ser (re)construído em um texto.

2.4 DE REFERÊNCIA À REFERENCIAÇÃO

A linguística textual surgiu na década de 60, na Europa, partindo, inicialmente, da descrição de fenômenos sintático-semânticos, em que as sequências de enunciados eram analisadas buscando uma transcendência do nível da frase, de onde advém a denominada “Análise transfrástica”, sendo que ainda aqui, não tínhamos a distinção entre os assuntos relacionados à coerência e à coesão textual. Em seguida, ainda presa à gramática estrutural, ou à gramática gerativa, temos o surgimento das “gramáticas de texto”, em que já se percebe que as produções textuais estão estritamente relacionadas às competências textuais de cada usuário. Aqui, os mecanismos da construção textual passam a ser mais importantes, percebendo-se, assim, que um texto não é a simples junção de frases soltas, mas sim, que consiste em uma “unidade linguística”, um todo significativo.

Finalizando esse breve percurso histórico da linguística textual, temos a partir da década de 80, as Teorias de Texto, quando se passa a considerar desde o próprio texto, até o seu contexto, que como já mencionamos, deixa de ser visto apenas como entorno verbal ou cotexto.

Esta é uma seção fundamental para o embasamento do nosso trabalho, pois é nela que veremos de forma detalhada, os processos referenciais que contribuem para o funcionamento tanto da compreensão leitora (como vimos na seção 2.1), quanto para os processos de produção que são a base da nossa proposta interventiva.

2.4.1 Referenciação

Somente a partir da década de 90, que os processos de referenciação passaram a ser mais discutidos no Brasil, ocasionando, assim, mais estudos e teorias com aspectos diferenciados, como os sociais, discursivos e cognitivos. Temos então um relativo progresso com relação aos estudos anafóricos ao longo do tempo, já que anteriormente esta era considerada apenas uma espécie de substituta de um item lexical contido no texto. Esses novos estudos geraram novas concepções bem diferentes da forma de referência clássica utilizada anteriormente, pois até aqui os itens da língua portuguesa, que eram designados como elementos de referência, não possuíam por si só significados, precisando, para isso, se remeter a outros itens presentes no discurso.

A compreensão de uma anáfora, por exemplo, não se restringiria apenas na localização de um elemento linguístico, mas em informações ainda presentes na memória discursiva; e para isso, é necessário uma concepção de língua mais abrangente, que não se limite ao código, por não tratar-se de um processo de informação simples, mas sim, que seja capaz de (re)construir interativamente a própria realidade. Para isso, torna-se essencial a distinção entre os termos referir, remeter e retomar que obedecem à relação de que:

- a) A retomada implica remissão e referenciação;
- b) A remissão implica referenciação, e não necessariamente retomada;
- c) A referenciação não implica remissão pontualizada nem retomada. (KOCH e ELIAS, 2015: 66)

Com isso, percebemos que a referenciação é algo mais geral que abarca os demais termos, já que “todos os casos de progressão referencial são baseados em algum tipo de referenciação, não importando se são os mesmos elementos que recorrem ou não” (KOCH e ELIAS, 2015: 66). Teremos, assim, uma relação referencial como um processo de referência não só com o cotexto, mas com o contexto ao qual se insere, não limitando-se simplesmente ao fato de retomar pontualmente determinada palavra ou expressão.

Referir é, portanto, uma atividade de designação realizável por meio da língua sem implicar uma relação especula língua-mundo; *remeter* é uma atividade indexical na cotextualidade; *retomar* é uma atividade de continuidade de um núcleo referencial, seja numa relação de identidade ou não. Ressalte-se, mais uma vez, que a continuidade referencial não implica referentes sempre estáveis, nem identidade entre referentes. (KOCH, 2015: 66)

Sendo assim, o conceito de referência torna-se restrito por desconsiderar a relação “língua-mundo” imprescindível na realização dos objetos de discurso, já que as escolhas que fazemos estão em função de uma intenção por trás de algo dito. A esses objetos de discurso não os designamos apenas como extralinguísticos, mas sua realização se dá no processo de interação.

Durante a (re)construção de referentes, temos uma atividade bastante complexa, porque não trata-se apenas de um saber linguístico, mas também e principalmente, o que há por trás da escolha de cada elemento, que não é neutra, ela pode expressar opiniões, juízos de valor, advindos da interação autor-texto-leitor.

Como afirmam Koch e Elias (2015), para o desenvolvimento de uma atividade escrita é necessário que

- façamos constantemente referência a algo, alguém, fatos, eventos, sentimentos;
- mantenhamos em foco os referentes introduzidos por meio da operação de retomada;
- desfocalizemos referentes e os deixemos em *stand by*, para que outros referentes sejam introduzidos no discurso. (KOCH e ELIAS, 2015: 131)

Esses são pontos capazes de garantir que os objetos de discurso sejam referidos, mantendo-os ou desfocalizando-os; e por meio de atividades discursivas que são os processos de referenciação, é que temos uma gama de possibilidades para representar as coisas ao nosso redor, gerando produções de sentidos realizadas de forma intersubjetiva.

A partir de acentuados estudos de Koch (2014) sobre coesão textual, foi que chegamos ao fenômeno da referência, já que foi o ponto inicial para a concepção de que as expressões referenciais são o que estabelece a “ligação”

entre as partes compositoras de um texto. Mas a necessidade de compreensão “impactou” essa noção de referência dando origem a esse conceito de referenciação, por envolver esses processos sociocognitivos complexos na construção dos referentes.

A primeira ideia sobre o processo da referenciação se apoia na constatação de que a função primordial da linguagem é prover uma forma de acesso a uma dada realidade. Para compreender a natureza dos processos referenciais, é absolutamente fundamental que se entenda, desde já, que os objetos do mundo não são expressos, nos textos, de forma objetiva e imutável, pois eles são construídos de acordo com as especificidades de cada situação de interação (o que implica, entre outras coisas, as características dos interlocutores e as suas intenções). Dessa forma, toda construção referencial é um trabalho em constante evolução e transformação. (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO e BRITO, 2014: 29)

Um mesmo objeto de mundo pode, então, se apresentar de maneiras diversas, já que a realidade “não é estável” e não se disponibiliza para apenas uma forma de interpretação, pois estamos sempre em um processo de negociação, (re)elaborando os objetos e os referentes correspondentes. Em diversos textos, podem ser utilizadas expressões referenciais diferentes, vindo a depender das intenções comunicativas existentes em cada texto, assim como sua relação com o gênero em questão.

A noção de referenciação consiste justamente na construção de objetos de discurso, em que a discursivização não se trata de “elaborar informações”, mas em “(re)construir o real”, considerando que é através de simbologias que manuseamos a realidade. É a partir de tudo isso, que Mondada e Dubois (1995 apud KOCH) propõem a substituição do termo *referência*, por *referenciação*.

Ela (a *referenciação*) não privilegia a relação entre as palavras e as coisas, mas a relação intersubjetiva e social no seio da qual as versões do mundo são publicamente elaboradas, avaliadas em termos de adequação às finalidades práticas e às ações em curso dos enunciadores (KOCH, 2014: p. 61)

Na linguística textual temos a concepção de referenciação como uma das mais importantes, já que por meio da análise de mecanismos textuais é

que temos a (re)construção do sentido do texto. A referenciação atrai cada vez mais a atenção dos pesquisadores. Assuntos como anáforas, dêixis, encapsulamentos e rotulação têm sido objeto de diversas investigações na área de linguística.

E é com base nos processos sociocognitivos que se propõe a substituição do termo referência por referenciação, em que passa-se a deixar de ver o ato de referir como independente das práticas sociais, percebendo a mudança como um “processo”, em que o mundo é construído em meio às atividades sociais. Não se tratando de uma simples troca, percebemos ser este recurso indispensável na (re)construção do sentido do texto.

Referenciação é uma operação na qual se denomina, por meio de palavras, as coisas do mundo, tais como os objetos, os seres, os sentimentos. E somente concebendo-a como um processo em que o referente é visto como objeto do discurso, embasado cognitivo-discursivamente, é que passamos a ter a chamada noção “construtivista”, na qual os sujeitos falantes controlam, em seus próprios discursos a evolução destes objetos.

No processo de referenciação existem três tipos de expressões: as anafóricas, as dêiticas e as de introdução referencial (nem dêiticas nem anafóricas). Temos assim, a referenciação como o processo construído ao longo do discurso, e os referentes, como os objetos de discurso³ fabricados durante esse processo.

E com a referência sendo estudada sob diferentes domínios, Roncarati (2010) faz uma tentativa de síntese, estabelecendo, assim, tendências para o entendimento da noção de referente. A autora ressalta que a referenciação era tida como uma representação da realidade, sendo considerada uma contraparte no mundo extralinguístico.

Os referentes, denominados como objetos de mundo, e a referenciação, consistindo numa simples relação anafórica (correferencial). É na concepção sociointerativa, que a

³ Objeto do discurso é um termo “evolutivo”, sendo descartada a ideia de preexistência de algo que esteja sempre a dispor no mundo, pelo contrário, ele surge nas relações comunicativas, e é em meio a isso que se estabelece o processo de referenciação. No Brasil, essas são as concepções mais aceitas por autores como Marcuschi, Cavalcante e Koch.

referenciação é tida como uma construção colaborativa que insurge de práticas sociais, e os “objetos de discurso podem apresentar modificações sensíveis ao contexto ou ao ponto de vista intersubjetivo, evoluindo na progressão textual à medida que lhes são conferidos [sic] novas categorizações e atributos. (RONCARATI, 2010, p: 43).

Essa é apenas uma das concepções de referente e referenciação que foram recebendo diferentes enfoques ao longo do tempo, dependendo da teoria linguística adotada.

Roncarati (2010) contribui sob a perspectiva de perceber a produção textual, analisando as cadeias referenciais, sendo que através dessa estratégia podemos ter uma maior compreensão de textos, já que possibilitará um maior entendimento dos fatores de coesão do texto.

Mondada (Apud Roncarati, 2010) faz o seguinte comentário acerca das questões de referência e referenciação:

A questão da referência é um tema clássico da filosofia da linguagem, da lógica e da linguística: nestes quadros, ela foi historicamente posta como um problema de representação do mundo, de verbalização do referente, em que a forma linguística selecionada é avaliada em termos de verdade e de correspondência com ele (o mundo). A questão da referenciação opera um deslizamento em relação a esse primeiro quadro: ela não privilegia a relação entre as palavras e as coisas, mas a relação intersubjetiva e social no seio da qual as versões do mundo são publicamente elaboradas, avaliadas em termos de adequação às finalidades práticas e a ações em curso dos enunciadore (RONCARATI, 2010: p. 45).

Foi na linguística enunciativa e discursiva que a noção de cadeias referenciais foram desenvolvendo-se, isso por causa da nova forma de tratamento que está sendo dada aos processos referenciais, e à noção de referente.

Tradicionalmente, tinha-se como referência, uma simples representação extensional de referentes no mundo. Neste conceito clássico de referência, a única preocupação desta seria corresponder as palavras às coisas. E somente depois é que passa a ser vista como o resultado de um processo que realizamos para representar algo. A referência é colocada como

aquilo que designamos ou representamos ao usarmos um termo, não se tratando de “etiquetas” entre linguagem e mundo. Os referentes são objetos de discurso e não objetos de mundo.

Assim, através das expressões referenciais criamos representações mentais para os termos referidos, e é aí que percebemos que os referentes não se encontram no texto, nem no mundo, e sim no que é estabelecido pela mente durante a leitura ou contexto comunicativo.

Para a análise sobre referenciação, Cavalcante (2003) e Roncarati (2010) são as autoras que norteiam nossas pesquisas, a primeira por nos apresentar operações básicas na construção de uma “memória discursiva”, que são respectivamente: a construção/ativação, a reconstrução/reativação e desfocalização/desativação. Esta última é fundamental desde a distinção dos termos referência e referenciação, até a compreensão das cadeias de texto.

Cadeias de referência, como Roncarati (2010) denomina, correspondem à noção de “cadeia anafórica” e “cadeia coesiva”; que teriam a função de organizar as informações e auxiliar na compreensão do texto. Suas construções podem variar ou ser aplicáveis a qualquer gênero da fala ou da escrita, e sua identificação depende dos processos promovidos pelos interlocutores, quando desenvolvem sua metacônsiência cognitiva.

Percebemos que um texto não é algo estático como aparenta, mas que apresenta dinamicidade através dos processos de referenciação, já que nós não lemos somente na superfície de uma página impressa, mas devemos ser capazes de perceber os diversos tipos de informações contidas num texto, explícita ou implicitamente.

Trazendo isso para o nosso objeto de estudo, percebemos que uma interpretação anafórica “consiste não em localizar um segmento linguístico ou um objeto específico no mundo, mas sim em estabelecer uma ligação com algum tipo de informação que se encontra na memória discursiva” (Koch, 2002: p. 81).

O próprio conceito que se tem de texto depende das concepções de língua e sujeito, como vimos no primeiro capítulo. E o sentido desse texto é constituído justamente na interação texto-sujeitos. Os leitores mobilizam, a fim de interpretar um texto, todos os componentes do conhecimento e estratégias cognitivas que têm ao seu alcance.

E é com base nesses processos sociocognitivos que se propõe a substituição do termo referência por referenciação, em que com essa mudança, passa-se a deixar de ver o ato de referir como independente das práticas sociais, percebendo-o, agora, como um “processo”, em que o mundo é construído em meio às atividades sociais, não sendo, portanto, uma simples troca. Este recurso, é indispensável na (re)construção do sentido do texto.

Cavalcante (2014) afirma a respeito da relação impressa por meio da referenciação e da compreensão que:

Quando produzem e compreendem os textos, os sujeitos participam ativamente da interação, de modo que estão sempre negociando os sentidos construídos. O processo é amplamente dinâmico, porque permite modificações com o desenrolar das ações. A construção referencial nada mais é que o resultado dessa negociação. (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO e BRITO, 2014: 35)

Seria a referenciação o resultado de um possível entendimento negociado entre os participantes da comunicação, configurados durante a interação. Esse trabalho envolvendo a construção dos referentes, se dá de forma intersubjetiva, como por exemplo, ao lermos determinada reportagem, além da compreensão do texto, necessita-se relacionar esta informação obtida com os conhecimentos já adquiridos, com a visão de mundo que cada indivíduo possui.

Relacionando o que já falamos a respeito do texto e da coerência, percebe-se que estes são vistos sociocognitivamente, já que dialogam as experiências culturais com os conhecimentos: social e cognitivo. Teríamos resultante disso, uma “bagagem cognitiva” sociocultural, porque os conhecimentos adquiridos advêm do aprendizado, que por sua vez, se dá a partir das vivências e/ou experiências de um sujeito.

Por fim, podemos perceber que para a formação de uma unidade de coerência, são necessários os processos de referenciação, assim como também para os de coesão, já que a “tessitura” textual não abrange apenas a recuperação de referentes, mas sim a uma condução pretendida pelo locutor. Podemos levar isso para a sala de aula, mostrando aos alunos a contribuição que eles dão na (re)construção do texto, ressaltando as atividades cognitivas

envolvidas, sem deixar de ressaltar a importância dos conhecimentos prévios para tal realização.

2.4.2 Introdução referencial

Um conceito que é muito importante nos estudos da referenciação é a introdução referencial, que trata de um novo objeto de discurso, sendo inserido no texto ou sendo uma informação nova, que ainda não foi mencionada. Essa introdução se dá por meio de uma expressão referencial, que acarretará uma série de retomadas anafóricas, que já estariam associadas.

Falaremos de introdução referencial apenas quando um objeto for considerado novo no contexto e não tiver sido engatilhado por nenhuma entidade, atributo ou evento expresso no texto. Ao introduzirmos um referente no texto/discurso, devemos contar com o fato de o coenunciador se valer simultaneamente de muitos indícios (mesmo aqueles nem cogitados pelo enunciador) para representar essa entidade em sua mente. Tais indícios podem envolver, assim, outras modalidades de linguagem, que não apenas a verbal. Desse modo, uma imagem, os sons, os gestos, os links, qualquer pista contextual colabora tanto para a introdução referencial quanto para as anáforas (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO e BRITO, 2014: 58).

As introduções referenciais podem constituir também um dêitico, quando ao mesmo tempo que uma expressão é “inadequada”, ela pode estabelecer o tempo e o local em que está situada, como veremos no subtópico 2.4.3.1. Uma outra forma de introduzir referentes é através do texto não verbal, mesmo que acerca deste, algumas dúvidas surjam; como por exemplo quanto ao fato de se a imagem ou as expressões referenciais, qual delas seria processada primeiro pelo sujeito.

Cavalcante (2014) afirma que para podermos falar da coerência e das expressões referenciais, precisamos compreender como se dá a “tessitura” do texto. Com relação a isso,

uma introdução referencial é instaurada somente quando, durante o processo de compreensão, um referente (ainda que não manifestado por uma expressão referencial) é construído

pela primeira vez na mente do coenunciador do texto/discurso. Esse referente pode (ou não) ser retomado anaforicamente ao longo do texto (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO e BRITO, 2014: 60).

Na (re)elaboração de sentidos que falamos aqui, a introdução referencial não serve apenas como um elemento que apresenta novos referentes, mas que podemos ter, por meio desta – assim como por meio das anáforas diretas e indiretas –, a função de apresentar um ponto de vista que será reafirmado durante todo o texto.

2.4.3 Anáforas

Temos o termo anáfora na retórica clássica, como sendo a repetição de uma expressão ou de um sintagma no início da frase. Hoje, as anáforas se distanciam bastante das definições primárias, sendo que agora são vistas como termos que designam expressões e/ou enunciados, contribuindo numa continuidade referencial que é fundamental na coerência discursiva.

Como melhor forma de mostrar essa visão retórica é que analisaremos a visão de Milner (1982), citado por Marcuschi (2005), sobre as anáforas.

Ocorre uma relação de anáfora entre duas unidades A e B quando a interpretação de B depende crucialmente da existência de A, a ponto de se poder dizer que a unidade B não é interpretável a não ser na medida em que ela retoma- inteira ou parcialmente- A. Essa relação existe quando B é um pronome no qual a referência virtual não é estabelecida a não ser pela interpretação de um N” que o pronome “repete”. Ela existe igualmente quando B é um N” em que o caráter definido – isto é, o caráter de identidade do referente- depende exclusivamente da ocorrência, no contexto, de um certo N”- com efeito, geralmente, o mesmo do ponto de vista lexical. (MILNER, 1982 apud Marcuschi 2001b, p. 220)

O autor apresenta uma definição restrita de anáfora ao considerar que ela envolve uma simples “retomada” de referentes. Não considera a retomada correferencial como um processo anafórico, podendo amparar a ideia de que anáfora não equivale necessariamente à correferência.

Esta visão clássico/linear de anáforas desconsidera o problema da “referência textual”, por não haver congruidade morfossintática, porque nem

toda anáfora recebe uma interpretação numa atividade de simples atribuição de referentes. Como sabemos, são várias as formas existentes de construção referencial que não se baseiam exclusivamente na noção de correferencialidade, como é o caso das anáforas que não possuem antecedentes, por exemplo.

Por fim, como veremos na sequência, existem algumas subdivisões de anáforas, mas o que podemos encontrar de comum entre elas, é que todas têm a função de garantir a continuidade referencial, seja de modo direto (correferenciais) ou indireto (não correferenciais).

2.4.3.1 Anáforas diretas (correferenciais)

Vimos que as introduções não são ancoradas, já que elas ocorrem quando um objeto totalmente novo é apresentado ao discurso, operando, desta forma, como uma primeira categorização de referentes. Quando temos um elemento associado a outro dentro do cotexto, ou mesmo do contexto sociocognitivo, seja apontando ou remetendo, teremos, assim, as anáforas diretas ou correferenciais.

Em suma, as anáforas diretas se opõem às introduções referenciais porque essas visam à garantia de uma continuidade referencial. Assim, um caso de anáfora direta seria constituído por meio da retomada de um mesmo referente; e esta recategorização é responsável pela construção da formação de referentes na mente dos interlocutores.

As retomadas referenciais podem ser dadas por meio de

- pronomes substantivos, como “eles”, “nós”, “todos nós”, etc;
- sintagmas nominais diferentes, como “seis ou oito homens”;
- sintagmas nominais total ou parcialmente repetidos, como “que sol”, “o sol”, etc;
- sintagmas adverbiais, como “lá”. (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO e BRITO, 2014: 63)

Os referentes retomados tendem a evoluir podendo ser acrescentado a eles (até mesmo nas anáforas correferenciais) informações, sentimentos, opiniões, ocorrendo uma série de recategorizações feitas, seja pelo locutor ou

pelo interlocutor. Isso é de suma importância para os alunos, porque com isso eles podem ser capazes de compreender como um tema se desenvolve e como os referentes se transformam adquirindo novos significados.

2.4.3.2 Anáforas indiretas (não correferenciais)

Nas anáforas indiretas (não correferenciais) temos um tipo diferenciado de anáfora, já que não há a retomada pontual de um mesmo referente. Por meio destas é que o interlocutor pode operar na criação de inferências, muito embora não retomem a um objeto específico, e pareçam uma “nova” informação, elas se referirão a outros elementos presentes no cotexto.

A relação entre uma expressão referencial e uma anáfora indireta pode ser dada ancorada em pistas que não sejam, necessariamente, outras expressões referenciais, mas que acabam colaborando na representatividade de objetos do discurso. Um dos tipos muito comuns dessa relação, é por meio das metonímias, através da relação parte-todo.

As anáforas indiretas se distinguem das anáforas diretas, pelo fato de não haver explicitamente no cotexto um antecedente, mas sim um elemento de relação denominado *âncora*, que é de fundamental importância na compreensão, já que estamos falando de formas nominais que dependem de determinadas expressões para a “ativação de processos cognitivos”. Nas anáforas indiretas não ocorrem uma “retomada” de referentes, mas a ativação de novos referentes que podem ser reconstruídos através das âncoras.

As âncoras são responsáveis por assistir às anáforas indiretas,

elas engatilham a referência indireta a menções de outras expressões referenciais, ou a qualquer outra construção linguística do cotexto, e a inúmeras outras informações que provocam a bagagem de conhecimentos de quem participa dessa enunciação. (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO e BRITO, 2014: 72)

Esta acaba sendo uma das principais características deste tipo de anáfora, uma informação dependerá de outras fornecidas pelo contexto e “colaboram (...) para que o coenunciador junte as peças do quebra-cabeça dos

sentidos, da coerência textual” (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO e BRITO, 2014: 72).

2.4.3.3 Anáforas Encapsuladoras

Temos inicialmente a definição de que o encapsulamento anafórico é um recurso textual em que um sintagma nominal estabelece uma função de paráfrase de uma porção textual, e é inteiramente dependente do cotexto. Cavalcante (2003) define que o encapsulamento anafórico é

(...) mais do que a apresentação de uma paráfrase resumitiva de uma porção precedente no texto. Os encapsulamentos anafóricos podem ser considerados novos por pelo menos dois motivos. Em primeiro lugar, o próprio item lexical (o núcleo do sintagma nominal) é geralmente novo na medida em que não ocorreu no texto precedente. Em segundo lugar, e mais importante ainda, estamos lidando não apenas com categorização de informação cotextual dada, mas também com hipótese. (CAVALCANTE, 2003, p. 183)

As anáforas encapsuladoras ocorrem quando há uma expressão referencial que recupera determinada parte do texto. Os pronomes demonstrativos dêiticos podem apresentar grandes dificuldades nos estudos de encapsulamentos, isso porque a interpretação da anáfora poderia se estender por todo o parágrafo, como é o caso do pronome *isso*, que pode, muitas vezes, se referir a tudo o que se foi colocado anteriormente no texto. Sendo assim, temos uma visão dessa anáfora que vai além das que tentam simplificá-la ou que não a define bem, afirmando ser este um tipo de anáfora que fica entre a anáfora direta e a indireta.

Estas formas diferenciam-se dos outros tipos de anáforas porque

- (i) Os referentes dos sintagmas nominais anafóricos não são indivíduos, mas referentes com um status ontológico diferente: são entidades de uma ordem superior como estados de coisa, eventos, situações, processos ou fatos, proposições, atos de enunciação.
- (ii) O antecedente (se é legítimo falar de um antecedente) não é claramente delimitado no texto, mas deve ser reconstruído (ou mesmo construído) pelo ouvinte/leitor. (CAVALCANTE, 2003, p.179)

Assim, o encapsulamento é concebido como um recurso muito importante, principalmente em textos argumentativos escritos, ressaltando que esse recurso pode ocorrer com frequência no início dos parágrafos destes, funcionando, assim, como um recurso organizador da estrutura coesiva. Elas, as anáforas encapsuladoras, são realizadas por meio de “rotulação do discurso”, que tratam-se de sintagmas nominais que vem precedidos, na maioria dos casos, por pronomes demonstrativos; ou em alguns casos, por pronomes definidos.

No que diz respeito ao rótulo, eles se caracterizam como um recurso coesivo em que um sintagma nominal passa a resumir uma “porção textual”, e que eles podem ser prospectivos ou retrospectivos. Analisando estes rótulos, vemos que eles apresentam muita dificuldades na identificação, já que exige-se a identificação da porção textual que as expressões ou palavras sumarizavam, o que faz com que algumas vezes, se busquem referentes mais pontuais como fazemos com as anáforas diretas.

2.4.3.4 Dêixis

Os pronomes dêiticos exercem uma função importante que é a de localizar conteúdos no desenvolvimento de um texto. Eles são responsáveis por dirigirem o interlocutor para algum lugar específico no texto, através de impressões adverbiais como: assim, anteriormente, etc.

Há uma grande diferença entre esses pronomes dêiticos e os elementos encapsuladores. Esses possuem, como falamos, a função de mostrar ou apontar, funcionando como organizadores textuais. Já os encapsuladores anafóricos possuem um caráter resumidor de determinadas expressões.

O dêitico é responsável pela (re)focalização de conteúdos, e, com isso, acaba mantendo a atenção dos interlocutores tanto no cotexto como no contexto. Em nosso trabalho, como trataremos também da modalidade oral, através da entrevista, percebemos que alguns dos recursos apontados serão desconsiderados, já que na fala há uma tendência à repetição de palavras, e muita coisa pode ficar subentendida durante a comunicação, anulando a

necessidade de, por exemplo, precisar fazer muitas referências e “conduzir” o interlocutor.

Após essas definições dos processos referenciais, veremos como eles se formarão nas diversas atividades realizadas nas oficinas, e principalmente, como esses “objetos do discurso” serão transpassados de um gênero que demarca o falante em sua estrutura composicional, que é o caso da entrevista; para um outro em que eles deverão aparecer no corpo do texto, fazendo o devido enlaçamento dos referentes no texto.

3 GÊNEROS TEXTUAIS NA SALA DE AULA: OS PROCESSOS DE REFERENCIAÇÃO NA ATIVIDADE DE RETEXTUALIZAÇÃO DO GÊNERO ENTREVISTA ORAL PARA O GÊNERO MEMÓRIAS

Uma habilidade importante com relação à leitura e à compreensão é no que diz respeito ao conhecimento dos gêneros, pois é por meio destes que se desenvolve a linguagem e um leitor crítico capaz de se desenvolver nas diversas relações sociais. São estes textos específicos, dotados de características próprias, que dá margem para trabalharmos os aspectos que envolvem textualidade como a coesão, a coerência e os processos de referenciação, de forma mais próxima da realidade do educando. E para colocarmos os estudos destes aspectos em prática, utilizamos os gêneros entrevista e memórias.

Sabemos que os textos possuem uma forma relativamente estável, mas que quando possuem características em comum, são denominados gêneros. Seu estudo já tem cerca de vinte e cinco séculos, considerando que teve seu início em Platão, e que na antiguidade tanto se tinham outras motivações, com relação a eles, como tínhamos também a ocorrência de outros gêneros. Hoje, nos deparamos com uma gama de pesquisas voltadas para os gêneros, reconhecendo sua importância em nosso cotidiano. Portanto, ao dominarmos determinado gênero textual, não dominamos uma forma linguística, mas um modo de realização que obedece a diversas características em suas respectivas situações sociais.

Os estudos retóricos de gênero considera-o “como uma rica ferramenta analítica para o estudo dos ambientes acadêmico, profissional e público, mas também levou os pesquisadores a questionarem o ensino de gêneros fora do seu contexto de uso” (BAWARSHI e REIFF, 2013: 228). Assim sendo, os estudiosos defendem uma abordagem baseada na *aprendizagem*, mesmo com algumas dificuldades para os que se voltam para a parte da escrita.

Bawarshi (2013), no que diz respeito ao ensino de gêneros em seus contextos de uso, considera que esse processo de *aprendizagem* de gêneros precisa estar inserida no contexto sociocultural em situações reais de uso.

Hoje, no Brasil, temos as seguintes tendências relacionadas aos gêneros textuais:

- 1) Uma linha bakhtiniana alimentada pela perspectiva de orientação vygotskyana socioconstrutivista da Escola de Genebra representada por Schneuwly/Dolz e pelo interacionismo sociodiscursivo de Bronckart. Essa linha de caráter essencialmente aplicativo ao ensino de língua materna é desenvolvida particularmente na PUC/SP.
- 2) Perspectiva “swalesiana”, na linha da escola norte-americana mais formal e influenciada pelos gêneros nos estudos da UFC, UFSC, UFSM e outros polos.
- 3) Uma linha marcada pela perspectiva sistêmico-funcional é a Escola Australiana de Sydney, alimentada pela teoria sistêmico-funcionalista de Halliday com interesses na análise linguística dos gêneros e influente na UFSC.
- 4) Uma quarta perspectiva menos marcada por essas linhas e mais geral, com influências de Bakhtin, Adam, Bronckart e também os norte-americanos como Charles Bazerman, Carolyn Miller e outros ingleses e australianos como Günther Kress e Norman Fairclough, é a que se vem desenvolvendo na UFPE e UFPB. (MARCUSCHI, 2008: 152)

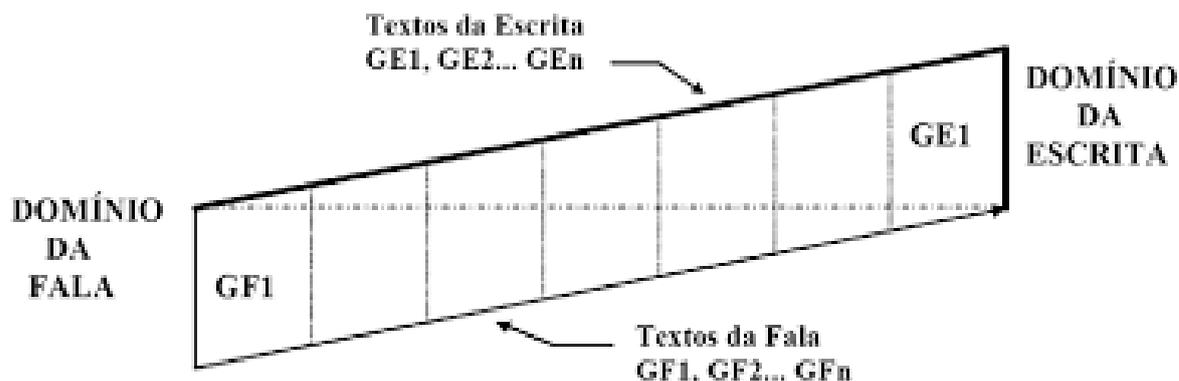
Inicialmente com Swales e em seguida com a Escola de Genebra, muitos pesquisadores na área de gêneros começaram a surgir no Brasil. Eles tinham como embasamento a teoria macroanalítica de Bakhtin que acabou subsidiando estes estudos de suma importância, já que os gêneros seguem durante toda a vida os usuários de uma língua.

Com relação à oralidade e à escrita, Marcuschi afirma que estas não devem ser vistas como coisas distintas, mas sim como um contínuo, já que em alguns gêneros como a entrevista, por exemplo, precisa ser falada, para depois ser escrita, do mesmo modo que há gêneros que invertem essa ordem, como uma conferência, que antes de ser falada, foi previamente escrita. O autor salienta ainda mais essa relação quando afirma que

como os gêneros textuais ancoram na sociedade e nos costumes e ao mesmo tempo são parte dessa sociedade e organizam os costumes, podem variar de cultura para cultura. Muitas vezes, refletem situações sociais peculiares com um componente de adequabilidade estrutural, mas há um forte componente de caráter sociocomunicativo. Assim, deve-se levar em conta o aspecto que diz respeito ao uso comunicativo dos diversos gêneros como determinante de formas estruturais. (MARCUSCHI, 2008: 190)

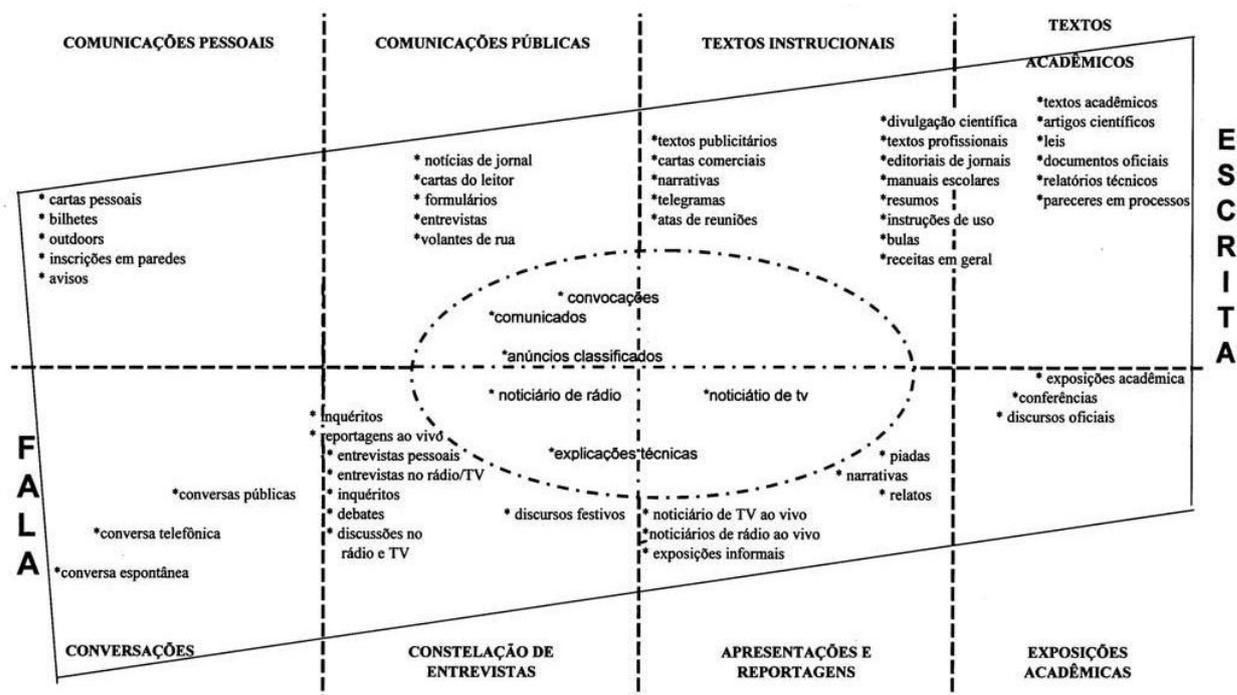
Como sabemos, a escrita não é uma simples representação da fala, cada uma apresenta características peculiares; sendo assim, não se pode situar língua e fala em sistemas diversos, mas elas compartilham o mesmo sistema da língua. Para ficar mais claro, vejamos o gráfico abaixo:

Figura 1: Fala e escrita



Fonte: MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola editorial, 2008: página 193.

Figura 2



Fonte: MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola editorial, 2008: página 193.

Analisando o gráfico, percebemos o “grande contínuo” dos gêneros ao analisarmos as relações entre língua falada e escrita, considerando que assim como há gêneros que podem ser encontrados em mais de um domínio discursivo⁴, há gêneros que transitam e podem existir na modalidade oral e escrita.

Os gêneros são padrões comunicativos socialmente utilizados, que funcionam como uma espécie de modelo comunicativos global que representa um conhecimento social localizado em situações concretas. Sociedades tipicamente orais desenvolvem certos gêneros que se perdem em outras tipicamente escritas e penetradas pelo alto desenvolvimento tecnológico. (MARCUSCHI, 2008: 190)

O autor faz uma relação dos gêneros correspondendo-os aos seus respectivos domínios discursivos, deixando claro que há gêneros, como já falamos, que podem transitar entre outros domínios discursivos, mas há a relação mostrando uma maior incidência de gêneros escritos em comparação aos orais. Mas como sabemos, há um certo relativismo envolvendo este aspecto, já que sabemos de culturas em que teríamos o contrário desta discrepância, predominando, assim, os gêneros propagados na oralidade.

Analisando os gêneros textuais na língua falada e escrita e sua relação com os PCN's, entendemos que há uma valorização dos gêneros formais em detrimento dos que são mais utilizados corriqueiramente, além de deixar a desejar a distinção entre tipologias textuais e gêneros textuais. Faltam, ainda, sugestões de mais produções de textos baseadas em gêneros, esquecendo-se assim, das atividades voltadas apenas para a compreensão. Percebemos que é necessário que avaliemos nossos livros didáticos a fim de que possamos fazer algumas adaptações e trabalhar gêneros que integrem também o cotidiano dos nossos discentes, tornando, possivelmente, as aulas mais dinâmicas e voltadas para a realidade em que estamos inseridos. Nessa perspectiva foi que surgiu a proposta de trabalharmos a questão da transposição de um gênero oral, por

⁴ Trata-se de domínio discursivo uma parcela da vida social em que ocorre as práticas em forma de comunicação. “Os domínios discursivos produzem modelos de ação comunicativa que se estabilizam e se transmitem de geração para geração com propósitos e efeitos definidos e claros.” (MARCUSCHI, 2008: 194)

meio da entrevista; para o gênero memórias, que já é do conhecimento dos discentes devido as Olimpíadas de Língua Portuguesa de 2015.

3.1 O GÊNERO ENTREVISTA

Quando nos deparamos com o gênero entrevista, o que nos vem logo à mente é sua localização em um contexto jornalístico, já que este é um local muito comum na propagação deste gênero; porém, não é o único, por sabermos da existência de entrevistas de emprego, entrevistas com finalidades de diagnósticos na área médica ou de outras espécies, o que torna este, um gênero recorrente em diversas esferas.

Um fator que também é característico deste gênero é a ocorrência de uma relação entre dois interlocutores: um entrevistador e um entrevistado; que “conversariam” sobre uma determinada temática, em um respectivo suporte textual. Para tanto, neste trabalho realizaremos a entrevista como meio de coletar fatos relevantes da vida de alguns membros da comunidade na qual a escola está inserida, a fim de transformar isso em memórias que “guardariam” vivências que tendem a ficar perdidas com o decorrer do tempo.

O gênero entrevista está tanto na oralidade quanto na escrita, como podemos ver no quadro de Modalidades de uso da língua proposto por Marcuschi (2008):

Tabela 1

Domínio discursivo	Modalidade de uso da língua	
	Escrita	Oralidade
Jornalismo	Editoriais; notícias; reportagens; nota social; artigos de opinião; comentário; jogos; histórias em quadrinhos; palavras cruzadas; crônica policial; crônica esportiva; entrevistas jornalísticas; anúncios classificados; carta ao leitor; carta do leitor; etc.	Entrevistas jornalísticas; entrevistas televisivas; entrevistas radiofônicas ;entrevistas coletivas;notícias de rádio;notícias de TV;reportagens ao vivo; comentários;discussões; debates; apresentações; programa radiofônico e boletim do tempo.

Fonte: Marcuschi (2008, p. 195)

Mesmo que o gênero entrevista esteja dentro do campo discursivo do jornalismo, podemos perceber que há uma diversidade com relação a um mesmo gênero, dependendo do objetivo por trás da(s) entrevista(s). Assim, podemos ter uma série de eventos comunicativos que se aproximam bastante de uma entrevista, como por exemplo, uma aula em que o professor faz uma pergunta e um aluno responde. O que não caracterizaria essa ocorrência como uma entrevista seria a falta de uma abertura e um fechamento, de um grau maior de informalidade e, principalmente o objetivo regente daquele ato comunicativo.

Em seu trabalho *O gênero entrevista pingue-pongue: reenunciação, enquadramento e valoração do discurso do outro*, a autora Silva (2007: p. 82), faz uma síntese de três concepções acerca do gênero entrevista. Na primeira, temos a “entrevista como procedimento de apuração de informações”, em que podemos ter como exemplo uma entrevista publicada que foi gerada por meio de uma interação “face a face” entre o jornalista e o entrevistado. Em seguida, há a “entrevista publicada em jornais e revistas, que pode ser exemplificada pela entrevista ‘pingue-pongue’⁵ que costuma aparecer nos gêneros reportagem e notícia. Por fim, temos a “entrevista na modalidade oral” (que comporá nosso objeto de pesquisa), que se dá geralmente no rádio ou na televisão. A respeito desta última concepção, Hoffnagel (2005) afirma que

A entrevista é um gênero primordialmente oral. Nas várias listas de gêneros entrevista, a maioria refere a interações orais (entrevista com médico, entrevista para conseguir emprego, entrevista coletiva, etc.), e mesmo com respeito à entrevista jornalística, pensamos primeiro nas entrevistas ao vivo dos programas de televisão e rádio. Quando publicada em jornais e revistas, na maioria das vezes, a entrevista foi feita oralmente e depois transcrita para a publicação. (HOFFNAGEL, 2005, p. 182)

Para o autor, a entrevista “pingue-pongue”, não se distanciaria muito da entrevista face a face, mas esta última seria apenas um método que geraria esta primeira. E ambas, por sua vez, seriam apenas um produto resultante de

⁵ Segundo Silva (2007), formato pingue-pongue são as entrevistas com perguntas e respostas muito comum em jornais e revistas, que Hoffnagel (2005) não difere da entrevista face a face.

uma entrevista oral anteriormente realizada. Contudo, ainda é bastante recente o estudo com relação a uma melhor definição e detalhamento do gênero em questão.

Como sabemos, o exato momento da ocorrência de uma entrevista oral é uma situação comunicativa única, em um momento também único e irrepetível; e “a partir de gravações ou anotações da entrevista face a face, esse enunciado é reenunciado como discurso citado em uma outra situação social de interação, com outros interlocutores (o leitor da revista), caracterizando um novo gênero” (SILVA, 2007: p. 86).

Quanto aos participantes da ocorrência do gênero, temos papéis complexos e diversificados: do jornalista/entrevistador, quem faz as perguntas; da pessoa que responde, o entrevistado; de quem edita e de quem vai ler a entrevista depois de pronta. Falamos em complexidade porque uma palavra em uma entrevista, se não for explicada com clareza para o aluno, poderá atrapalhar a compreensão do texto. Por exemplo, o pronome “você”, utilizado em uma pergunta feita por um entrevistador, pode dar a possibilidade de que o leitor compreenda que esteja fazendo referência a ele, durante o ato da leitura; e não com o entrevistado, como de fato estaria.

Mesmo percebendo a necessidade de ocorrência de mais estudos sobre o gênero entrevista, principalmente no que tange para o aspecto da sua consideração como contínuo; ela será de grande valia nos estudos voltados para os processos de referenciação em uma transposição que terá início em uma entrevista oral e culminará no gênero memória.

3.2 O GÊNERO MEMÓRIAS

Trabalhar com a diversidade de gêneros foi algo que os PCN's de 1998 já ressaltavam a importância, incluindo os gêneros literários e os não literários, pois isso acarretaria em um melhor desempenho dos alunos e um domínio destes respectivos gêneros, facilitando as situações comunicacionais. Quanto a isso, Brasil (1998)⁶ diz que,

⁶ BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998a.

Como representação um modo particular de dar forma às experiências humanas, o texto literário não está limitado a critérios de observação fatural (ao que ocorre e ao que se testemunha), nem às categorias e relações que constituem os padrões dos modos de ver a realidade e, menos ainda, às famílias de noções/conceitos com que se pretende descrever e explicar diferentes planos da realidade (o discurso científico). Ele os ultrapassa e transgride para constituir outra mediação de sentidos entre o sujeito e o mundo, entre a imagem e o objeto, mediação que autoriza a ficção e a reinterpretação do mundo atual e dos mundos possíveis (BRASIL, 1998a: p. 26).

Os parâmetros curriculares Nacionais (1998) consideram que “o texto literário é tido como um modo peculiar de representação e estilo, no qual predomina a força criativa da imaginação e a intenção estética” (BRASIL, 1998a: p. 26), ou seja, se o gênero memórias tem como propósito o registro escrito de lembranças de histórias pessoais contadas e/ou vivenciadas por alguém, é preciso ter consciência que o texto de memória, mesmo tendo bases reais, verídicas, há também um outro lado que só é de conhecimento do escritor, pois, não sendo um relato propriamente documental, cabe àquele que escreveu se utilizar de elementos como a criatividade e a imaginação, externos às experiências vividas e contadas.

Portanto, antes mesmo de iniciarmos propriamente a discussão sobre memórias, faz-se necessário saber qual a função deste gênero, que é incorporar ou registrar, antes de qualquer coisa, histórias e experiências de outrem ou de si mesmo, tendo, sobretudo, consciência de sua responsabilidade enquanto perpetuador de memórias. É sob alguns pontos de vista que elas podem ser consideradas como fazendo parte da literatura autobiográfica, já que possuem a função também de recriar situações, de registrar fatos importantes na vida de alguém, resgatando e ressignificando o passado; ressaltando, com isso, seu caráter histórico. E, mesmo que apresente uma estrutura considerada relativamente livre, faz-se necessário a estrutura: “apresentação, corpo e fechamento” (KÖCHE e BOFF, 2016: p.2).

Assim como há hibridismos no tocante aos gêneros textuais, como por exemplo, um escritor, ao produzir o gênero reportagem faz uso de outros com a finalidade de ser mais consistente e contundente em seus argumentos. Às vezes há também os casos em que um gênero complementa outro, isso no que

se refere ao processo de produção, e aqui entra a importância do gênero oral/escrito entrevista para o trabalho com as memórias, sobretudo na Olimpíada de Língua Portuguesa.

Sabendo que todo e qualquer tipo de comunicação se faz por meio de gêneros textuais é fundamental citar aqui um dos concursos, a nível nacional que mais se destacam pela relevância do trabalho proposto às escolas públicas brasileiras: a *Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro*. A partir deste, o aluno, com o apoio do professor poderá ter a chance de desenvolver a habilidade da escrita (escrita, porque para a seleção e avaliação só serão considerados textos escritos) e se apropriar desses *modelos relativamente estáveis*, como define Bakhtin (relativamente estáveis porque podem ser modificados dependendo de alguns fatores como propósito comunicativo, por exemplo), da forma mais coerente possível, utilizando-se de uma matéria-prima tão próxima a ele: as histórias e memórias das pessoas e do lugar onde vive. Como investigadores e escritores, os alunos terão que entrevistar algum morador mais antigo da comunidade e assim começa sua saga por vestígios e lembranças de histórias marcantes para que a partir destas possam iniciar suas produções.

O escritor de Memórias, ao se propor a escrever tal gênero, deverá saber que, assim como todo e qualquer gênero, há uma estrutura e elementos específicos que devem ser considerados, a fim de torná-lo reconhecível perante outros, assim como também coerente. Portanto, é possível a realização deste gênero por meio de impressões pessoais, em 1ª pessoa; fazendo a adaptação no uso de marcações e indicadores para um texto em 3ª pessoa, que é justamente nosso objeto de pesquisa neste trabalho, observando o uso dos “trâmites” linguísticos para fazer referências às pessoas que ganharem “voz” em suas memórias produzidas.

Segundo Marcuschi, “não há, nas memórias literárias, um compromisso com a fidelidade histórica, (...) mas com as vivências que afetam a memória afetiva, a memória involuntária e a memória dos sentidos” (MARCUSCHI, 2012: p. 57). Assim, a autora deixa claro que o gênero em questão não pode ser confundido com outros que têm como função social e finalidade preservar fiéis as informações, a exemplo da biografia ou autobiografia. Dessa forma, a função do escritor de memórias não se restringe a descrever fielmente os fatos

acontecidos consigo mesmo ou com outrem, mas sim reinventar, reconstruir e por que não lapidar, através da escrita, essas experiências vividas.

Nós, como seres humanos, temos a capacidade de lembrar coisas que já vivenciamos, fazendo uma evocação de acontecimentos que foram representativos em nossas vidas, assim como afirma Marcuschi que

O desejo de compreender o universo e seus fenômenos, preservar o passado e manter as tradições da comunidade, via memórias dos mais sábios e experientes, transmitidas oralmente de geração em geração, sempre obcecou as sociedades humanas, desde seus primórdios. Daí a abundância de narrativas, mitos e lendas que floresceram no período. (MARCUSCHI, 2012: p. 52)

Como meio de preservar essas vivências, as sociedades ágrafas utilizavam estratégias como personalizações e dramatizações que tinham a finalidade de que essas memórias sobrevivessem por mais tempo. Assim, “as memórias literárias têm como propósito sociocomunicativo mais saliente recuperar, numa narrativa escrita de uma perspectiva contemporânea, vivências de tempos mais remotos experienciadas pelo autor” (MARCUSCHI, 2012: p. 56), contudo, esse resgate de memórias antigas acaba sendo reconfigurada durante o processo de recuperação, porque com o passar do tempo muda-se a visão das experiências vividas, os desejos, os valores dos sujeitos, implicando diretamente em acréscimos e detalhamentos, seja na “criação” do que não estava lá, ou numa valorização de aspectos antes despercebidos. Portanto,

O sujeito que lembra, nas memórias escritas, é um controlador da autoria, da estruturação dos fatos, mas é muito mais um manipulador da função estética, dramática e lírica de todas as suas lembranças, em torno do desdobramento do sujeito que viveu, agora, seu personagem. O autor-escritor-narrador passa a ser muito mais o sujeito do verbo das lembranças: *eu me lembro, recordo bem*, ou passa a ser objeto direto ou indireto de pessoas, coisas e fatos lembrados, pronomes possessivos ou oblíquos (RAMOS, [200-?]: p.X).

Assumimos, assim, que há uma carga considerável de subjetividade no ato da criação de memórias, porque somente o autor é que estrutura e seleciona as informações que estarão presentes em seu texto. Portanto, nossa escolha se deu pela importância do gênero que recai em seu caráter histórico, pois à medida que se registra recordações de uma época, seus hábitos ou costumes, por exemplo, mesmo que moldadas, lapidadas; é possível atribuir novos sentidos e compreender melhor o tempo presente.

4. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Sabendo que esta é uma pesquisa qualitativa de natureza textual e sociocognitiva, temos uma proposta de intervenção didática planejada e executada seguindo os princípios metodológicos do Profletras. Assim sendo, este capítulo em que comentamos sobre os aspectos teórico-metodológicos da pesquisa, é composto de três seções: a retextualização como recurso didático para a produção escrita; universo da pesquisa e as fases da pesquisa, sendo a primeira composta por oficinas de textos e a segunda, trata da fase interventiva. Nestas seções nos referiremos aos alunos por meio de um código que traz por meio da primeira numeração de qual entrevista se trata (Exemplo: 1A15) e na numeração que segue a partir da letra **A**, é uma ordem aleatória das produções textuais de um aluno 1, por exemplo, até o número 37, que é a quantidade de alunos da turma.

4.1 A RETEXTUALIZAÇÃO COMO RECURSO DIDÁTICO PARA A PRODUÇÃO ESCRITA

A partir do momento em que colocamos uma pontuação em um texto inicialmente oral, que eliminamos as marcas interacionais deste texto, já temos os primeiros indícios de retextualização.

Sabe-se, hoje, que a escrita não é uma simples representação da fala. Elas se aproximam quando consideramos que ambas têm o intuito primordial de produzir e/ou atingir um efeito de sentido em uma determinada situação. Por outro lado, diferem-se pelo fato de uma não conseguir reproduzir, fidedignamente, o que é característico de cada um, como Marcuschi (2005, p.17) afirma quando diz que

(...) a escrita não consegue reproduzir muitos fenômenos da oralidade, tais como a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos, entre outros. Em contrapartida, a escrita apresenta elementos significativos próprios, ausentes na fala, tais como tamanho e tipo de letras, cores e formatos, elementos pictóricos, que operam como gestos, mímica e prosódia graficamente representados. (MARCUSCHI, 2005, p.17)

Com isso, percebemos que tanto a oralidade quanto a escrita possuem características próprias e apresentam certas limitações com relação uma a outra. Segundo Marcuschi (2005), os alcances de cada uma são demonstrados em suas respectivas realizações como sendo de um lado o som, e do outro, a escrita. Mas, ao mesmo tempo também ambas permitem construções sintáticas e semânticas, assim como variações dialetais, sociais e estilísticas.

É nessa atmosfera que percebemos o desafio na retextualização de um texto oral para um escrito, desmistificando que esse, não visa, por meio da escrita, uma organização, já que se tratam de duas realizações sociointerativas da língua, que, como já falamos assemelham-se e diferenciam-se.

Sendo assim, é primordial a consciência de que a escrita não representa a fala, sendo importante que analisemos os processos de transformações de um texto falado para um escrito.

Esse processo acaba sendo mais natural do que imaginamos, já que o fazemos corriqueiramente em nosso dia a dia, quando, por exemplo, fazemos anotações durante uma aula ou resumimos um livro que lemos; porém, “a retextualização não é um processo mecânico, já que a passagem da fala para a escrita não se dá naturalmente no plano dos processos de textualização” (MARCUSCHI: 2005, p.46); isso porque envolve mecanismos complexos que interferem tanto no código quanto no sentido.

As transformações ocorrem automaticamente pelos usuários, o que não nega o fato de que esses processos são carregados de complexidade, embora pareçam simples.

A retextualização vai além de uma transcrição ou transcodificação, já que esta é apenas a ocorrência de passar um texto oral para o escrito, muito embora haja, nesse processo, a compreensão, já que para transcrevermos, partimos de uma dada compreensão. Assim sendo, o processo de retextualizar interfere mais nessa “transformação”, pelo fato de termos mudanças mais pontuais na linguagem.

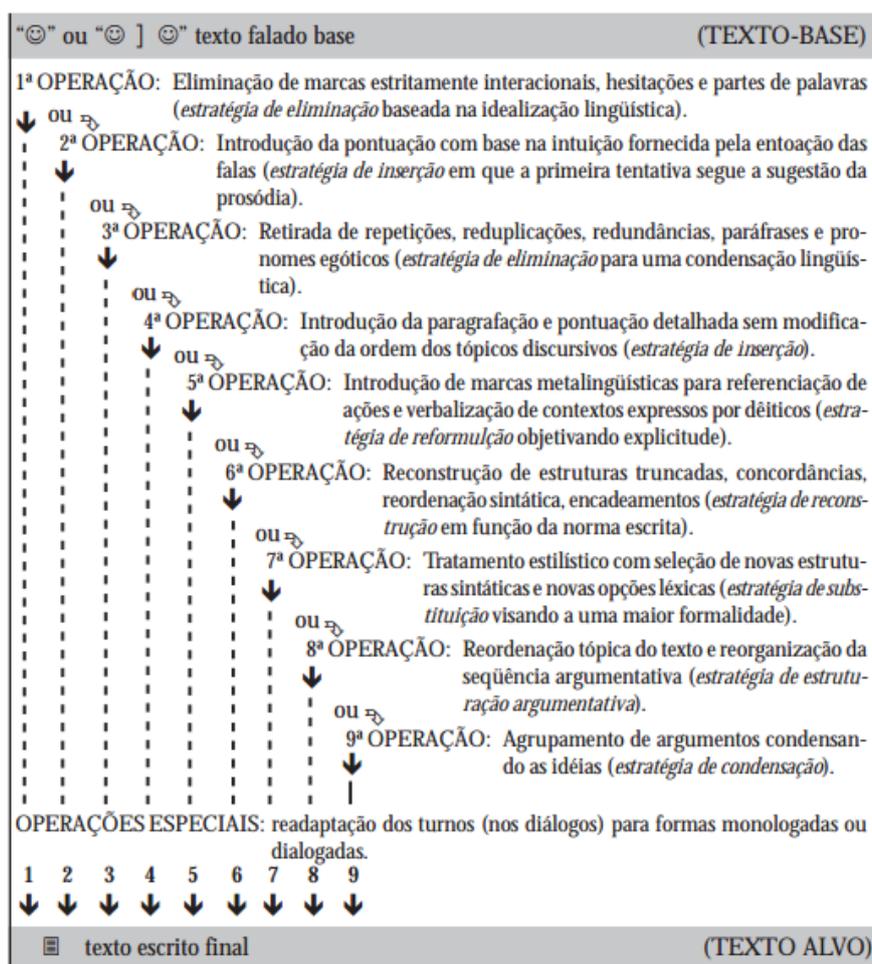
Alguns pontos devem ser considerados durante o processo, que é o objetivo ou propósito da retextualização, assim como a relação entre o gênero base e o gênero da retextualização. A transformação de um gênero oral para o seu correspondente textual traz mudanças menos drásticas do que quando

mudamos também o gênero textual, como no nosso caso, de uma entrevista-gênero sonoro, para uma narrativa- gênero textual.

Alguns estudos já foram realizados no que diz respeito à transformação de um texto falado para um escrito. Marcuschi (2005) propôs, então, um modelo que pode auxiliar tanto no ensino como em propostas de investigação. No aspecto técnico, temos a divisão em um bloco A, que engloba as atividades de idealização, eliminação, completude e regularização; e um bloco B constituído por atividades de reformulação que são: acréscimos, substituições e reordenações; sendo este último bloco o foco de nossa pesquisa, por corresponderem à parte da (re)construção do texto.

A partir disso é que temos nove operações agrupadas em dois conjuntos:

Figura 3 – Operações



Fonte: MARCUSCHI, L.A. – *Da Fala para a Escrita: Atividades de Retextualização*. São Paulo: Cortez, 2005.

As operações que merecerão enfoque serão a 3ª operação, que trata da retirada das repetições, reduplicações, redundâncias e pronomes egóticos; e a 5ª operação, que trata da “introdução de marcas metalinguísticas para referenciação de ações e verbalização de contextos expressos por dêiticos” (MARCUSCHI, 2005, p.), estratégia que objetiva a explicitude e que nos subsidiará no desenvolvimento desta pesquisa.

4.2 UNIVERSO DA PESQUISA

Esta pesquisa foi desenvolvida em uma turma de 9º ano da Escola de Educação Básica Professora Ana Clara Andrade Nantua Bento, situada no bairro São Francisco, no município de Morada Nova, localizado no Vale do Jaguaribe, no interior do Estado do Ceará.

O colégio Ana Clara é uma escola pública de ensino fundamental, que atua sob a responsabilidade da Prefeitura Municipal de Morada Nova, estando situada nas proximidades de bairros periféricos da cidade, de onde vem a maioria dos alunos(as), oriundos de famílias com baixa renda.

A comunidade em que a referida escola está inserida atende, principalmente, às famílias do bairro Nossa Senhora da Conceição (antigo Açude Velho) e as do bairro São Francisco, composta por famílias com dificuldade de inserção no mercado de trabalho, em que poucos conseguiram concluir o ensino médio, e que possuem precárias condições de sobrevivência.

A turma escolhida para o desenvolvimento da pesquisa é a 9ª série, do turno da tarde. A faixa etária dos alunos é de 15 anos de idade, possuindo também alguns alunos fora de faixa, com 17 e 18 anos; e é composta por 37 alunos, destes, sendo 20 homens e 17 mulheres.

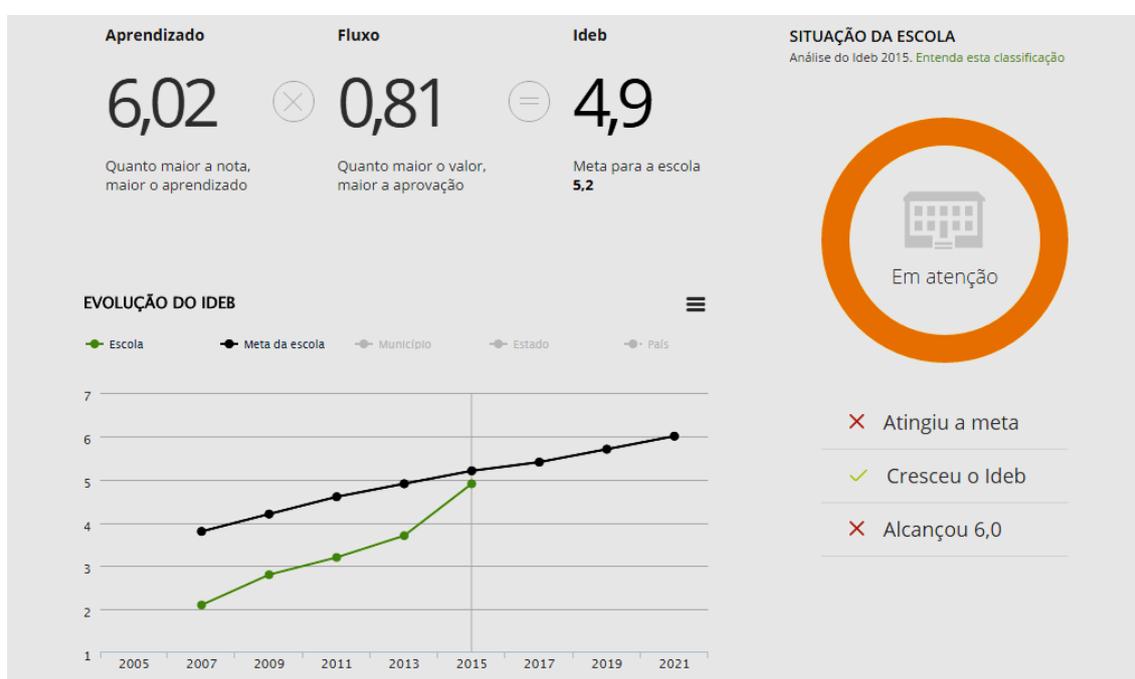
4.2.1 Os resultados da escola nas avaliações externas

Com relação às avaliações externas, a escola participa da Avaliação Nacional do Rendimento Escolar - Anresc (também denominada "Prova Brasil") e do SPAECE- Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do

Ceará; ambas visando promover um ensino de qualidade para os alunos das escolas públicas do estado do Ceará.

Na Prova Brasil, os alunos do 9º ano respondem 26 itens de Língua Portuguesa e 26 de Matemática, em 2 horas e 30 minutos. E, como se realiza a cada dois anos, a escola teve, do ano de 2009 para 2011, uma redução de 1 ponto percentual, caindo de 21% para 20% e de 2011 para 2013, um acréscimo de 8 pontos, indo de 20% para 28% (2013). Já no ano de 2015, o desempenho da escola pode ser visto no gráfico abaixo:

Gráfico 1



Fonte: QEdu.org.br. Dados do Ideb/Inep (2015).⁷

Embora tenha acontecido um crescimento do ano de 2013 para o ano de 2015, percebemos, com o gráfico, que a escola ainda não conseguiu atingir a meta para o ano, que seria 5,2; assim como também não alcançou a nota apresentada da parte de cima do gráfico que é 6,02, nota considerada como ideal a nível estadual, e, portanto, o que se espera das escolas participantes.

⁷ <http://academia.qedu.org.br/prova-brasil/matriz-de-referencia-lingua-portuguesa/> Acesso em 27/08/2016 as 16:54h.

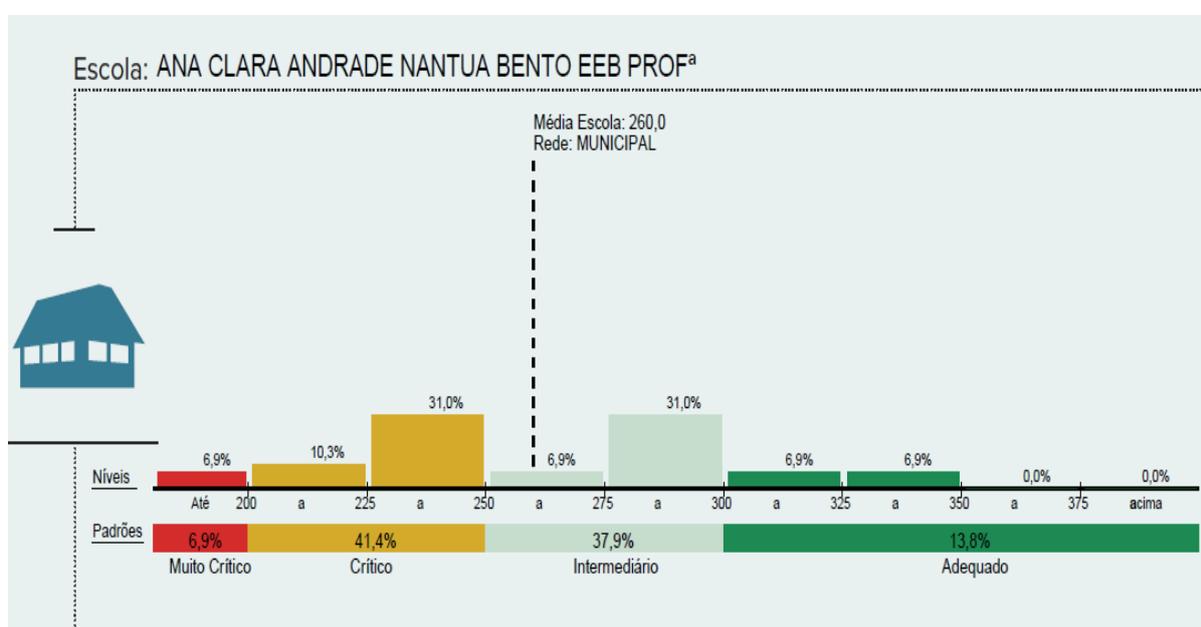
<http://www.qedu.org.br/escola/67401-ana-clara-andrade-nantua-bento-eeb-prof/evolucao> Acesso em 27/08/2016 as 15:05h.

<http://www.qedu.org.br/escola/67401-ana-clara-andrade-nantua-bento-eeb-prof/aprendizado> Acesso em 27/08/2016 as 15:14h.

Dos 37 alunos do 9º ano que realizaram a prova no ano de 2015, 28% foi a proporção de alunos considerados no nível adequado na competência de interpretação de texto e leitura. Como resultado dessa breve análise, percebemos o quão necessário é um trabalho envolvendo estes aspectos que abrangem a compreensão leitora.

Voltando-nos agora para a avaliação do SPAECE, pode-se ver com base na tabela que segue, que os números mais expressivos da escola são nos níveis crítico, com 41%, e no intermediário, com 37,9%.

Gráfico 2



Fonte: <http://www.spaace.caedufjf.net/o-programa/#>⁸

Este sistema de avaliação, diferentemente da anterior, ocorre anualmente, mas ainda não temos dados para analisarmos o corrente ano (2016), então, comparando os resultados de 2014 com os de 2015, é notório que o nível crítico aumentou de 5,7% (em 2014) para 6,9% (em 2015), e que o intermediário caiu de 57,1% para 37,9%, porém, houve um significativo aumento no nível considerado adequado, em que a escola passou de 0,1% para 13,8% em 2015.

⁸ <http://www.spaace.caedufjf.net/o-programa/#> Acesso em 27/08/2016 as 17:50h. QEdu.org.br. Dados do Ideb/Inep (2015) Acesso em 10/09/2016.

O SPAECE avalia os alunos com base no domínio de competências e habilidades, buscando diagnosticar o nível de conhecimento e se houve, de fato, um crescimento da escola. A base para a avaliação de itens é feita por uma mescla de conteúdos com habilidades que devem ser desenvolvidas, gerando, assim, a seguinte matriz:

Figura 4

Matriz de referência de Língua Portuguesa

Matriz de Referência de Língua Portuguesa*	
Tópicos e seus Descritores – 8ª Série/ 9º Ano do Ensino Fundamental	
I. Procedimentos de Leitura	
D1	Localizar informações explícitas em um texto.
D3	Inferir o sentido de uma palavra ou expressão.
D4	Inferir uma informação implícita em um texto.
D6	Identificar o tema de um texto.
D14	Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato.
II. Implicações do Suporte, do Gênero e/ou do Enunciador na Compreensão do Texto	
D5	Interpretar texto com auxílio de material gráfico diverso (propagandas, quadrinhos, foto, etc.).
D12	Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros.
III. Relação entre Textos	
D20	Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que tratam do mesmo tema, em função das condições em que ele foi produzido e daquelas em que será recebido.
D21	Reconhecer posições distintas entre duas ou mais opiniões relativas ao mesmo fato ou ao mesmo tema.
IV. Coerência e Coesão no Processamento do Texto	
D2	Estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a continuidade de um texto.
D7	Identificar a tese de um texto.
D8	Estabelecer relação entre a tese e os argumentos oferecidos para sustentá-la.
D9	Diferenciar as partes principais das secundárias em um texto.
D10	Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa.
D11	Estabelecer relação causa/consequência entre partes e elementos do texto.
D15	Estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios, etc.
V. Relações entre Recursos Expressivos e Efeitos de Sentido	
D16	Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados.
D17	Reconhecer o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações.
D18	Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão.
D19	Reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfosintáticos.
VI. Variação Linguística	
D13	Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.

Fonte: Matrizes de Referência, temas, tópico e descritores (BRASIL, 2011)

Com o desenvolvimento do nosso trabalho, percebemos que ele terá seu foco no tópico IV, que tratara da Coerência e Coesão no Processamento

do Texto, mas que poderá transitar tanto no tópico II, que trata dos gêneros textuais, quanto no I, que envolve procedimentos de leitura.⁹

4.3 AS FASES DA PESQUISA

Nossa pesquisa é composta de duas fases; uma primeira em que tivemos oficinas de textos para trabalharmos os assuntos que envolvem coesão e coerência, que já estavam previstos no plano de curso para o 3º bimestre, e que servirá de preparação para o nosso trabalho de intervenção. E uma segunda fase, que seria a intervenção propriamente dita, de um texto oral para um texto escrito.

4.3.1 Fase diagnóstica – Oficinas de textos

Realizamos, como forma de preparação dos alunos para as abordagens do estudo dos processos de referência, algumas atividades com questões adaptadas tanto do *Programa de Gestão da aprendizagem escolar – GESTAR II* (2008), que apresenta algumas questões de apoio para a Formação continuada de professores dos anos/séries finais do ensino fundamental, sobre os conteúdos de coerência e coesão; assim como também da obra *Coerência, referência e ensino* (2014), de Cavalcante, Custódio Filho e Paiva Brito.

A aplicação dessas questões resultou em oficinas que foram realizadas como um modo de abrirmos espaço para o compartilhamento de saberes, em que os educandos poderiam trazer seus conhecimentos prévios, fazendo assim, com que compreendam e/ou analisem as questões em pauta. A seleção das atividades se deu com objetivos diversificados que buscam identificar como a unidade de sentidos nos textos é construída; como são empregados, em função coesiva, os elementos linguísticos; e principalmente, a importância que as anáforas diretas e indiretas têm para a progressão do texto, a partir, é claro, do reconhecimento inicial das mesmas.

⁹ Na oficina número II, tratamos dos sentidos que envolvem o texto, e na IV, o trabalho volta-se para o texto humorístico; o que nos leva a perceber que nosso trabalho também envolveria o tópico V.

4.3.1.1 Oficina I: Conceitos de língua, fala e escrita (Realizada em 3 aulas)

Nesta primeira oficina, tivemos uma explanação breve acerca do conceito de língua, vendo que se a percebermos como um artefato que designa o mundo, teríamos a concepção de que falar do mundo seria simplesmente uma forma de retratar a realidade, um modo de atribuir “etiquetas” aos objetos de mundo. Assim, a língua seria atividade cognitivo-discursiva desenvolvida pelos sujeitos nas interações sociais, o que nos leva a perceber que os objetos não são “dados”, eles não possuem uma existência “extra-cognitiva”, na verdade, eles são construídos pelo meio e reconstruídos socialmente.

Para Marcuschi, a língua pode ser vista “como forma ou estrutura, como instrumento, como atividade cognitiva ou como atividade sociointerativa situada” (MARCUSCHI, 2008: 59). Primeiramente, temos um tratamento da língua de forma “abstrata”, sendo esta, uma visão embasada em Saussure e Chomsky e que despreza os aspectos relacionados à significação, à compreensão, ao contexto e à situação. A língua sendo vista como instrumento retira fatores importantes como os aspectos cognitivo e social, além de considerar a compreensão como algo objetivo e de “fácil manuseio”. Já na perspectiva da língua como atividade cognitiva, desconsidera o que a cultura e as experiências vividas poderiam contribuir para uma (re)constituição da língua dos falantes. Por fim, temos a concepção de língua por nós adotada, já que esta considera que o sentido pode ser produzido, observando sua propagação nos aspectos sociais, cognitivos e históricos; trata-se de uma posição que “toma a língua como uma atividade sócio-histórica, uma atividade cognitiva e sociointerativa” (MARCUSCHI, 2008: 60). Embasando-nos nisso, foi que puxamos as discussões a respeito do fato de a língua ser responsável por estruturar o nosso conhecimento, isso por se tratar de uma atividade mental, interativa e social.

No aspecto da fala e da escrita, fizemos considerações a respeito das diversas formas, estabelecidas pela capacidade humana, de comunicação e de expressão. A partir disso, foi feita uma abordagem prévia com perguntas que os levassem a refletir sobre o uso da língua como: “Qual é mais importante, a fala ou a escrita?; Por quê?”; “Nós falamos da mesma forma que escrevemos?”. A partir das discussões foi que tivemos algumas colocações

que afirmavam ser a escrita superior à fala; e assim pressupomos que essa visão dada pela maioria dos alunos, refletiu o pouco enfoque dado aos gêneros “reais” que muitas vezes são propagados através da fala.

Nessa atmosfera, lançamos a primeira atividade para os discentes, na qual eles construiriam um texto oral, visando, com isso, analisarmos alguns aspectos que utilizamos em uma dada situação de fala, mas que não é aceito em um texto escrito.

Atividade 1: “Uma história muito louca” (oral).

Na realização desta atividade, utilizamos o celular para gravar a produção oral, e os únicos comandos passados foram, que em círculo, um dos alunos iria começar a contar uma história, e que os demais, seguindo a ordem, dariam sequência ao texto, sem interferência, enquanto o colega estivesse inventando sua parte.

Durante a criação da história, percebemos algumas dificuldades na continuação da história, sendo que neste momento, a saída mais utilizada foi a inclusão de novos personagens, o que fez com que o sentido do texto fosse comprometido em alguns momentos. Assim, foram necessárias algumas interferências para uma construção de sentidos coerente.

Atividade 2: Análise do áudio da história criada pela turma.

Após a gravação dessa *História muito maluca*, fizemos a reprodução do áudio gravado e pedimos que o ouvissem com bastante atenção. Na segunda vez, ouvimos a história pausando sempre que necessário e avaliando algumas palavras ou expressões que são típicas da oralidade; já que este foi o aspecto mais apontado pelos alunos, e que, portanto, deveriam ser excluídos de um texto escrito.

Outro fator relevante e que foi observado pelos alunos, foi o fato de ter sido recorrente a repetição do nome dos personagens, porque a maioria dava continuidade à sua parte da história, caracterizando ou atribuindo novas ações a um dado personagem, sentindo a necessidade de estar repetindo o nome deste a cada nova construção. Com isso, tivemos uma prévia do que trataremos em nossa proposta interventiva.

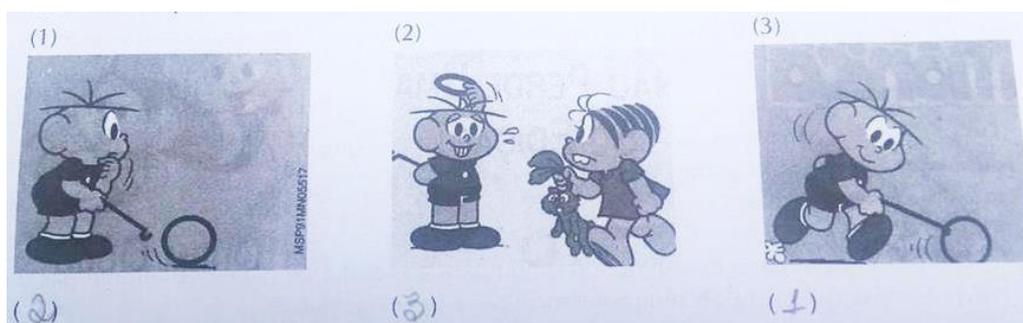
4.3.1.2 Oficina II: A relação de sentidos (Realizada em 2 aulas)

As atividades propostas nesta oficina têm como objetivo a identificação de como uma unidade de sentidos é construída em um texto com imagens e como serão utilizados os elementos coesivos nessa construção de sentidos.

Atividade 1: A construção de sentido em textos imagéticos

Esta primeira atividade, trata, simplesmente, da ordenação de uma sequência narrativa por meio de algumas informações presentes nas imagens, atentando para a sequência de ações que ocorrem nos quadinhos, como veremos no quadro abaixo:

Figura 5



A sequência esperada, seria 3, 1 e 2; mas 11% dos alunos não conseguiram organizar as ações de Cebolinha, que seria, inicialmente, estar brincando, depois pensar em como resolver algum problema e disfarçar sua brincadeira quando Mônica chega. A maioria dos discentes que conseguiu responder a sequência das imagens, justificaram que reconheceram as cenas como fazendo parte de uma mesma história com as seguintes respostas:

Figura 6

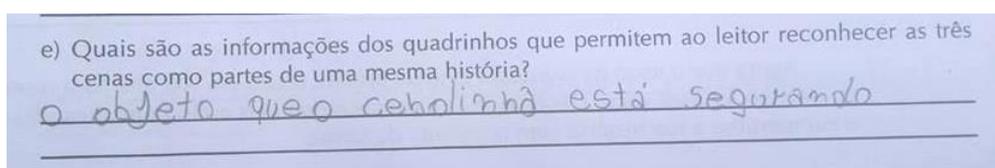


Figura 7

e) Quais são as informações dos quadrinhos que permitem ao leitor reconhecer as três cenas como partes de uma mesma história?

porque apresenta os mesmos personagens e os objetos.

Estes aspectos foram os mais apontados como o que garante tanto que os quadrinhos se tratem da mesma história, como a continuidade das ações, já que há a presença do personagem principal em todos os quadros, e com ele, há a presença também do objeto que Cebolinha está brincando.

Após a realização desta ordenação, de forma individual; algumas discussões foram surgindo; primeiramente em forma de argumentos para justificar a ordem colocada por eles, atribuindo um significado para isso; e depois, eles foram incumbidos de encontrar possíveis elementos (conectivos) que servirão de “cola” na produção de um texto, seja ele falado ou escrito.

Atividade 2: De um texto não verbal para um texto verbal

Nesta atividade, os alunos teriam que narrar a história em quadrinhos apresentada na questão anterior, que como podemos observar, não apresentam a linguagem verbal. Para isso, eles teriam disponível um quadro com alguns conectivos que poderiam ser utilizados sempre que julgassem necessário. Com isso, tivemos tanto uma utilização precária dos elementos de coesão, como também tivemos um uso abusivo destes sem estar de fato estabelecendo o sentido que cada um apresentaria.

Figura 8

Com um belo dia estava brincando na
 praça e brincando com meus brinquedos
 quando de repente apareceu a menina a
 estranhamente me olhar,
 Ela briga com todos os meninos da
 rua ela não deixa ninguém "brincar" com
 seu "bebe"zinho.
 Ela quer brincar em todo mundo, por
 isso que todos tem medo dela.
 Conheci quando estava brincando em
 minha frente pensei logo que ela iria
 com brincar, mas não me deu a
 chance um dia cumprimentei UFA!

Mesmo utilizando conectivos como *e*, *por isso*, e *mas*; tivemos o segundo parágrafo, em que o aluno não fez uso destes elementos; além do repetitivo uso do pronome "ela" para se referir à Mônica, utilizando este, inclusive, no início de dois parágrafos (2º e 3º) para atribuir características e traços da personalidade da personagem. No exemplo a seguir, podemos observar uma forma diferenciada no uso dos conectores.

Figura 9

Certo dia Cebolinha está em um belo lugar brincan-
 do com sua argola, mas com um tempo ele brincadei-
 ra ele para e pensa em alguma coisa, portanto não
 sei o que é, em seguida ele avista Mônica e fica
 muito nervoso, assim ele esconde seu brinquedo, mas
 a argola ele coloca na cabeça, para parecer um
 corvo, ela olha com a cara muito brava para ele e
 assim mesmo passa e pronto.
 É mesmo com Mônica brava, ele continua a brincar
 com aquilo que parecia indiferente, mas em certo momen-
 to ele cansa e pensa consigo mesmo poderia fazer com seu
 brinquedo, e consegue fazer coisas com aquilo que
 tanto gostava de brincar.

Neste texto, podemos perceber alguns usos inadequados dos conectivos como, por exemplo, o *mas* (2ª linha) que, ao invés de estabelecer uma ideia de adversidade, foi colocado como conjunção aditiva. Observamos também uma outra ocorrência semelhante a esta na 5ª linha. Sabe-se que geralmente, para que o *mas* possa vir a dar uma ideia de adição, ele aparece acompanhado do *também* (mas também), o que não está sendo feito com o acréscimo da informação. Já o *portanto* (3ª linha), poderia ser substituído por uma adversativa, já que estaria expressando uma ideia contrária, afirmando não saber o que Cebolinha pensava. Além destes, há também o uso de dois conectores com sentidos afins, que é o *em seguida* e o *assim*; que são utilizados no texto muito próximos um ao outro, sendo que estas ideias poderiam ser conectada com o uso de apenas um destes. No segundo parágrafo, já há um uso dos conectivos que estão de acordo com as ideias que o aluno pretende colocar no texto.

4.3.1.3 Oficina III: Texto lacunado (Realizada em 1 aula)

Nesta oficina, tivemos como atividade o teste lacunado ou *cloze*, que é uma técnica que começou a ser utilizada principalmente a partir da década de 70 por pesquisadores de leitura e linguagem, e que constitui-se de um modelo de testagem bastante usado no campo da linguística aplicada.

Trata-se de uma ferramenta muito importante no que diz respeito à compreensão leitora. É feito através da escolha de um texto, em que do original, omitimos algumas palavras a fim de diagnosticar a compreensão dos leitores. Optamos aqui, por não seguir a proposta inicial do teste em que sempre teríamos a omissão do quinto vocábulo, mas ocultarmos apenas a palavra *esporte*, que é muito recorrente no texto; para que assim compreendêssemos as estratégias utilizadas pelos discentes para preencher as lacunas com seus respectivos componentes.

Os espaços foram dispostos em tamanhos iguais para que o fato de ser maior ou menor não pudesse interferir na escolha das palavras, restando-lhes apenas analisar o contexto e escolher dentre as opções, a que melhor agregaria sentido ao texto.

Atividade 1: Aplicação do teste “cloze”

Esta atividade exige o reconhecimento da participação dos referentes e sua relação com a articulação tópica. Assim, cabe a ele compreender qual o referente responsável pelo tópico mais importante no texto, percebendo as relações hierárquicas existentes.

Texto-base:

Os _____ mais praticados na Holanda

A Holanda, também conhecida como "Os Países Baixos", tem como um dos _____ mais tradicionais o futebol, com astros como Johan Cruyff, Marco van Basten e Ruud Gullit. O Oranje, a seleção nacional jogou 10 partidas contra o Brasil em torneios oficiais, vencendo em duas delas, empatando em quatro e perdendo outras quatro (2000). Seu melhor resultado contra a seleção brasileira foi 2-0 (Copa do Mundo '74) e a pior, 1-5 (Jogos Olímpicos '52).

A patinação no gelo é outro _____ amplamente e tradicionalmente praticado em pistas naturais (rios e lagos, onde é frio o bastante). Durante o inverno, quando as águas no interior do país congelam, ocorre a maior maratona de patinação em gelo natural: a Corrida das Onze Cidades (Elfstedentocht) acontece na província de Frísia.

Alguns _____ em ambiente interno muito praticados são hockey, badminton, squash, vôlei, basquete, handebol, boxe e tênis de mesa, enquanto que equitação, beisebol, natação e vela estão também entre os _____ em ambiente aberto mais popular. Outros _____ mais tradicionais são o Sjoelen, um jogo divertido para amigos e família, o Klootschieten, um jogo popular na região de Twente, o Fierljeppen, um tipo de salto à distância com vara e o Beugelen, um esporte da província de Beugelen de tal importância que foi incluído na lista dos Patrimônios Mundiais.

<http://esportesholanda.blogspot.com.br/2010/06/os-esportes-mais-praticados-na-holanda.html>. Acesso em

A palavra *esportes* foi colocada nas lacunas pela maioria dos alunos, muito embora alguns deles tenha colocado a palavra no singular, mesmo seu entorno textual pedindo uma palavra no plural. Em outros poucos casos, tivemos a substituição da palavra *esportes* por *jogos* e *exercícios*; e quando indagados se poderíamos fazer uso da palavra *modalidades*, tivemos como justificativa o fato de a palavra ser feminina, e por isso não poderia ser colocada naqueles espaços vazios, já que os artigos exigiam o masculino. No segundo parágrafo, temos o seguinte trecho:

A patinação no gelo é outro _____ amplamente e tradicionalmente praticado em pistas naturais (rios e lagos, onde é frio o bastante).

Neste, tivemos duas ocorrências em que o espaço foi completado com a palavra *grande*, mesmo que em seguida a palavra *amplamente* já tenha a ideia de algo com proporções consideráveis. Excluindo esses fatos isolados,

com esta atividade conseguimos atingir nossos objetivos com relação à articulação tópica e aos processos de referenciação.

4.3.1.4 Oficina IV: A referenciação em textos humorísticos (Realizada em 1 aula)

Os estudos sobre referenciação ainda têm muito a ser explorado no que diz respeito aos possíveis desdobramentos que este tema é capaz de gerar. Um desses aspectos é como a construção dos referentes pode ser feita pelo leitor em textos humorísticos e em imagens, pois esta última também gera conteúdos para análise e interpretação de textos.

Atividade 1: Seleção de textos para análise.

Esta é uma atividade que possui como material para análise uma seleção de textos humorísticos, que além de ser um tipo de texto que atrai bastante a atenção dos alunos, é um texto curto e que possibilita construções do discurso por meio de recursos linguísticos diversificados. Como exemplo, veremos um dos textos apresentado aos alunos.

Figura 10



Neste texto de linguagem mista temos alguns elementos que foram colocados em destaque na discussão em sala, como o fato da mulher na imagem ser a esposa, mesmo que isso não esteja dito; a fisionomia apresentada por esta; o som que representa a abertura da porta; e principalmente, por meio da escrita, as punições que seriam destinadas ao marido, dependendo dos comportamentos inadequados praticados por ele.

Percebemos, por meio da imagem, que quanto maior a infração que poderia ser cometida pelo esposo, maior seria sua punição, o que nos mostra que assim como os recursos linguísticos, os visuais também contribuem para a coerência de um texto, já que há um processo sociocognitivo que contribui para a produção dos sentidos.

Atividade 2: Interpretação do diálogo e da tirinha cômica do Suricate Seboso.

Para a realização desta atividade, que tinha como objetivo principal o reconhecimento das expressões dêiticas e sua importância na obtenção de efeitos de humor; colocamos, antes mesmo do primeiro contato com a tirinha do Suricate seboso, o seguinte diálogo no quadro:

Filha: Pai, quero namorar!
Pai: Tá aqui seu namorado!

A partir disso, foram feitas algumas inferências pelos alunos, já que eles estranharam, principalmente, o fato de a filha chegar para o pai e perguntar se poderia namorar, e o pai, com prontidão, já lhe apresentar um namorado. Muitos associaram o diálogo às suas vivências, afirmando que têm pais bastantes rígidos quando se trata deste assunto. Em seguida, pedimos que eles pudessem levantar hipóteses que tornassem aquele diálogo coerente, algo que fizesse sentido para eles. E nesta situação, surgiram algumas respostas como se o pai estivesse com um pedaço de pau para bater na filha, considerando que seria bastante incomum o pai estar com um possível pretendente para sua filha. E somente depois de encerradas as discussões, foi que entregamos as folhas com a seguinte tirinha:

Figura 11



http://instaliga.com/ru/suricatesebosoficial/449930684241797578_312039599 Acesso em 14/07/2016, as 10:40

Juntamente com a imagem, alguns questionamentos foram respondidos pelos alunos, como por exemplo, se a hipótese levantada anteriormente fazia relação com a imagem apresentada. E assim tivemos respostas como:

Figura 12

Porque sem a imagem não tem nem uma
 ideia de humor e ficou sem sentido por
 não saber quem era o namorado. Na outra
 imagem transmite humor porque sabemos quem era o
 namorado.

Figura 13

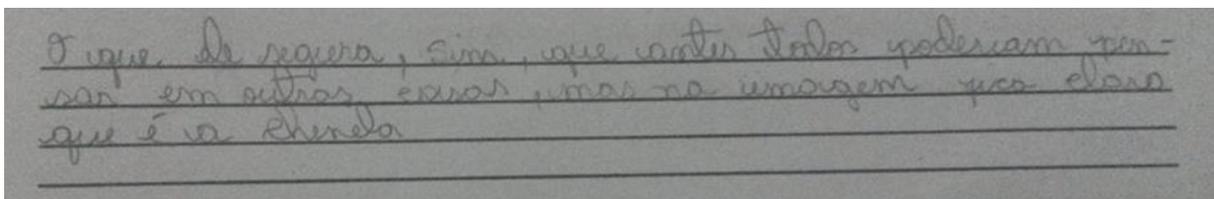
não eu penso que fosse qualquer tipo
 de objeto quando eu vi a imagem
 eu que era um chinelo.

Na figura 12, o aluno afirma que sem a imagem perde-se o humor presente no diálogo, estabelecendo que este ficaria “sem sentido”. Quanto ao segundo aluno, com sua resposta ele fala que poderia ser qualquer outro

objeto que não fosse o chinelo. Assim, a realização desta atividade proporciona ao aluno uma reflexão sobre a importância da imagem para a produção de sentidos de um texto e que reflitam sobre a participação dos referentes e a construção da coerência.

Em uma segunda questão proposta, perguntamos a que se referia o pronome *aqui* e se sua referência seria diferente na situação do diálogo isolado e na situação do quadrinho. Quanto à primeira pergunta, todos os alunos relacionaram à chinela, compreendendo que o *aqui* se refere ao objeto no referido espaço, e assim o humor do texto é construído. Para a relação de referência gerada pelo pronome, no diálogo e no quadrinho, tivemos explicações como:

Figura 14



Com a resposta do aluno, podemos ver que uma leitura, para ser considerada plena e eficaz, exige estratégias para que se consiga desvendar as informações implícitas que podem existir em um texto.

4.3.1.5 Oficina V: As relações anafóricas na progressão textual (Realizada em 2 aulas)

A oficina IV trata do reconhecimento da importância das relações anafóricas em um texto, já que estas garantem a progressão textual por meio das recategorizações que ajudam a construir todas as retomadas existentes em um determinado texto.

Atividade 1: Incoerências no texto “Só alegria”.

Como atividade, nesta oficina levamos um texto chamado “Só alegria”, que foi previamente adaptado e que contém alguns trechos incoerentes. Eles deveriam sublinhar estes trechos e propor algumas reformulações para torná-los coerentes.

Dentre os itens mais apontados pelos discentes para uma mudança, o que mais se destacaram foram as sugestões para o nome do personagem central do texto, que é Karl Rabeder (personagem principal do texto), designando, nessas correções, a substituição do nome do personagem por pronomes pessoais e possessivos.

Esta é uma atividade que exige do aluno que ele perceba como se dá uma organização textual. Que em um texto pode existir implícitos recuperáveis, sendo, por vezes, desnecessário a retomada das informações (por meio de repetições ou anáforas correferenciais idênticas) durante a maior parte do texto.

4.3.1.6 Oficina VI: Elegendo um representante de turma (Realizada em 1 aula)

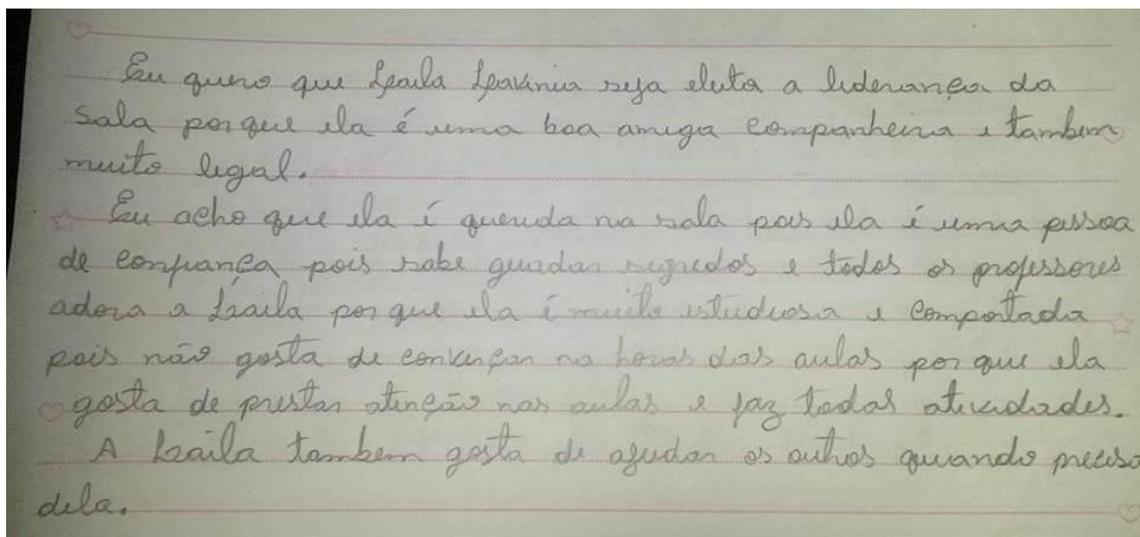
Visando a relação entre o desenvolvimento de um ponto de vista e a recategorização de referentes, visamos, por meio desta, construir um texto coesivo a partir da atividade que segue.

Atividade 1: Construção do perfil do líder de turma.

Para a realização desta atividade, simulamos a ocorrência de eleições para os líderes de turma em que eles seriam responsáveis por fazer a campanha de seus colegas, sendo necessário, para isso, a criação de um texto argumentativo que unisse algumas informações como: ser amigo de todos, defender causas justas, ser confiável e o mais indicado para ocupar o cargo.

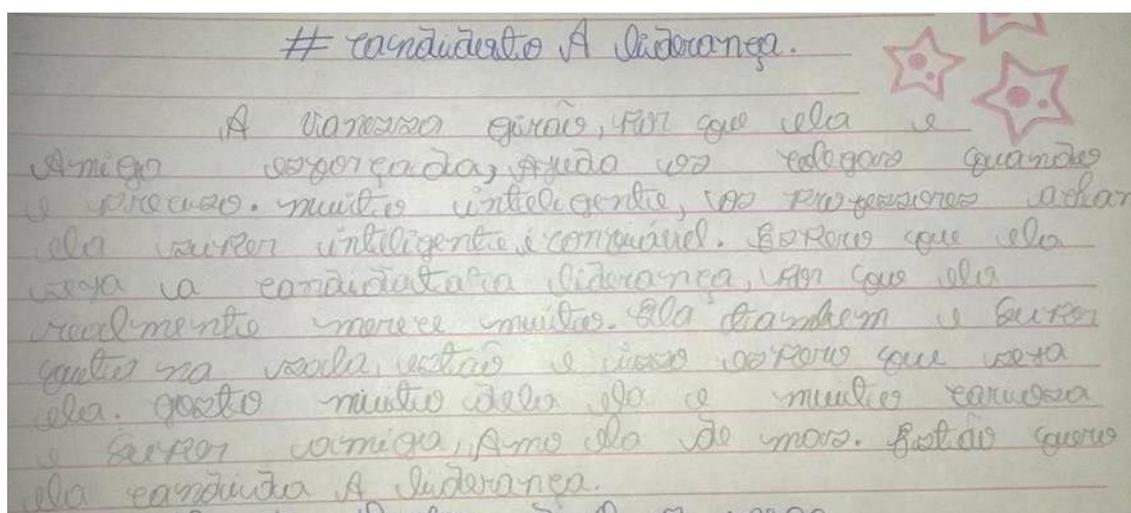
Dos textos apresentados, merecem destaque os seguintes:

Figura 15



Nesse primeiro texto, para fazer a união das qualidades propostas e para acrescentar novas informações para a candidata, há um uso restrito dos elementos referenciais, restringindo-se ao próprio nome desta (em 3 ocorrências, uma por parágrafo) e ao pronome pessoal *ela* (5 ocorrências). Com relação ao uso do pronome, ele nos dá indícios de uma dificuldade apresentada pela aluna com relação a recategorização dos referentes, deixando isso ainda mais evidente na quarta linha, em que este é utilizado duas vezes seguidas mesmo sem necessidade.

Figura 16



O segundo texto começa como se fosse uma resposta a alguma pergunta, sem ficar claro para o leitor o porquê de terem sido ressaltadas algumas características para a pessoa em questão. Assim como o texto

anterior, neste há também um problema com os elementos de correferenciação do texto, tivemos nove ocorrências do pronome *ela*, e, como podemos perceber na linha 8, há duas ocorrências do pronome *ela* e uma do pronome *dela*, tornando o texto muito repetitivo. O desenvolvimento desta atividade, assim como o das anteriores e das que seguirão, foram primordiais como diagnóstico de como os alunos fazem uso das formas remissivas em um texto, e esta ainda tem uma importância porque podemos ver, por meio da realização de um texto escrito, como se dá o uso dos processos de referenciação.

4.3.2 Fase interventiva – Da oralidade para a escrita

O estudo dos gêneros entrevista e memórias, já previstos em nosso plano de curso, entrou nas aulas de Língua Portuguesa ainda no primeiro bimestre do ano de 2016.

Selecionamos, em um primeiro momento, algumas entrevistas publicadas em revistas e com temas diversificados. Em seguida, realizamos algumas perguntas, de forma oral, sobre o que eles perceberam de comum naqueles textos, levando-os a pensarem sobre os elementos característicos, sua forma, função, entre outros elementos que são responsáveis para sua identificação. Da mesma forma que se deu com o gênero anterior, prosseguimos com o estudo do gênero memórias.

Esperávamos que os alunos percebessem, com relação aos gêneros, se suas características foram confirmadas, permitindo que nós pudessemos seguir para outras etapas que envolvem a produção propriamente dita. Um outro passo ocorreu no segundo bimestre, quando realizamos algumas oficinas durante as aulas de produção textual.

Para as entrevistas, foi feita uma seleção de possíveis entrevistados da própria comunidade ou proximidades, e qual o tema que nos aprofundaríamos. A partir dessa definição, as perguntas foram escolhidas e os discentes decidiram usar o aparelho celular como forma de coleta daquelas entrevistas orais, e quais seriam os representantes para fazê-las.

Após estas etapas, coube ao professor, fazer a transposição do texto oral para o escrito, mantendo todas as marcas e expressões típicas da

oralidade, e assim, passamos para a etapa de retextualização para o gênero memórias.

5. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA ATIVIDADE DE INTERVENÇÃO

Neste capítulo descrevemos e analisamos o corpus. Este, se compõe com dois itens, o primeiro dedicado à análise da nossa primeira fase interventiva, no qual analisamos os processos referenciais utilizados pelos alunos na retextualização da entrevista oral para o gênero memórias; e o segundo à uma fase posterior que é a reescrita das memórias que resultarão em um livreto divulgado para o público da escola e que também será entregue à biblioteca pública municipal para compor seu acervo.

5.1 DESCRIÇÃO E ANÁLISE – INTERVENÇÃO

São diversas as formas de se retextualizar um texto, todas tendo a leitura como ponto inicial. Esta, feita pelo professor, de um texto de partida para esse processo, pensando em possíveis gêneros que aquele texto pode gerar. Sabemos das quatro possibilidades de retextualização, que podem ser: da fala para a escrita, da fala para a fala, da escrita para a escrita e da escrita para a oralidade; a partir destas, uma infinidade de gêneros podem participar destes processos de transformações, vindo a modificar uma modalidade textual em outra.

Não encarando a atividade de retextualização como algo mecanicista, Dell'Isola (2007) afirma que ela

não deve ser vista como uma tarefa artificial que ocorre apenas em exercícios escolares, ao contrário, é fato comum na vida diária. Ela pode ocorrer de maneira bastante diversificada. Por exemplo, em uma reunião de condomínio debatem-se vários assuntos que culminam na produção de um regulamento a se afixado na entrada do imóvel (um texto oral foi retextualizado em um texto escrito) (...) (DELL'ISOLA, 2007: p. 37).

Aceitando que esses processos de recriação são complexos, mas ao mesmo tempo muito comuns em nosso cotidiano, foi que decidimos fazer uso deles em nossa atividade interventiva, mostrando para os alunos que os textos estão presentes em nossas atividades diárias, com finalidades e estruturas definidas, sendo, portanto, cada vez mais importante trabalharmos com

propostas de produção de texto envolvendo não apenas tipologias, mas principalmente os gêneros textuais.

Estando definido que trabalharíamos com a transposição de uma modalidade oral para uma escrita, foi necessário pensar nos gêneros que nos possibilitassem trabalhar os processos de referenciação na mudança de um gênero para outro. Foi assim que chegamos aos gêneros entrevista e memórias. Este primeiro, por ser muito associado ao contexto jornalístico e por apresentar uma estrutura marcante na permuta de entrevistado e entrevistador, isso nos possibilitaria uma proximidade maior dos alunos com o gênero, passando a enxergá-lo em outro contexto, como uma ferramenta que serviria para coletarmos lembranças para a produção de um outro gênero, que decidimos ser o gênero memórias. Quanto este, seu primeiro contato com os alunos se deu no ano de 2015, por meio das Olimpíadas de Língua Portuguesa, e o escolhemos por julgarmos sua produção importante para que os alunos ampliem suas possibilidades de participação social e seus conhecimentos de linguagem.

Ainda no primeiro bimestre do ano letivo de 2016, incluímos o estudo dos gêneros entrevista e memórias, já previstos em nosso plano de curso, a fim de que os alunos fossem capazes de identificar as características que formam cada gênero.

Visando uma modificação na forma de como garantir essa identificação, foi que selecionamos, previamente, em um primeiro momento, algumas entrevistas publicadas em revistas e com temas diversificados. Em seguida, realizamos algumas perguntas, de forma oral, sobre o que eles perceberam de comum naqueles textos, levando-os a pensarem sobre os elementos característicos, sua forma, função, entre outros elementos que são responsáveis para sua identificação. Da mesma forma que se deu com o gênero anterior, prosseguimos com o estudo do gênero memórias.

O que esperávamos que os alunos percebessem com relação aos gêneros e suas características foram confirmadas, permitindo que nós pudessemos seguir para outras etapas que envolvem a produção propriamente dita. Um outro passo para a realização do nosso trabalho, ocorreu no segundo bimestre, quando realizamos algumas oficinas durante as aulas de produção textual (ver nas fases da pesquisa).

Para iniciarmos a realização das entrevistas, e tendo claro em qual gênero esta se transformaria, fizemos uma seleção de possíveis entrevistados da própria comunidade ou proximidades, e qual tema aprofundaríamos nas entrevistas. E assim chegamos aos nomes de três moradoras e que o tema seria sobre a própria vida delas, como era sua relação familiar, vida escolar e outros fatos marcantes para cada uma. A partir da definição do tema, as perguntas foram escolhidas e os discentes decidiram usar o aparelho celular como forma de coleta daquelas entrevistas orais, e quais seriam os representantes para fazê-las.

Após a realização das entrevistas, disponibilizamos para os alunos as entrevistas em forma de texto escrito, procurando manter todos os aspectos comuns da oralidade, desde as marcas interacionais às hesitações.

Para prepararmos o texto oral para nossa prática de (re)construção de referentes, algumas etapas foram necessárias. Selecionamos, dessa forma, algumas operações que Marcuschi (2005, p. 75) utiliza em seu *Modelo das operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para o escrito*.

Um fator que foi muito observado pelos alunos, foram as marcas próprias da fala, presentes no texto, como podemos ver em:

Marinete: para se divertir eu ia dar uma voltinha. Olhe, ali onde é o sino, onde tem o prédio Vicentino, aí lá colocava... Tinha lá uma "radiadora" velha, aí, às vezes, no final de semana, aquela "radiadora" ficava tocando e eu me juntava com uma colega, com a Roseni, ficava só dando volta ali onde é agora o banco do Brasil. Naquela pracinha. Menina, eu rodava era tempo ali! Só passeando com a Roseni, a minha colega. O divertimento era esse, uma voltinha ali. Aí, quando dava certas horas, até antes de 9 horas, a gente já vinha embora.

Marinete - é porque eu achei que era a única opção, né? Tinha que estudar pra no futuro, né? Eu conseguir alguma coisa, né?

Entrevista 3 (ver apêndice)

Nesta fase inicial (1ª operação), ocorreu a eliminação das marcas interacionais como por exemplo o “né”, “aí”, “olhe”. Estas palavras foram colocadas pelos alunos como informais para um texto escrito, sentindo a necessidade de substituir o “aí” por alguns elementos textuais de coesão. Após esta fase, a outra que foi logo percebido pelos alunos foi a 3ª operação, que visa a “retirada de repetições, reduplicações, redundâncias, paráfrases e

pronomes egóticos” (MARCUSCHI, 2005: p. 75), que o autor nomeia como *estratégia de eliminação para uma condensação linguística*. Evidenciando-se em trechos como:

Maria Alice - Que descreve a minha vida... As três palavras que descreve minha vida, é primeiramente a minha vida vivida dentro da Morada Nova porque eu nasci e me criei aqui. A minha saúde, a minha família, né?
Entrevista 1 (ver apêndice)

Com relação a esse trecho da entrevista, observamos que a palavra “vida” foi repetida algumas vezes, e isso causou nos alunos um incômodo, sentindo a necessidade de fazer a eliminação desses vocábulos. Só que durante o processo, eles decidiram eliminar todas as palavras “vida” que apareceram neste trecho, mas foi durante uma releitura, que eles perceberam a falta de sentido em decorrência da total ausência da palavra, e sentiram também, que em alguns momentos esta palavra deveria ser recobrada no texto, mas sem ser sob a forma de repetição, fazendo, assim, uma substituição.

Ao longo da leitura das entrevistas, muitas informações apareceram de forma repetida também. O entrevistado sentiu que precisaria compartilhar certas informações consideradas relevantes, e como não sabiam que estas corresponderiam a perguntas futuras, tivemos muitas passagens idênticas no decorrer de toda a entrevista.

Somente após essas observações que foram as mais apontadas pelos alunos, passamos para a etapa da pontuação, visando que a leitura dos textos pudessem fluir melhor para a mudança de gênero. E assim, com a entrevista “pronta”, o passo seguinte foi dar início ao processo de retextualização.

Para nossa prática de (re)construção de referentes no processo de retextualização, analisaremos como os alunos trabalharam o processo de referenciação ao fazerem a transposição da uma entrevista (na modalidade oral) para o gênero escrito memórias.

Em outras palavras, interessa-nos conhecer quais processos referenciais são utilizados por eles, sabendo que ambas as modalidades de gêneros possuem normas particulares e isso poderia aumentar o grau de dificuldade no momento da adaptação. Passemos para a análise de alguns trechos das entrevistas.

Leda Brilhante: Eu tive vários momentos felizes, mas o que muito me marcou... ser mãe foi maravilhoso, mas ser avó é duplicado. O nascimento da minha neta, da minha primeira neta Lohana.

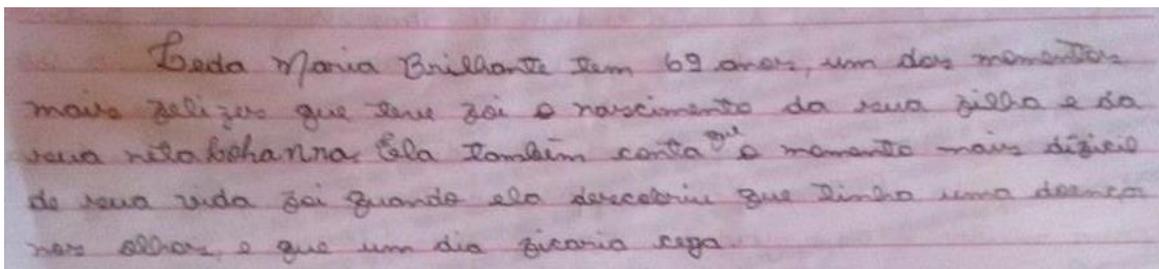
Entrevistador 2: Qual foi o momento mais difícil de sua vida? O mais difícil...

Leda Brilhante: O momento mais difícil que eu enfrentei foi no dia que eu fui... no dia que o médico me disse que eu tinha a retino... Que era portadora de retinose pigmentar, porque eu sabia que esta doença um dia me levaria a cegueira total. Eu pensei que eu ia sofrer muito quando ela chegasse... Não vou dizer que não tenho momentos difíceis por causa dela, mas ela não me traz tristezas constantes, porque eu levo uma vida normal dentro da minha casa. Eu me levanto 05h30min da manhã, vou pra minha cozinha e faço de tudo dentro de casa, desde cozinhar. eu tenho deus que está sempre a minha frente, que Jesus, a mãe de Jesus que também não falta. Ela não me deixa. O povo se admira, "como é que você cozinha? Não se queima?" Não, porque eu não faço nada na minha vida sozinha, Jesus e Maria estão sempre ao meu lado.

Entrevista 2 (Ver apêndice)

Esses dois trechos da entrevista, foi retextualizado por um aluno, da seguinte forma:

Figura 17



Retextualização do aluno 2A12

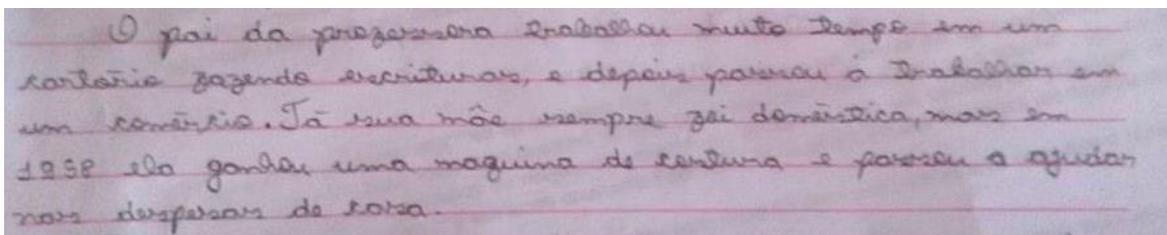
Neste primeiro texto, a cadeia referencial é estreada a partir do nome completo da entrevistada – esta foi a forma utilizada pelos alunos para introduzir o referente no texto, a fim de facilitar seu reconhecimento - , e é retomado pelo pronome possessivo “sua” (duas vezes) e pelo pronome “ela” (duas vezes), sendo que este segundo pronome poderia ter ficado implícito, assim como foi feito na última linha, no trecho “e que um dia \emptyset ficaria cega”.

Ainda com base no texto 2A12, tivemos a seguinte reconstrução do texto base:

Leda Brilhante: meu pai trabalhou, sempre trabalhou, em cartório preparando escrituras. Trabalhou no cartório Chagas Filho e depois trabalhou no cartório Honorato. Com o passar do tempo ele saiu do cartório, ficou fazendo em casa escrituras particulares e trabalhou no comercio como... Acho que era contador, no comercio do Moises Rabelo. Minha mãe era doméstica até 1957, quando em 58 ela ganhou uma máquina de costura, presente do enteado mais novo dela, que foi o

Imero, ela passou a costurar pra ganhar um dinheiro e ajudar nas despesas de ca...
 Nas despesas de casa não! Pros filhos.
 Entrevista 2 (Ver apêndice)

Figura 18



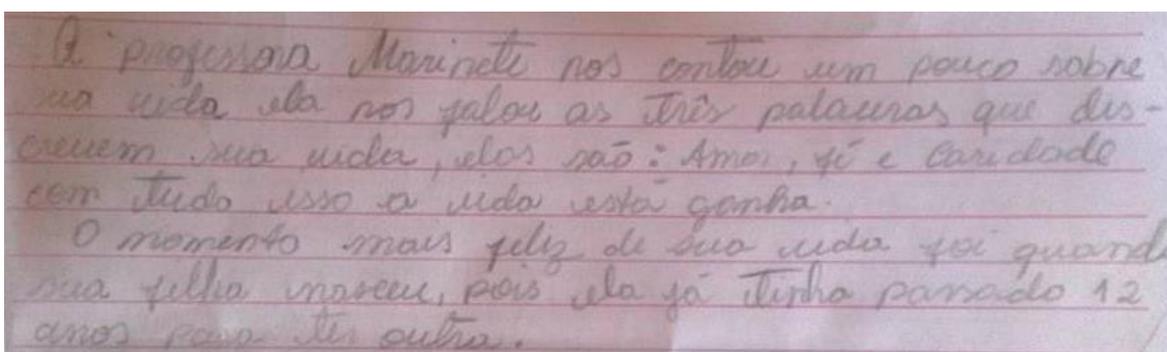
O pai da professora trabalhou muito tempo em um cartório fazendo escrituras, e depois passou a trabalhar em um comércio. Já sua mãe sempre foi doméstica, mas em 1958 ela ganhou uma máquina de costura e passou a ajudar nas despesas de casa.

Retextualização do aluno 2A12

Com relação a esta outra parte do texto, além da presença de elipses ou pronomes nulos e dos pronomes “sua” e “ela”; como vimos no trecho anterior, o que nos chamou muito a atenção foi a presença do referente “professora”, na primeira linha do texto. Até então, em nenhum momento da entrevista foi citada a profissão da entrevistada, no entanto, o entrevistador já acrescenta esta palavra à cadeia referencial em formação, demonstrando um conhecimento geral da entrevista que facilitou nos processos de correferências.

Algo semelhante aconteceu também na entrevista 3, quando o aluno 3A24 assim inicia seu texto

Figura 19



A professora Marinete nos contou um pouco sobre sua vida, ela nos falou as três palavras que descrevem sua vida, elas são: Amor, fé e Caridade com tudo isso a vida está ganha. O momento mais feliz de sua vida foi quando sua filha nasceu, pois ela já tinha parado 12 anos para ter outra.

Retextualização do aluno 3A24

Há, neste texto, assim como no anterior, a presença da expressão referencial, que se trata de uma “estrutura linguística utilizada para manifestar formalmente, na superfície do texto, a representação de um referente. Essa estrutura é, na grande maioria dos casos, de natureza substantiva” (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO, BRITO: 2014, p. 28). Assim, a expressão

referencial “professora Marinete” inicia a cadeia de texto que se propaga por meio dos pronomes “sua” (quatro vezes) e “ela” (duas vezes), temos, então, um mesmo referente retomado de três formas diferentes, a fim de garantir a continuidade textual, mas que estas repetições como a do pronome “sua” quatro vezes em um trecho curto, pode afetar, consideravelmente, a coesão de um texto.

Prosseguindo com nossas análises, teremos uma série de trechos da entrevista intercalando com sua respectiva retextualização:

Marinete: é porque, no começo, todo começo, né? Só flores, são flores, né? No começo. Vivia bem, né? Lembro que a gente ia muito passar o dia, né, lá... Lá nos familiares dele, lá nesse Campestre. Sempre chamava a gente pra passar o dia lá, se divertir. Foi bom, não tenho nem o que dizer não.

(...)

Marinete: O primeiro filho que foi Frank, depois de 3 anos, com 30 anos eu tive o primeiro filho. Com 30 anos. Mas foi maior alegria também, eu fiquei muito alegre quando eu tive o meu primeiro filho, já com trinta anos de idade. Então eu me casei com 27, [contando] 28, 29 e 30. Com 30 anos eu tive o primeiro.

(...)

Marinete: quem escolheu o nome... Uma colega minha chegou pra mim, aí, entre nós duas assim, ela olhando lá um livro, a gente encontrou um nome.

(...)

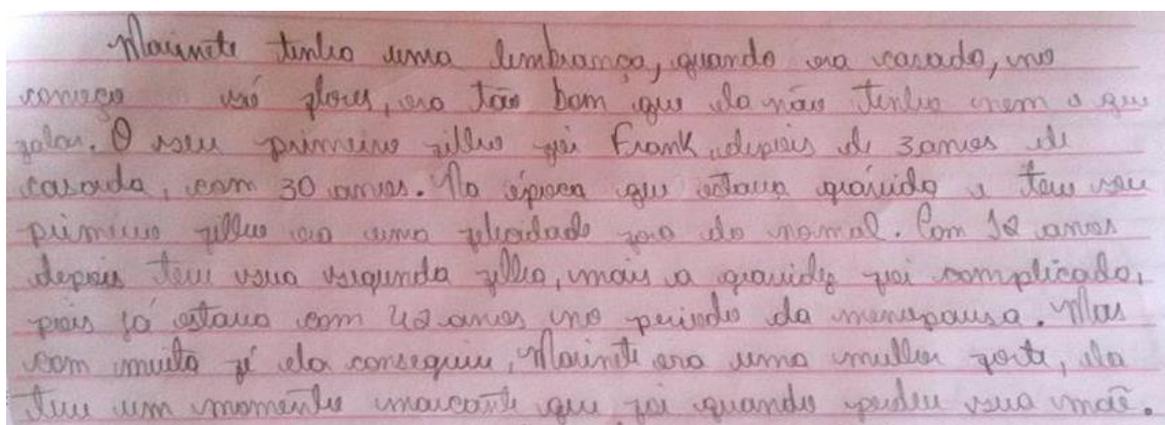
Marinete: O nascimento dele é... Eu tive no hospital. Foi no... Não foi muito bom, né? Porque o primeiro filho assim, né? E... Mas que deu tudo certo, eu tive um filho normal, não foi preciso fazer uma cesariana. Então...

(...)

Marinete: Eu tive muita felicidade foi quando nasceu a prime... A segunda filha. Foi o maior prazer, mas foi um prazer muito grande mesmo. Apesar de a gravidez dela foi muito complicada, porque quando eu fui ter ela, já ia fazer 12 anos que eu tinha tido o primeiro, e eu já tava, eu peguei assim quase período de menopausa, aí com 42 anos eu tive ela. Foi mais complicado, muito complicado. Mas... Deus me deu tanta força que eu tive, ainda tive a criança normal, mas foi muito complicado. Eu já ia me retirar até pra Limoeiro, porque eu não tinha nem condições, fiquei muito cansada, aquele cansaço... Fiquei já... Mas Deus me deu força.

Entrevista 3 (ver apêndice)

Figura 20



Retextualização do aluno 3A27

Neste fragmento de 3A27, a cadeia feita a partir do referente “Marinete” se dá por pronomes possessivos e pessoais, mas o que mais se destaca é a presença de elipses ou pronomes nulos, como em “(...) na época que \emptyset estava grávida e \emptyset teve seu primeiro filho era uma felicidade fora do normal. Com 12 anos depois \emptyset teve sua segunda filha, ‘mais’ a gravidez foi complicada, pois \emptyset já estava com 42 anos”; neste caso, as outras informações contidas no texto, nos permite identificar de quem se fala no texto, seja pelas desinências dos verbos ou pelo contexto.

Com relação ao tema infância e como eram seus pais, destacaremos dois textos com seu respectivo trecho de adaptação:

Marinete: para se divertir eu ia dar uma voltinha. Olhe, ali onde é o sino, onde tem o prédio Vicentino, aí lá colocava... Tinha lá uma "radiadora" velha, aí, às vezes, no final de semana, aquela "radiadora" ficava tocando e eu me juntava com uma colega, com a Roseni, ficava só dando volta ali onde é agora o banco do Brasil. Naquela pracinha. Menina, eu rodava era tempo ali! Só passeando com a Roseni, a minha colega. O divertimento era esse, uma voltinha ali. Aí, quando dava certas horas, até antes de 9 horas, a gente já vinha embora.

(...)

Marinete: é... Nós chamava Centro Piloto. Era ali onde é a antiga centro de abastecimento. Lá tinha um colégio do município. Eu estudava, estudei lá.

(...)

Marinete: com certeza. Fui. Procurei sempre dá um bom exemplo. Procurava estudar sempre, e também, é... Obedecer sempre os meus professores, ser uma pessoa obediente. Toda vida procurei ser assim.

(...)

Marinete: a minha mãe... Ela era uma pessoa maravilhosa, muito paciente. Era uma pessoa magra, morena, dos cabelos grandes, mas paciência era só quem tinha.

(...)

Marinete: ele era... Ele era calmo. Sempre muito bom. Um bom pai. Sempre procurava trabalhar para que não faltasse nosso alimento, trabalhava muito. Procurando... Ele sempre trabalhava muito no Zé Girão, trabalhando de carreteiro. Trabalhou muito, muito.

Entrevista 3 (ver apêndice)

Figura 21

A infância de Marinete não foi boa, foi muito sofrida, mas para se divertir ela ia para o sítio Vicentino onde tinha uma radiadora, lá escutava músicas com sua amiga Roseni.

Sua primeira escola se chamava Centro piloto, lá Marinete se esforçava para dar um bom exemplo, respeitava muito seus professores.

Na época que Marinete perdeu sua mãe foi o momento mais difícil de sua vida, sua mãe era uma pessoa maravilhosa, muito paciente, seu pai era calmo, bom, sempre procurava trabalhar para que não faltasse o alimento de todos os dias, seu trabalho exigia muito dele, com um boné parava vários dias sem ver a família.

Retextualização do aluno 3A29

Figura 22

Meu pai trabalhava na agricultura para ter o que a gente comer, bem ele morava no Sítio da Fina, saiu de lá por não ter estudo.

Na infância não foi muito feliz, pois passei muitas dificuldades quando minha mãe morreu, não fui uma jovem que teve uma boa infância.

Para se divertir ia para o Sítio Vicentino, se caava com minha colega Roseni escutando rádio, e depois ficava vendendo na praça do Banco do Brasil e divertimento era esse.

Retextualização do aluno 3A27

No texto 3A29, temos o elemento correferencial “Marinete” retomado três vezes através da simples repetição deste; o pronome “ela” apenas uma vez; o pronome “sua”, “seu” ou “seus” apareceram seis vezes tendo como mesmo referente a entrevistada, e uma vez tendo o pai como referente, assim

também como o pronome “dele” para este último. Algumas expressões referenciais também apareceram, como “caminhoneiro”, “pessoa maravilhosa”; para referir-se, respectivamente, a seu pai e sua mãe.

O texto 3A27 teve como base o mesmo trecho da entrevista, mas percebemos que o aluno escreveu seu texto em primeira pessoa, ao invés da terceira pessoa; justificando o uso de pronomes como “meus” e “minha” (duas vezes). Além disso, não podemos deixar de destacar o uso da anáfora encapsuladora “esse” em “nosso divertimento era esse”, que engloba ir para o Prédio dos Vicentinos, ficar ouvindo a rádio juntamente com sua colega e dar voltas na praça do Banco do Brasil.

Em ambos os textos, é notável a presença dos dêiticos espaciais que marcam a relação cotextual com a enunciativa, e apontam, neste caso, para um determinado lugar referido por quem fala, como em

Tabela 2

Dêitico espacial	Faz referência a
“Onde” (texto 3A29) Linha 3	Prédio dos Vicentinos
“Lá” (texto 3A29) Linha 4	Prédio dos Vicentinos
“Lá” (texto 3A29) Linha 7	Escola Centro Piloto
“Lá” (texto 3A27) Linha 3	Sítio Tapera

O advérbio “lá” funciona como dêitico espacial na maioria das vezes, mas segundo Cavalcante et al (2014), “vale ter em mente que nem toda expressão que indique lugar será considerada dêitica. Só o será se, para identificar o referente, for necessário ter o falante como ponto de origem” (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO, BRITO: 2014, p. 90); sendo assim, o advérbio “onde” na frase “Onde funcionava a antiga radiadora?” não assumiria uma função dêitica, já que permite uma grande possibilidade de localização que independem, por sua vez, do lugar em que o locutor está situado.

Em 3A33, o pronome ela é retomado por “Marinete”, pelos pronomes possessivos “dela” e “sua” e pelo pronome pessoal “ela”.

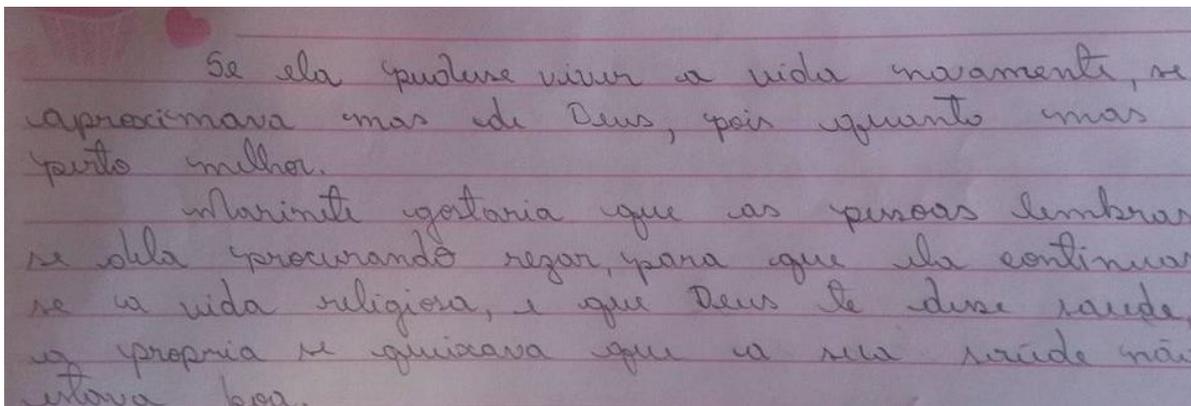
Marinete: sei não... O que eu poderia fazer mais diferente era me aproximar mais de deus, sabe? Ficar mais... Quer dizer, quanto mais eu me aproximo, eu queria me aproximar mais, sabe? De deus. Quanto mais perto eu acho melhor.

(...)

Marinete: lembrassem assim... Assim, é... Procurasse rezar pra mim. Para que me dê muita força, para que eu continuasse essa vida, né? Religiosa. Porque eu também não sou muito sadia, aí rezasse para que eu... Que Deus me dê mais saúde, que a saúde tá muito devagar, mas assim eu chego lá, se deus quiser.

Entrevista 3 (Ver apêndice)

Figura 23



Retextualização do aluno 3A33

Além das anáforas correferenciais já apontadas, observa-se também a modificação no tratamento das pessoas do discurso através do uso do pronome “te”, na segunda pessoa do singular, mesmo depois de todo o seu texto ter sido feito na terceira pessoa do singular. O aluno 3A33 também utiliza o termo “a própria”, sendo que o uso deste não é bem visto, linguisticamente, quando utilizado como pronome pessoal ou relativo.

Além da modificação de pessoas como a citada acima, tivemos também textos em que os alunos utilizaram a terceira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural ou singular, como podemos ver na seleção abaixo:

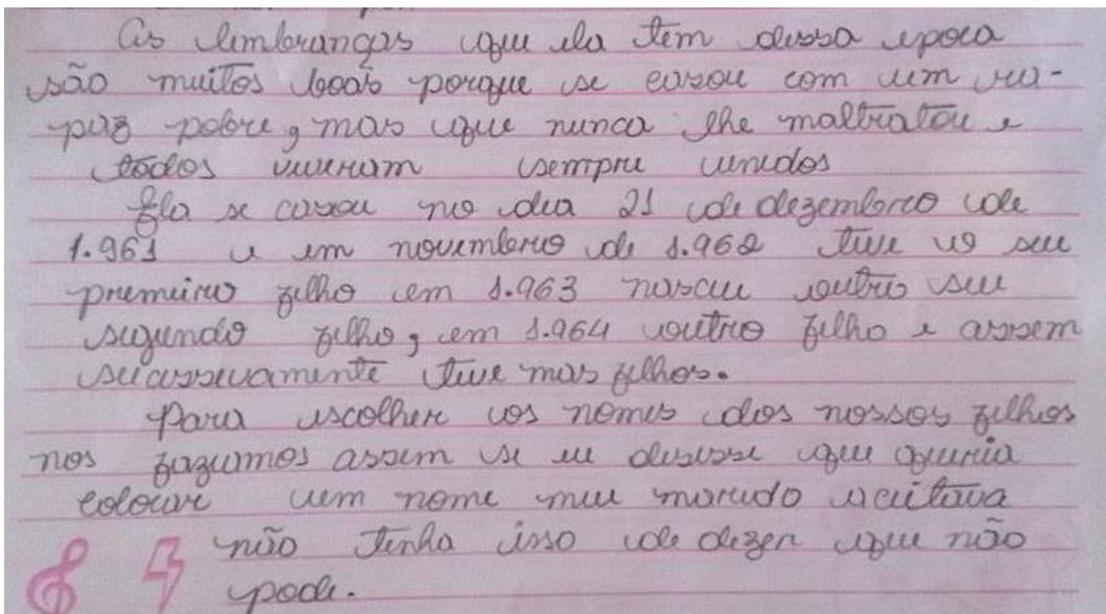
Maria Alice – Ah lembrança, uma lembrança boa, porque eu me casei com um rapaz pobre, eu também pobre, mas ele nunca me maltratou, né? E nós toda vida vivemos, assim, unidos, não tem negócio dele pegar o dinheiro, gastar e nós ficar passando fome, com filho sem ter o que comer. Nós toda vida tivemos uma vida simples, boa, porque hoje você pode dizer que se você tem uma vida dentro de um lar, comendo todo dia e crinando ua família, pode dizer que tem uma vida boa. Nunca foi de enganar nós dentro de casa, porque tem muitos aí que sofre, né?

(...)

Maria Alice – Não, quando eu me casei, eu me casei no dia 21 de dezembro de 61, e em novembro de 62 já tive o primeiro menino, em 63 nasceu outro, em 64 outro... (Risos) E assim ia. Quando a segunda nasceu, o outro tinha onze meses, aí eu passei uma no sem ter, aí que quando veio, veio logo dois, e era um par de dois.

Entrevista 1 (Ver apêndice)

Figura 24



Retextualização do aluno 1A14

Neste texto (1A14), a aluna usa termos que marcam a terceira pessoa como “ela”, “se”, “lhe”, além das elipses seguidas por verbos também na mesma pessoa do discurso, mas no último parágrafo o aluno se inclui no discurso por meio da utilização dos pronomes em primeira pessoa do plural. Não que essa inclusão seja algo proposicional, porém isso acaba acontecendo quando este faz a retextualização da entrevista da mesma forma em que o entrevistado a concedeu, sem adaptá-la para a terceira pessoa, usando pronomes como “nossos”, “nos”, “eu” e “meu”.

De forma semelhante tivemos nos fragmentos que seguem:

Maria Alice – É, a minha mãe, a minha mãe foi, teve oito filhos: quatro mulher e quatro homem. A Lolô, não sei se foi do seu tempo, se você conheceu, era minha irmã mais velha. E o Gilberto Cruz que morava ali perto do hotel, era meu irmão mais velho, mas também já tá falecido. Quem nasceu primeiro foi a Lolô conhecida por Anísia; e o segundo foi o Gilberto e aí o terceiro já foi eu.

(...)

Maria Alice – Não, meu pai era pedreiro. Meu pai veio de Russas, os Cruz veio de Russas construir Morada Nova. Meu pai veio para Morada Nova eu não era nem nascida. Ele veio construir aquele prédio, sabe do Manuel Gomes? Foi o primeiro prédio quem fez acolá foi o meu pai. Segundo, ele veio fazer o Vicentino. O prédio Vicentino foi feito pelo meu pai. A família Cruz, aonde existia Jacinto Cruz, Zé Cruz vieram construir Morada Nova, eles vindo de Russas.

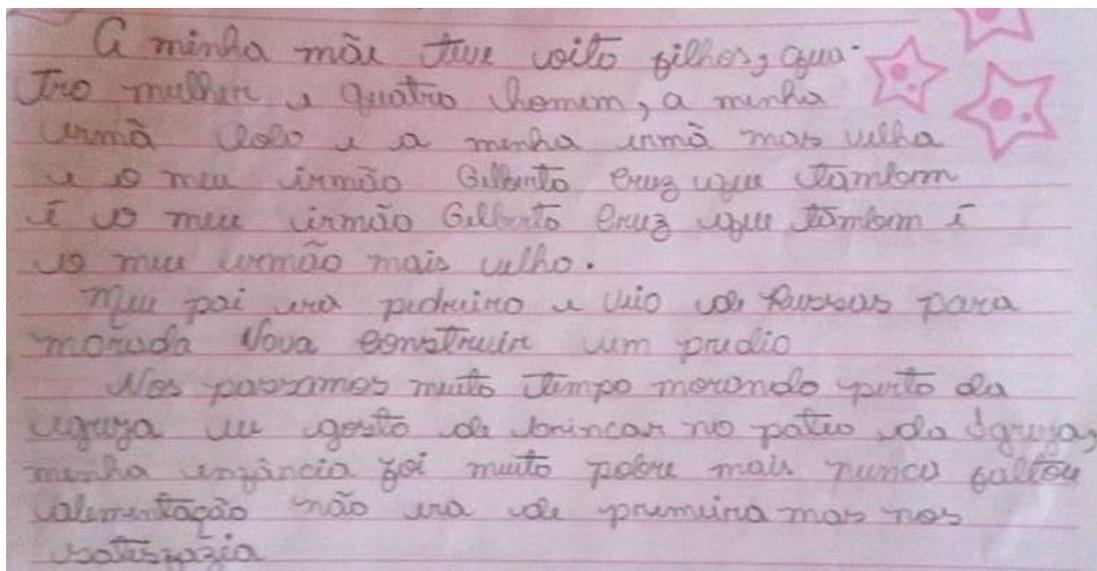
(...)

Maria Alice – Aqui, aqui, sim, aonde era o Foto do Janjão, do Janjão que tirava retrato, a gente morava acolá. Exatamente que eu nasci acolá. Nós passamos muito tempo morando acolá e aí depois nós passamos pra morar na casa que hoje em dia é

do Mundico Bezerra, ali perto da igreja, moramos muitos anos, muitos anos lá; menina, brincando acolá no patamá da igreja era eu, Dedé do Duque, o irmão do Dedé... Passei muito tempo acolá brincando.

Entrevista 1 (Ver apêndice)

Figura 25



Retextualização do aluno 1A11

Maria Alice – Ah, agora na diversão não, né. A diversão era mais na escola com as brincadeiras, era a diversão que tinha que hoje não existe. E quando tinha diversão mesmo, minha filha, os pais não deixava a gente ir pra festas essas coisas. Pra mim sair? Vinha três pessoas de responsabilidade pedir para me levar para tal canto. Hoje em dia com dez anos elas diz assim “eu vou pra tal canto” e vai mesmo. No outro tempo não era assim não, é, é.

(...)

Maria Alice – Era, o, a Escola Reunida de Morada de Nova, primeiramente era a Escola Reunida de Morada de Nova, era ali onde era o posto de saúde, como é? O Saae, onde é o Saae. Aí fizeram o Grupo Egídia primeiro, exatamente eu cheguei a estudar lá no Egídia, no Egídia, mas não era daquele tipo, mas fizeram no mesmo canto, e eu ainda estudei lá.

(...)

Maria Alice – Tirava, toda vida eu tirei. Infelizmente, devido muita dificuldade, eu não consegui nada na minha vida, porque eu não tinha condição. Pra estudar só se fosse filho de rico, é eu não tinha condição. Se fosse agora? Ahh! Eu tinha me formado. Mas com tudo isso eu fiz até a oitava série, ainda fiz ainda. É que quando começou a aparecer o Normal, o ginásio, aí foi o tempo que eu já tava namorando, eu já ia era casa e não tinha mais condição de estudar. Que vontade eu tive e muita.

Entrevista 1 (Ver apêndice)

Figura 26

Eu gostava muito das bancadinhas da escola mais aqui pena aqui eu não podia ir por aqui os meus pais não deixavam. Eu sempre tinha notas boas mas infelizmente eu não pude terminar os meus estudos por causa aqui no meu tempo tudo era difícil só os filhos de rico aqui tenha direito para conseguir tudo. E me casei de aqui as coisas ficaram difícil.

Retextualização do aluno 1A11

Quanto ao aluno 1A11 nestes dois fragmentos, é notório que ele teve dificuldades ao compreender e executar a proposta de retextualização da primeira pessoa para a terceira, escrevendo todo o seu texto de memórias usando a primeira pessoa do singular, evidenciando isso através dos pronomes e também das desinências verbais.

Observemos, agora, um mecanismo textual que foi pouco utilizado pelos alunos:

Maria Alice – Foi e foi bonita. Eu toda vestida de noiva, na paróquia do Divino Espírito Santo. Não, ele era pedreiro, aí eu nesse tempo era funcionária. Aí pronto a gente construiu uma casa, eu pari treze filho, criei oito, tem seis homem e duas mulher e assim vai levando, todos são adultos, vive por si...
Entrevista 1 (Ver apêndice)

Figura 27

Sua cerimônia de casamento foi muito bonita, toda vestida de noiva, e se casou na paróquia do divino espírito santo depois disso construiu uma casa pariu treze filhos, criou oito, seis homens e duas mulheres e hoje todos vão adultos e vivem por si.

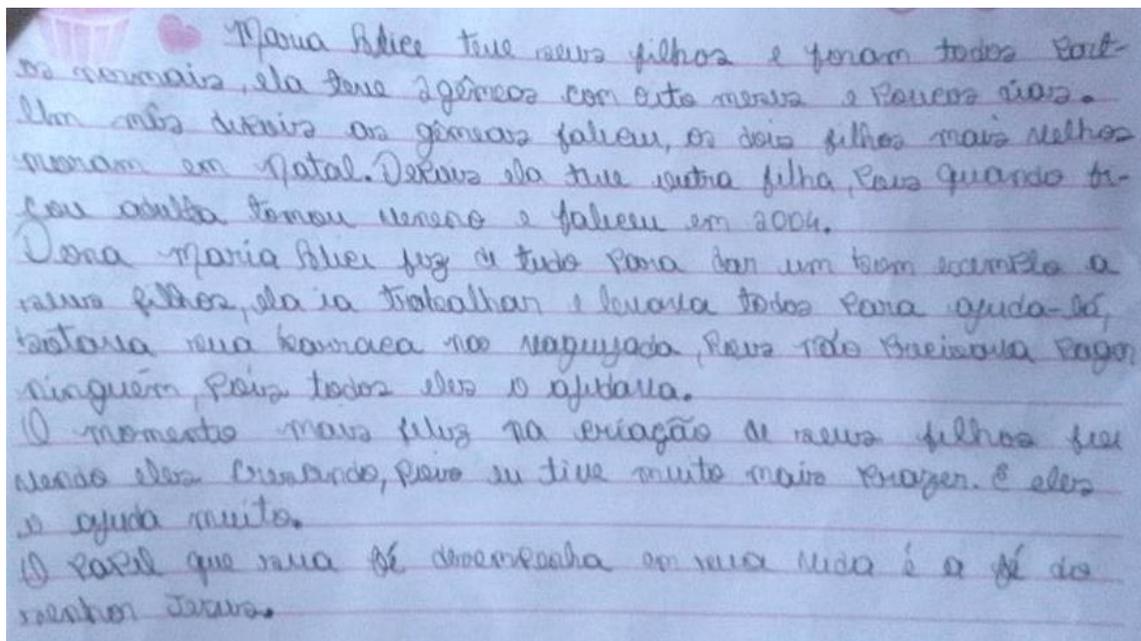
Retextualização do aluno 1A15

Temos, neste pequeno trecho, uma palavra resumitiva que faz remissão a uma porção textual, que a literatura dos aspectos referenciais

chama de anáfora encapsuladora. O vocábulo em questão é o *disso*, na expressão “depois disso”, que englobaria tudo o que foi dito antes a respeito da cerimônia de casamento.

Analisemos, na sequência, duas produções com anáforas diretas ainda não mencionadas até então:

Figura 28



Retextualização do aluno 1A12

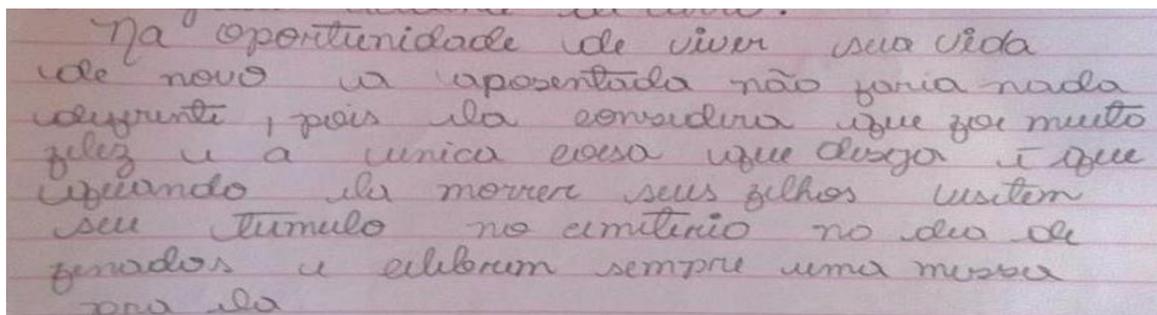
Maria Alice – Acho que não faria diferença nenhuma não, sabe por quê? Enricar eu não vou mais enricar. Aí, minha família continua, né? A gente tem que rezar pelo bem da família, dos filhos; porque nós estamos numa época que a mãe tem que rezar todo santo dia pelos filhos porque a perdição tá é grande; e ter muita fé, né?

(...)

Maria Alice – Às vezes eu digo, “olha, quando eu falecer, vocês não deixe, duas coisas que eu não quero que vocês deixem, de visitar o cemitério no dia de finados e sempre mandar celebrar uma missa pra mim. É a única coisa que peço. Não se esquecer! Eu sou muito chegada, a gente pode brincar, se divertir, mas eu tenho que ir todo domingo à missa. Quando eu vou, vou pesada, mas quando volto, já é maneira.

Entrevista 1 (Ver apêndice)

Figura 29



Retextualização do aluno 1A18

Nos dois textos temos novas formas de anáforas correferenciais para a entrevistada que só apareceram nestes; que é o tratamento de forma mais respeitosa por meio da expressão “Dona Maria Alice” e da anáfora correferencial “aposentada”, além das que foram recorrentes ao longo de nossa análise, que se realizaram, em grande parte, por meio de pronomes substantivos.

Por último, analisemos o seguinte texto:

Maria Alice – A minha mãe era uma mulher trabalhadeira, inteligente, ajudou muito a criar a família, viu, ajudou a criar muito, minha mãe foi a primeira pessoa na Morada Nova que começou a fazer croché, ela veio de Russas, ela trabalhava muito fazendo croché, aí o Zé Cruz, não, meu pai, era pedreiro na Morada Nova. Essa pedreirada que tem tudo aqui, tudo foi ensinado pelos Cruz, que vieram de Russas.

(...)

Maria Alice – É, ela fazia croché, ela fazia croché ,e tem mais essa, ela fazia o empalhamento, num tem umas cadeiras de madeira... Pois ela foi uma das primeiras pessoas que chegou de Russas e começou a fazer aqui foi ela. Exatamente que foi eu que puxei a ele, que eu também faço também.

(...)

Maria Alice – O meu pai, meu pai era alto, forte; agora ele gostava às vezes de tomar uma cachacinha, mas era um pedreiro fino.

(...)

Maria Alice – Não, o passado dele é o seguinte, que ele tinha sido casado duas vezes, casado duas vezes. E a primeira vez que meu pai casou-se, a minha mãe era quase vizinha dele, ela tinha cinco anos de idade quando o meu pai casou pela primeira vez, era menina, tinha cinco anos de idade. Aí ele passou dez anos casado, aí a mulher dele morreu, a minha mãe com dezesseis anos, aí ele se casou e foi a maior raiva de todos. Meu pai era metido a pistoleiro, valente, só vivia armado. Ainda deu até um tiro num irmão dela. Isso tudo aconteceu.

(...)

Maria Alice – Todas né, todas lembranças porque ele era todo delicado. Nós todos aprendemos a ler porque ele teve o cuidado, que não era como agora, porque hoje em dia só não se forma quem não quer. Agora vontade eu tenho, mas não tinha condições.

(...)

Maria Alice – Eu sempre tive o desejo de ser professora, né? Exatamente porque eu ensinei no município muito tempo, muito tempo, era aquele problema, mas toda vida eu gostei de ensinar.

Entrevista 1 (Ver apêndice)

Figura 30

A mãe dela era uma mulher trabalhadeira,
 e inteligente, foi a primeira pessoa de Maracá Nova
 que começou a fazer croche.
 No passado ela fazia empalhamentos em cadeiras de
 madeira.
 Seu pai era alto, forte, e às vezes gostava de tomar uma
 cachaca, mas via um pedreiro fino.
 No passado foi casado duas vezes, na primeira vez
 que se casou, sua mãe era quase vizinha dele, ela tinha
 cinco anos de idade quando casou-se pela primeira
 vez. Depois de dez anos de casado a mulher dele morreu
 e então casou-se com sua mãe, e foi a melhor coisa.
 Sua principal lembrança era a delicadeza do seu pai,
 todos aprenderam a ler porque ele teve toda a cidade.
 Ela sempre teve o desejo de ser professora.
 No ensino médio foi difícil porque naquele tempo existia
 o colegial, estudávamos porque queríamos.

Retextualização do aluno 1A12

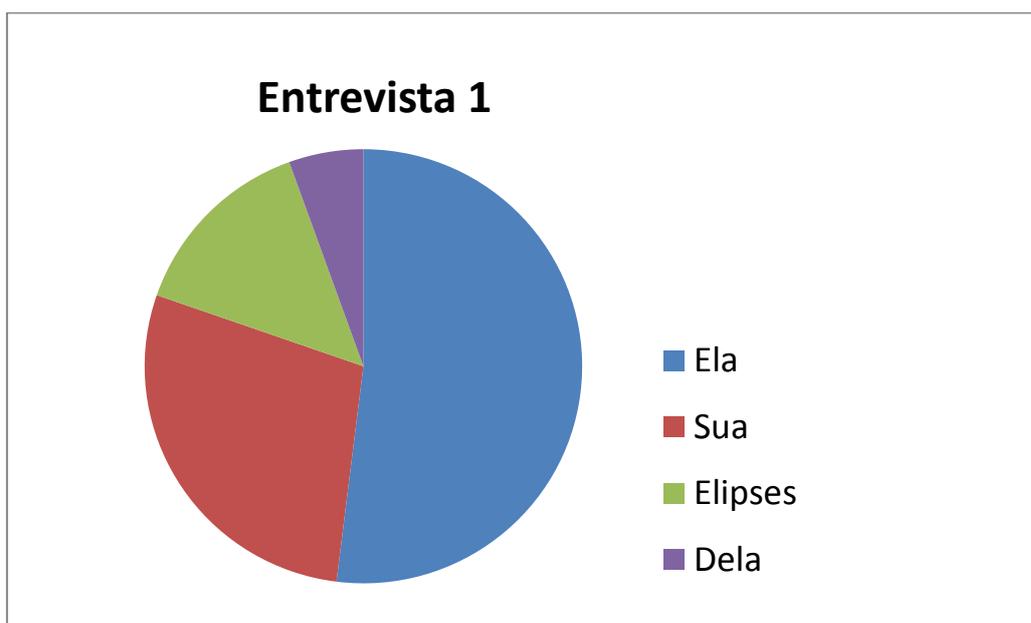
Neste último texto, temos como referentes para a entrevistada pronomes como “dela”, “seu” e “sua”. Para a mãe desta, são designadas termos com “trabalhadeira”, “inteligente”, “ela”, “vizinha” e para o pai, expressões como “alto”, “forte”, “se” (em casou-se) e “pedreiro fino”. No entanto, o que mais chama a atenção neste fragmento do texto 1A12, são algumas expressões ambíguas que aparecem nele, devido a uma dificuldade apresentada no manuseio das expressões referenciais, tornando o texto incoerente, em alguns momentos. Um exemplo que podemos destacar é o trecho “ela tinha cinco anos de idade quando casou-se pela primeira vez”; com a leitura deste trecho, nos deparamos com algumas possibilidades distintas que seria a de que a mãe de Maria Alice casou aos cinco anos de idade com seu pai, ou que essa teria 5 anos quando este se casou pela primeira vez. Já no trecho “Ela sempre sonhou em ser professora” pode ser um pouco conflitante na interpretação, já que antes de falar sobre seu pai, o último referente feminino utilizado foi o “ela” referindo-se à mãe da entrevistada, podendo gerar uma ambiguidade; assim como também na expressão “Estudávamos porque queríamos”, em que a presença da desinência em

primeira pessoa do plural acaba incluindo o entrevistador à história de vida da entrevistada em questão.

Um exemplo de uso de pronome causador de ambiguidade é no trecho “Depois de dez anos de casado a mulher dele morreu e então casou-se com sua mãe, e foi a maior raiva”. Podemos ver , com isso, que algumas dúvidas podem ser geradas pelo pronome “sua”, já que nos permite formular indagações como: ele casou com a mãe da sua mulher falecida e por isso “foi a maior raiva”? Ou casou com a mãe da entrevistada? Levar questionamentos como estes para os alunos, é um aspecto interessante em nossos estudos porque evidencia a importância dessas (re)construções referenciais, e o quanto elas implicam diretamente na compreensão do texto.

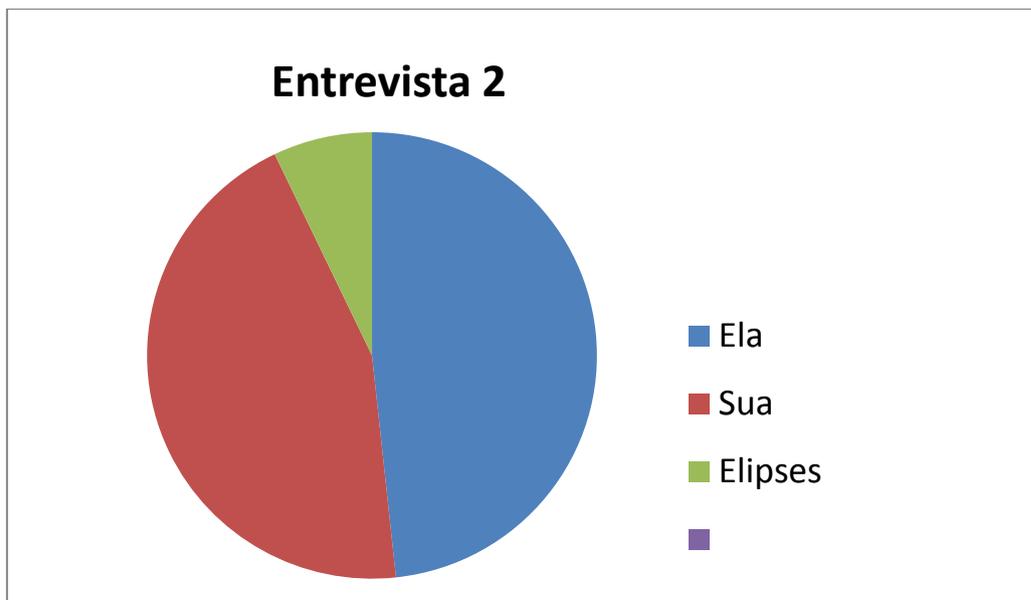
Visando uma melhor análise destes elementos que foram mais recorrentes no processo de retextualização, chegamos aos seguintes dados representados nos gráficos abaixo:

Gráfico 3



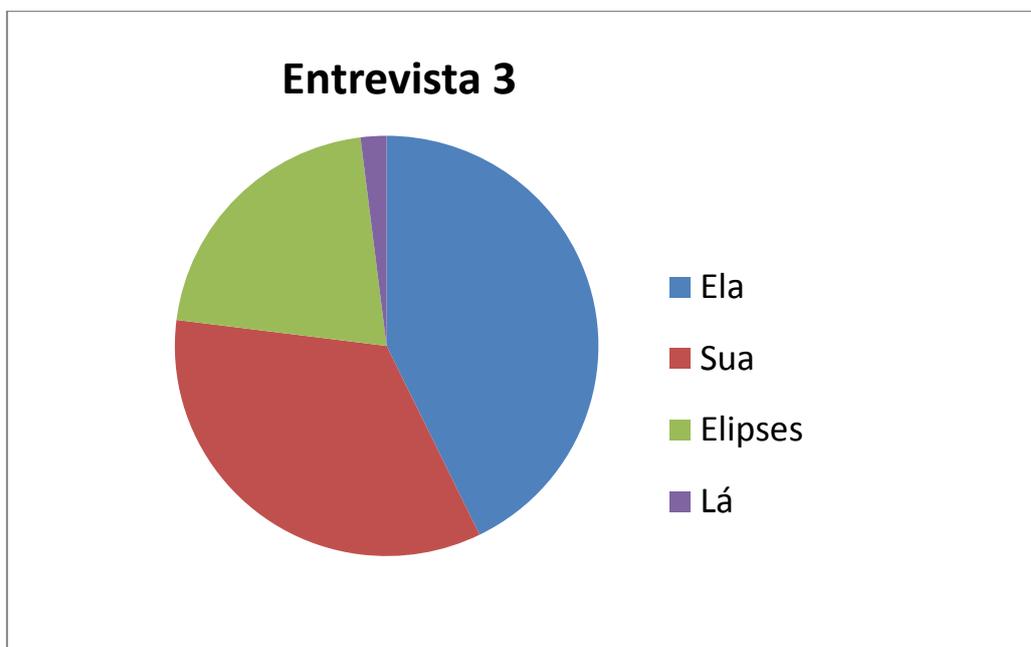
Na primeira entrevista percebemos que os alunos preferiram usar o pronome pessoal *ela* nas progressões textuais de suas produções, seguidas pelo uso do pronome possessivo *sua*, em uma escala ainda menor tivemos as elipses e com uma menor ocorrência tivemos o *dela*, que se sobressaiu nas produções dessa entrevista.

Gráfico 4



Na entrevista 2, o pronome possessivo *sua* foi quase tão presente quanto o pronome *ela*, e assim como nas produções da entrevista anterior, as elipses se deram em menor escala. Outro fator que também foi característicos das retextualizações desta entrevista, foi a presença de alguns elementos resumitivos ou anáforas encapsuladoras como *isso*, que não apareceram nas demais produções.

Gráfico 5



Já nesta última entrevista, além da preferência, como constatamos anteriormente, dos pronomes *ela* e *sua*, tivemos um maior número de elipses e

a presença do dêitico *lá* que não tinha aparecido nos textos produzidos pelos alunos das entrevistas 1 e 2.

Nossa análise nesta etapa da pesquisa nos fez ver a necessidade de propor uma reescrita das produções aos alunos, após percebermos que poderiam ser feitas melhorias em torno das cadeias referenciais construídas até aqui, já que estas demonstraram precariedade na diversidade de termos que podem fazer referência aos objetos de discurso presentes nas produções de texto.

5.2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE – OS DESAFIOS DA REESCRITA

Com a observação das memórias resultantes do processo de retextualização, percebemos que todos os alunos preferiram o uso das anáforas correferenciais pronominais em suas produções, mas com afirmação Koch e Elias (2014):

Quando a cadeia referencial é formada por pronomes pessoais de 3ª pessoa, retos ou oblíquos, sempre que houver mais de um antecedente possível para a forma pronominal, a referência torna-se ambígua. Por isso, é preciso cuidado na construção de um enunciado, de modo que as ambiguidades seja evitadas (a não ser, é claro, quando houver intenção, por exemplo, de produzir humor ou outros efeitos de sentido) (KOCH e ELIAS, 2014: p.147).

As produções das memórias feitas pelos alunos, apresentaram, em alguns casos, textos ambíguos decorrente de um uso indevido dos pronomes, e além disso, percebemos que alguns dos pronomes substantivos foram utilizados em demasia na grande maioria dos textos. Portanto, a reescrita será indispensável para que sejam refeitos alguns destes aspectos apontados a fim de (re)construir um texto mais coeso e, principalmente, coerente.

A respeito da repetição, que foi um dos maiores problemas que encontramos no processo de retextualização, Koch e Elias (2014) afirma que

(...) a recorrência de termos é uma das formas de progressão textual de que pode se valer o produtor. Esse tipo de recorrência tem sido frequentemente considerado vicioso e, por isso, condenado. (KOCH e ELIAS, 2014: p.161).

Este meio de sequenciação do texto escrito foi muito utilizado, principalmente no que se refere ao uso do pronome pessoal “ela” e do pronome possessivo “sua”, e para a reescrita, espera-se que estas recorrências sejam revistas e que haja uma cadeia referencial com elementos mais diversificados.

Para observarmos estas (re)construções na prática, analisemos os seguintes trechos:

Em sua infância, para se divertir, \emptyset ia para o Prédio dos Vicentinos, e junto com sua amiga Roseni \emptyset iam ouvir uma radiadora que tocava nas noites da cidade e \emptyset davam voltas na praça no Banco do Brasil (...)

Memória A (Ver anexo)

É notório que neste processo de reescrita houve uma tendência ao uso dos pronomes nulos, deixando a cargo das desinências verbais, informações importantes que dão pistas de como o texto deve ser entendido. Do mesmo modo ocorre no texto que segue, em que a continuidade referencial também é gerada por meio de elipses.

Sua mãe morreu muito cedo, e era uma pessoa maravilhosa, muito paciente. Seu pai era calmo, bom, e \emptyset sempre procurava trabalhar para que não faltasse nada. Eles trabalhavam na agricultura para que \emptyset tivessem o que comer. \emptyset Moraram muito tempo no Sítio Tapera, mas \emptyset tiveram que vir para a cidade, pois lá não tinha como estudar. \emptyset Chegaram na cidade e ela começou a estudar no Centro Piloto, onde \emptyset respeitava bastante seus professores e sempre se esforçou para dar bom exemplo aos seus irmãos.

Memória A (Ver anexo)

Neste texto, com as mudanças nos tempos verbais percebemos a alternância de pessoas do discurso e que temos a introdução de um elemento que é retomado, o pronome “eles”, mas que seu referente não se encontra no cotexto imediato, podendo apenas ser inferido pelo leitor.

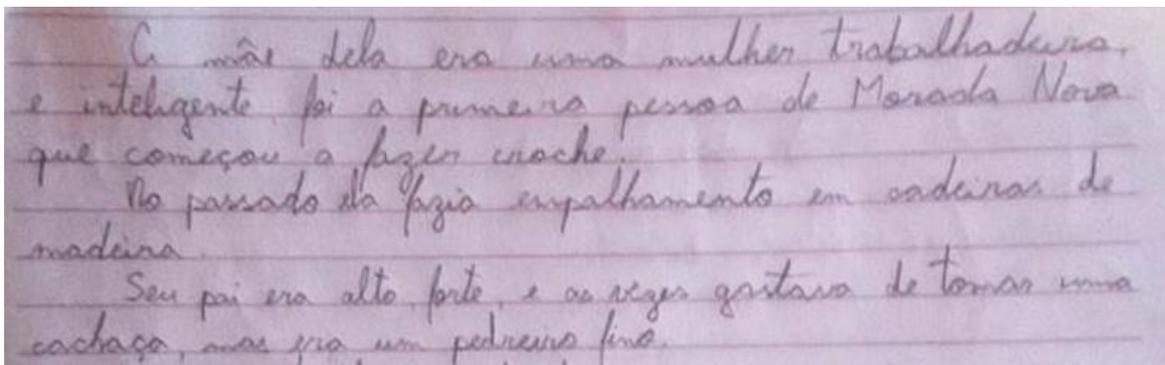
Lendo o fragmento abaixo, também percebemos que a estratégia utilizada para diminuir as repetições também foi o uso de pronomes nulos.

O pai da professora trabalhou muito tempo em um cartório, fazendo escrituras e logo depois \emptyset passou a trabalhar no comércio. Já sua mãe, sempre foi doméstica, mas no ano de 1958 \emptyset ganhou uma máquina de costura e \emptyset passou a ajudar nas despesas de casa.

Memória B (Ver anexo)

Quanto ao texto que segue, é perceptível a união das informações garantindo a coesão textual.

Figura 31



Retextualização do aluno 1A12

Seu pai, vindo de Russas, ajudou a construir a cidade de Morada Nova. Como pedreiro, estava por trás das grandes construções históricas de Morada Nova, como o prédio dos Vicentinos. Sua mãe era uma mulher trabalhadora, e foi a primeira pessoa de Morada Nova que começou a fazer peças de croché e empalhamento em cadeiras de madeira.

Memória C (Ver anexo)

Como podemos ver, há uma união nas informações a respeito dos pais da entrevistada, tornando o texto tanto mais coeso, como já ressaltamos antes, quanto mais coerente, já que há uma sequência e organização nas ideias dispostas no texto.

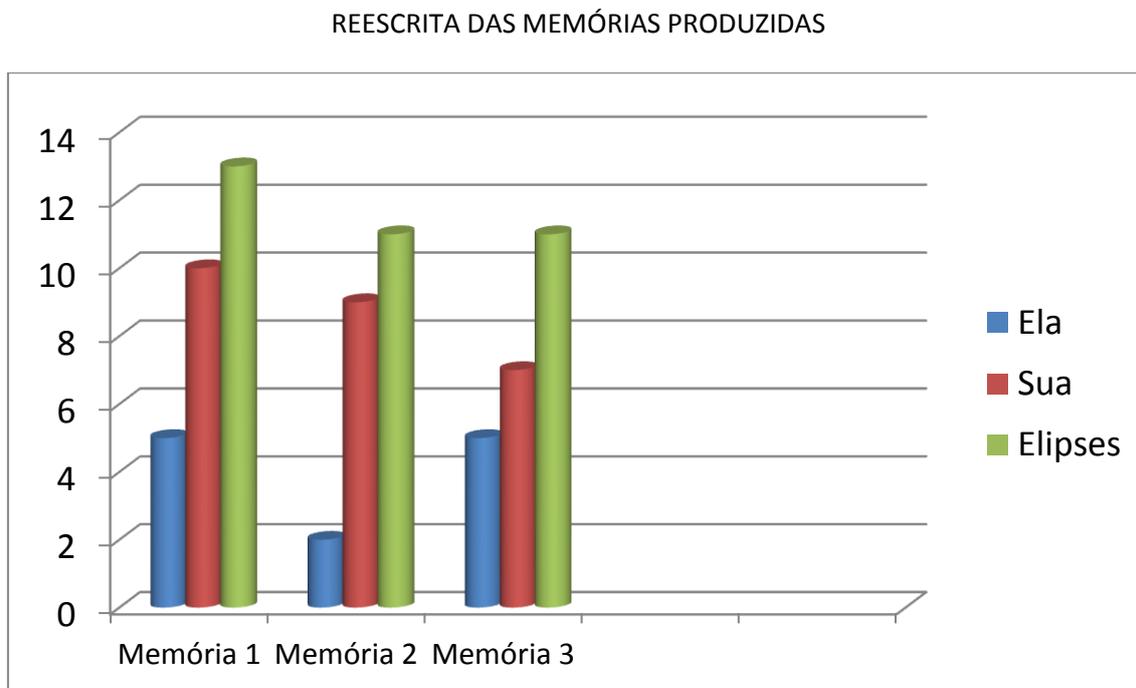
No caso da próxima reescrita, as elipses são usadas no início do parágrafo e o referente correspondente a cada uma aparece implícito e só é introduzido no final do parágrafo.

Morando, por muito tempo perto da igreja, \emptyset viveu momentos muito felizes brincando no pátio de lá, ao lado dos amigos também da escola, que era onde \emptyset se esforçava para tirar boas notas sendo uma das melhores alunas, mas mesmo assim \emptyset não conseguiu terminar seus estudos que era um privilégio apenas para os filhos dos ricos. Mesmo com o sonho de ser professora, Maria Alice só chegou a concluir a oitava série, logo \emptyset acabou casando e \emptyset teve que cuidar de seus filhos.

Memória C (Ver anexo)

A fim de elucidar a utilização dos processos referenciais nas reescritas das memórias produzidas, analisemos o seguinte gráfico:

Gráfico 5



Com o gráfico percebemos que os pronomes *ela* e *sua*, que tinham se sobressaído durante o processo de retextualização, nas reescritas deram lugar às elipses, mostrando que os alunos passaram a deixar a cargo das desinências verbais alguns casos de remissão, evitando a repetição dos pronomes de forma desnecessária.

Através do processo de reescrita, levamos os alunos a perceberem, antes de tudo, que aquelas não eram memórias de suas vidas, e que, portanto, seria inadequado o uso da primeira pessoa, como muitos fizeram no processo de retextualização. Além disso, o que ficou claro através desta atividade, foi que, embora os objetos de discurso precisem ser mencionados no texto, essas formas de remissão podem ser diversificadas – e que inclusive, isso mudaria o sentido do texto e demonstraria a visão que o produtor quer dar do texto sobre um respectivo assunto -, evitando a ocorrência, por exemplo, do pronome “ela”

cinco vezes em um parágrafo. E por fim, foi discutido também o quanto um pronome pode tornar um texto ambíguo, em caso de uso inapropriado, e assim percebemos que a progressão textual é essencial para a (re)construção de um texto coeso e coerente.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo procurou investigar as anáforas como pistas textuais que proporcionam aos leitores um auxílio na compreensão do texto, já que é, através delas que conseguimos estabelecer uma relação semântica entre os itens lexicais contidos nos textos. Esta pesquisa foi feita na área de linguagens, de tipo qualitativa e de cunho metodológico analítico-expositivo, realizada em uma turma de 9º ano da rede pública municipal.

Na linguística textual, temos a concepção de referenciação como uma das mais importantes, já que por meio da análise de mecanismos textuais é que temos a (re)construção do sentido do texto. A referenciação atrai cada vez mais a atenção dos pesquisadores e assuntos como anáforas, dêixis e encapsulamentos, têm sido objeto de diversas investigações na área de linguística textual. É por meio desta, que percebemos que um texto não é algo estático como aparenta, mas que apresenta dinamicidade através dos processos de referenciação, já que nós não lemos somente na superfície de uma página impressa, mas devemos ser capazes de perceber os diversos tipos de informações contidas num texto, explícita ou implicitamente.

Nossa intervenção realizada nas aulas de Língua Portuguesa no 9º ano do ensino fundamental, está dividida em dois blocos; o primeiro dedicado à análise da nossa primeira fase interventiva, no qual analisamos os processos referenciais utilizados pelos alunos na retextualização da entrevista oral para o gênero memórias; e o segundo à uma fase posterior que é a reescrita das memórias que resultarão na produção de um livreto divulgado para o público da escola e entregue para fazer parte do acervo da biblioteca pública municipal.

Com relação ao primeiro bloco, as produções das memórias feitas pelos alunos, apresentaram textos ambíguos decorrente de um uso indevido dos pronomes, além do uso excessivo dos pronomes substantivos. Portanto, a reescrita foi um processo indispensável para se refazer alguns destes aspectos apontados a fim de (re)construir um texto mais coeso e, principalmente, coerente.

É com base em nossa pesquisa que podemos constatar que os estudos sobre referenciação ainda têm muito a ser explorado no que diz

respeito aos possíveis desdobramentos que este tema é capaz de gerar. Um desses aspectos - perceptível em duas das oficinas realizadas (oficinas III e IV)-, diz respeito à construção dos referentes que pode ser feita pelo leitor em textos humorísticos e em imagéticos, pois este último também gera conteúdos para análise e interpretação de textos no que diz respeito aos aspectos de referenciação. Por fim, o presente trabalho nos trouxe uma série de reflexões acerca do ensino e aprendizagem no que diz respeito às construções das cadeias referenciais e sua importância para a “tessitura” textual.

O trabalho com os objetos de discurso e cadeias referenciais é pouco abordado em sala de aula, principalmente no que se refere ao ensino fundamental; e esta se torna uma oportunidade de aprimorarmos estes aspectos, visando uma melhoria nas questões relacionadas à escrita e produção de texto e, conseqüentemente, nas aulas de língua materna. Como professora-pesquisadora, o trabalho representou mudanças significativas em minha prática, já que os materiais desenvolvidos para as oficinas nos nortearam em uma sequência de atividades que uniam teoria e prática, desenvolvendo competências e atingindo os objetivos de aprendizagem dos discentes a partir de dificuldades apresentadas.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAWARSHI, Anis S.; REIFF, Mary Jo. **Gênero**: história, teoria, pesquisa, ensino. Tradução Benedito Gomes Bezerra. São Paulo: Parábola, 2013.

BENTES, A C. Linguística Textual. In: MUSSALIM, F. e BENTES, A C. (org.) **Introdução à linguística**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 245-287.

BRASIL. MEC. SEB. **Programa Gestão da Aprendizagem escolar – Gestar II**. Língua Portuguesa: Atividades de Apoio à Aprendizagem 5 – AAA5: estilo, coerência e coesão. Brasília: MEC, 2008;

CAVALCANTE, M. M.; LIMA, S.M.C. **Referenciação: teoria e prática**. São Paulo: Cortez, 2013;

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. As nomeações em diferentes gêneros textuais. In: **Cadernos de estudos linguísticos**, n. 41, p. 127-140. 2001;

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar e BRITO, Mariza Angélica Paiva. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014;

COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e textualidade**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006;

CLARA, Regina Andrade e ALTENFELDER, Anna Helena. **Se bem me lembro...** São Paulo: Cenpec: Fundação Itaú Social; Brasília, DF: MEC, 2008.

DELGADO, L. A. N. **História oral** – memória, tempo, identidades – 2ª ed – Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 136 p. – (Leitura, escrita e oralidade);

FULGÊNCIO, Lúcia; LIBERATO, Yara Goulart. **Como facilitar a leitura**. São Paulo: Contexto, 2001;

HOFFNAGEL, Judith Chambliss. **Entrevista**: uma conversa controlada. In: Dionísio, Ângela Paiva; Machado, Anna Rachel; Bezerra, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 180 - 193, 2005.

HOFFNAGEL, Judith C. Entrevista: uma conversa controlada. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola, 2010. p. 195-208.

FÁVERO, L.L. & KOCK, I.V. **Linguística Textual** - Introdução. São Paulo: Cortez editora, 2012.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor**: Aspectos cognitivos da leitura. Campinas, SP: Pontes, 1995.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2011;

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e coerência**. 11 ed. – São Paulo: Cortez, 2007.

KOCH, Ingedore G.V. e TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 2014;

KOCH, Ingedore G.V. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 2014;

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, Ingedore V. e ELIAS, Vanda M. **Ler e Escrever** – estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2015;

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à linguística textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Contexto, 2015;

KÖCHE, Vanilda Salton; BOFF, Odete Maria Benneti. **Memórias literárias como um gênero textual no ensino da escrita**. Disponível em: <http://www.ucs.br/ucs/tplSiget/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/textos_autor/arquivos/memorias_literarias_como_um_genero_textual_no_ensino_da_escrita.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2016.

LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura**: uma perspectiva psicolinguística. Porto Alegre: SagraLuzzatto, 1996.

LIMA, Maria Luiza Cunha. **Indefinido, Anáfora e construção textual da referência**. 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Atos de referenciação na interação face-a-face**. Cadernos de Estudos Lingüísticos. Campinas, (41): 37-54, Jul./Dez. 2001a;

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Anáfora indireta**: o barco textual e suas âncoras. Revista Letras. Curitiba, (56): 217-258, Jul./Dez. 2001b;

MARCUSCHI, L.A. – **Da Fala para a Escrita: Atividades de Retextualização**. São Paulo: Cortez, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Beth. **A escrita do gênero memórias literárias no espaço escolar: desafios e possibilidades**. V.2, n.1. São Paulo: cadernoscenpec, julho, 2012, p. 47-73.

MARQUES, Isilda Gaspar. **Anáfora associativa**: proposta de abordagem em contexto escolar. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2009;

MORIN, Edgar. A entrevista nas Ciências Sociais, no rádio e na televisão. In: MOLES, Abraham A. et al. **Linguagem da cultura de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973. p. 115-135;

OLIVEIRA, Kátia Cristina Cavalcante de. **Uso de estratégias de compreensão de anáforas em artigos de opinião**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

PONTES, Antônio Luciano; COSTA, Maria Aurora Rocha (Orgs). **Ensino de Língua materna na perspectiva do discurso - uma contribuição para o professor**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2008. Vol. 2.

PPP. **Projeto Político Pedagógico** da Escola de Educação Básica Professora Ana Clara Andrade Nantua Bento, Morada Nova, 2014.

RAMOS, Tânia Regina Oliveira. **Por uma poética das memórias literárias**. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/memoria/11.shtml>>. Acesso em: 21 jul. 2014.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTAROTH, D. **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

RONCARATI, Cláudia. **As cadeias do texto**: construindo os sentidos. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

SILVA, N. **O gênero entrevista pingue-pongue**: reenuniação, enquadramento e valoração do discurso do outro. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SILVA, Adriana da. **A leitura e o processamento da anáfora conceitual**. Pós-doutoranda na Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Tradução de Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

APÊNDICE

ENTREVISTA

ENTREVISTADOR 1: VANESSA 9º ANO – TARDE
ENTREVISTADA: MARIA ALICE CRUZ – 75 ANOS

Vamos iniciar esta entrevista falando um pouco sobre a sua história de vida, as fases da sua vida, desde à sua infância até os dias atuais. Sinta-se a vontade para nos contar o que você tiver vontade, os acontecimentos que você julga relevante que ocorreram na sua vida.

- **Perguntas gerais**

Entrevistador 1 - Quais são as três palavras que melhor descrevem sua vida?

Maria Alice – Que descreve a minha vida... As três palavras que descreve minha vida, é primeiramente a minha vida vivida dentro da Morada Nova porque eu nasci e me criei aqui. A minha saúde, a minha família, né. Meus filhos e meu lar que é a coisa mais importante para a vida das pessoas que às vezes não têm nada e de repente possui uma casa para morar, para ninguém chegar cobrando o aluguel da minha casa. São as coisas mais importantes que eu tenho na minha vida é isso: minha família, meu lar e minha saúde.

Entrevistador 1 - Qual foi o momento mais feliz que teve?

Maria Alice – O momento mais feliz que tive... Realmente eu não tenho nada para colocar, aí eu tive raiva disso, eu tive raiva daquilo, que todos os momentos que apareceram na minha vida foi... foi vivido por mim, porque primeiramente, nasci aqui; me casei aqui com um rapaz honesto, me casei com um rapaz pobre, mas era um rapaz honesto, não tinha passado ruim e ainda continua também, já tá com mais idade, mas não tem quem diga ele fez isso no começo da vida; e eu também fiquei também muito bem, porque eu continuei vivendo a vida que sempre vivi, não sou mais funcionária, mas sou aposentada, vivo na minha casa, cuidando da família, né?

Entrevistador 1 - Qual foi o momento mais difícil de sua vida?

Maria Alice – Ah, o momento mais difícil da minha vida foi quando eu, eu passei assim, eu era empregada federal, eu trabalhei na LBA 10 anos, aí nesse ente, ela fechou, aí indenizou as pessoa, aonde eu fui indenizada, e foi aonde consegui construir a minha casa, aí você sabe que quem não tem emprego, não tem ganho, passa por muitas dificuldades, aí eu vivia, quando tinha qualquer um movimento, eu botava uma banca e e vendia... coisas pra vender. Aí tinha uma vaquejada, eu ia botar uma barraca lá, passava, se fosse oito dia, passava oito dia lá sem vim em casa, aí os filhos ficavam tomando de conta, e quando era a noite, na barraca, colocava dois sacos plástico no chão e dormia, porque na barraca não dava pra armar uma rede. Tudo tem momento que a gente passa por dificuldade, mas ao mesmo tempo, eu me sentia feliz porque eu estava fazendo aquilo que eu gostava.

Entrevistador 1 - Qual a pessoa que mais lhe influenciou?

Maria Alice – Foi, a que mais me influenciou na minha vida, foi a Irene Andrade, viu? Foi a Irene Andrade porque ela era minha comadre, e ela conseguiu arrumar um emprego pra mim, né? E hoje em dia, eu sou funcionária aposentada pelo estado, e no mais, era tudo pra mim, a Irene Andrade.

- **Sua infância**

Entrevistador 1 - Quantos irmãos e irmãs você tem? Qual a ordem de nascimento?

Maria Alice – É, a minha mãe, a minha mãe foi, teve oito filhos: quatro mulher e quatro homem. A Lolô, não sei se foi do seu tempo, se você conheceu, era minha irmã mais velha. E o Gilberto Cruz que morava ali perto do hotel, era meu irmão mais velho, mas também já tá falecido. Quem nasceu primeiro foi a Lolô conhecida por Anísia; e o segundo foi o Gilberto e aí o terceiro já foi eu.

Entrevistador 1 - O que seus pais faziam para viver quando você nasceu?

Maria Alice – Não, meu pai era pedreiro. Meu pai veio de Russas, os Cruz veio de Russas construir Morada Nova. Meu pai veio para Morada Nova eu não era nem nascida. Ele veio construir aquele prédio, sabe do Manuel Gomes? Foi o primeiro prédio quem fez acolá foi o meu pai. Segundo, ele veio fazer o Vicentino. O prédio Vicentino foi feito pelo meu pai. A família Cruz, aonde existia Jacinto Cruz, Zé Cruz vieram construir Morada Nova, eles vindo de Russas.

Entrevistador 1 - Em que bairro e cidade morava e quais eram seus vizinhos?

Maria Alice – Aqui, aqui, sim, aonde era o Foto do Janjão, do Janjão que tirava retrato, a gente morava acolá. Exatamente que eu nasci acolá. Nós passamos muito tempo morando acolá e aí depois nós passamos pra morar na casa que hoje em dia é do Mundico Bezerra, ali perto da igreja, moramos muitos anos, muitos anos lá; menina, brincando acolá no patamá da igreja era eu, Dedé do Duque, o irmão do Dedé... Passei muito tempo acolá brincando.

Entrevistador 1 - Como você descreveria sua infância?

Maria Alice – Muito boa minha infância, como pobre, mas era feliz. É como pobre, nós era feliz, não faltava alimentação. Não era de primeira porque nesse tempo tudo era difícil, tudo era difícil, hoje você vai na rua comprar uma batatinha, comprar uma cenoura; no meu tempo não tinha aquilo não, era cebola com coentro e pronto, temperava a carne.

Entrevistador 1 - O que você fazia nos fins de semana para se divertir?

Maria Alice – Ah, agora na diversão não, né. A diversão era mais na escola com as brincadeiras, era a diversão que tinha que hoje não existe. E quando tinha diversão mesmo, minha filha, os pais não deixava a gente ir pra festas essas coisas. Pra mim sair? Vinha três pessoas de responsabilidade pedir para me levar para tal canto. Hoje em dia com dez anos elas diz assim “eu vou pra tal canto” e vai mesmo. No outro tempo não era assim não, ê, ê.

Entrevistador 1 - Qual o nome de sua escola primária?

Maria Alice – Era, o, a Escola Reunida de Morada de Nova, primeiramente era a Escola Reunida de Morada de Nova, era ali onde era o posto de saúde, como é? O Saae, onde é o Saae. Aí fizeram o Grupo Egídia primeiro, exatamente eu cheguei a estudar lá no Egídia, no Egídia, mas não era daquele tipo, mas fizeram no mesmo canto, e eu ainda estudei lá.

Entrevistador 1 - Você era uma boa aluna? Tirava boas notas?

Maria Alice – Tirava, toda vida eu tirei. Infelizmente, devido muita dificuldade, eu não consegui nada na minha vida, porque eu não tinha condição. Pra estudar só se fosse filho de rico, é eu não tinha condição. Se fosse agora? Ahh! Eu tinha me formado. Mas com tudo isso eu fiz até a oitava série, ainda fiz ainda. É que quando começou a aparecer o Normal, o ginásio, aí foi o tempo que eu já tava namorando, eu já ia era casa e não tinha mais condição de estudar. Que vontade eu tive e muita.

- **Seus pais**

Entrevistador 1 - Como era sua mãe?

Maria Alice – A minha mãe era uma mulher trabalhadeira, inteligente, ajudou muito a criar a família, viu, ajudou a criar muito, minha mãe foi a primeira pessoa na Morada Nova que começou a fazer croché, ela veio de Russas, ela trabalhava muito fazendo croché, aí o Zé Cruz, não, meu pai, era pedreiro na Morada Nova. Essa pedreirada que tem tudo aqui, tudo foi ensinado pelos Cruz, que vieram de Russas.

Entrevistador 1 - O que você sabe sobre o passado dela?

Maria Alice – É, ela fazia croché, ela fazia croché ,e tem mais essa, ela fazia o empalhamento, num tem umas cadeiras de madeira... Pois ela foi uma das

primeiras pessoas que chegou de Russas e começou a fazer aqui foi ela. Exatamente que foi eu que puxei a ele, que eu também faço também.

Entrevistador 1 - E seu pai? Como ele era?

Maria Alice – O meu pai, meu pai era alto, forte; agora ele gostava às vezes de tomar uma cachacinha, mas era um pedreiro fino.

Entrevistador 1 - O que você sabe sobre o passado dele?

Maria Alice – Não, o passado dele é o seguinte, que ele tinha sido casado duas vezes, casado duas vezes. É a primeira vez que meu pai casou-se, a minha mãe era quase vizinha dele, ela tinha cinco anos de idade quando o meu pai casou pela primeira vez, era menina, tinha cinco anos de idade. Aí ele passou dez anos casado, aí a mulher dele morreu, a minha mãe com dezesseis anos, aí ele se casou e foi a maior raiva de todos. Meu pai era metido a pistoleiro, valente, só vivia armado. Ainda deu até um tiro num irmão dela. Isso tudo aconteceu.

Entrevistador 1 - Quais as principais lembranças que você tem de seus pais?

Maria Alice – Todas né, todas lembranças porque ele era todo delicado. Nós todos aprendemos a ler porque ele teve o cuidado, que não era como agora, porque hoje em dia só não se forma quem não quer. Agora vontade eu tenho, mas não tinha condições.

- **Vida escolar**

Entrevistador 1 - Quando criança, o que você imaginava sobre sua vida adulta?

Maria Alice – Eu sempre tive o desejo de ser professora, né? Exatamente porque eu ensinei no município muito tempo, muito tempo, era aquele problema, mas toda vida eu gostei de ensinar.

Entrevistador 1 - Como foi sua vida escolar durante o ensino médio?

Maria Alice – Foi com dificuldade porque naquele tempo existia o colegial, que exatamente a gente estudava porque queria.

Entrevistador 1 - Quem eram seus amigos nesta época?

Maria Alice – Renato, a mulher da escolinha, nós tudo fomos aluno tudo da mesma turma, e hoje em dia ela é uma grande professora dona de colégio, né? Ela foi minha colega do primeiro ano até o quinto ano, ela foi.

Entrevistador 1 - Você concluiu esse período de estudos?

Maria Alice – Conclui, até a oitava série eu conclui.

Entrevistador 1 - Após encerrar este período continuou estudando?

Maria Alice – Não, eu continuei estudando não. Às vezes, eu, fazia curso, né, a gente ia. Aí quando a gente casa, tem menino aí não tem mais condição, aliás, sendo pobre. Sendo rico não, sendo rico já é outra coisa, deixa babá e tudo.

Entrevistador 1 – Como você decidiu o que estudar?

Maria Alice – Não, porque minha mãe colocou nós pra estudar e nós estudamos mesmo. Ai de nós de tirasse uma nota ruim, não podia tirar nota ruim não, hoje em dia nem nos cadernos dos alunos a mãe olha. Ave Maria se nós tirasse uma nota ruim aí a chibata comia.

- **Carreira**

Entrevistador 1 – Como escolheu sua carreira?

Maria Alice – Não, eu não escolhi carreira nenhuma, porque eu fiz até a oitava série, aí depois me casei, aí fui trabalhar na LBA, trabalhei dez anos na LBA, que é Legião Brasileira de Assistentes, trabalhei lá qe ela fechou e que hoje em dia é o CAPS. Aí depois daí me casei... Comecei a ensinar no município, aí quando um partido ganhava, me tirava, era uma cachorrada. Ninguém tinha seguro de nada. Aí eu ensinava, ensinava, ensinava, aí o Franciné ganhava, o lado do Franciné ganhava e xih, rua! Aí esperava quatro anos pra ver se entrava de novo; aí comecei a ensinar particular, eu ensinei muito particular nessa casa.

Entrevistador 1 – Se pudesse voltar atrás, escolheria a mesma profissão?

Maria Alice – Talvez, né? Não tem outra profissão. A profissão aqui no interior é ser empregada de cozinha, ser babá, é. Aí eu escolhi a melhor profissão aí eu ia ter mais oportunidade pra ter me formado, né.

Entrevistador 1 – Como foi o seu primeiro emprego?

Maria Alice – Meu primeiro emprego... Meu primeiro emprego foi pra ensinar, eu ensinei lá na Felipa, na fazenda do Bonejo, a a Maria do Correio, tudo foi meu aluno, todo aquele povo foi meu aluno. Eu alfabetizei lá onde eles moravam, lá nas caatingas. Aí que quando eu voltei, foi o tempo que eu me casei e que eu me empreguei na LBA. E nesse tempo quem me deu emprego foi até o seu João Andrade, aí fui levando, levando, fui indenizada e terminei no estado, lá no Dias Cabral fazendo merenda escolar. Mas de tudo, de tudo eu experimentei uma coisinha: professor, auxiliar despachando merenda escolar lá na LBA, e terminei lá no grupo escolar Dias Cabral, varrendo, ajudando a fazer merenda, e nisso completei trinta e um anos de trabalho e me aposentei por tempo de serviço.

- **Relacionamentos**

Entrevistador 1 - Como conheceu seu esposo?

Maria Alice – Ah, eu conheci sei lá, num leilão acolá, perto do do mercado acolá. Num leilão, aí nesse tempo era dia de Santa Luzia e começamos a conversar naquele muro do Fransquinho, né? Que tinha acola perto do mercado. Aí tinha aquela casa de alpendre e juntava um horror de gente, e comecei a conversar, conversar, e deu certo até hoje.

Entrevistador 1 - Quanto anos vocês tinham quando se conheceram?

Maria Alice – Eu tinha uns dezenove anos. Só sei que me casei, eu me casei com vinte e um ano.

Entrevistador 1 - Como você soube que ele(a) era a pessoa certa para se casar?

Maria Alice – Não, às vezes a mãe nem quer, mas depois que você bota na cabeça que quer, não tem quem controle o amor não.

Entrevistador 1 - Como foi a cerimônia de casamento?

Maria Alice – Foi e foi bonita. Eu toda vestida de noiva, na paróquia do Divino Espírito Santo. Não, ele era pedreiro, aí eu nesse tempo era funcionária. Aí pronto a gente construiu uma casa, eu pari treze filho, criei oito, tem seis homem e duas mulher e assim vai levando, todos são adultos, vive por si...

Entrevistador 1 – Qual lembrança você tem desta época de recém-casados?

Maria Alice – Ah lembrança, uma lembrança boa, porque eu me casei com um rapaz pobre, eu também pobre, mas ele nunca me maltratou, né? E nós toda vida vivemos, assim, unidos, não tem negócio dele pegar o dinheiro, gastar e nós ficar passando fome, com filho sem ter o que comer. Nós toda vida tivemos uma vida simples, boa, porque hoje você pode dizer que se você tem uma vida dentro de um lar, comendo todo dia e criando a família, pode dizer que tem uma vida boa. Nunca foi de enganar nós dentro de casa, porque tem muitos aí que sofre, né?

- **Filhos**

Entrevistador 1 – Quanto tempo após casados nasceram os filhos?

Maria Alice – Não, quando eu me casei, eu me casei no dia 21 de dezembro de 61, e em novembro de 62 já tive o primeiro menino, em 63 nasceu outro, em 64 outro... (Risos) E assim ia. Quando a segunda nasceu, o outro tinha onze meses, aí eu passei uma no sem ter, aí que quando veio, veio logo dois, e era um par de dois.

Entrevistador 1 – Qual de vocês escolheu os nomes de seus filhos?

Maria Alice – Não, quando eles nascia, se eu dissesse, eu quero colocar fulano de tal o nome, ele também concordava. Não existia “tem que ser esse”, quem vai colocar sou eu, não. Aqui todo mundo mandou igual. Ai a gente dizia, não vou colocar nome de fulano, exatamente tem o nome do meu pai... Tem o nome do pai dele...

Entrevistador 1 – Conte-me sobre o nascimento de seus filhos?

Maria Alice – Ah, eles nasceram tudo normal, viu? Nunca tive um parto perigoso, nunca tive. Dos meus filhos, tudo nasceram normal. Agora, ah, ah, eu tive um parto gêmeo, foi que não tava com nove meses completo, tava com oito meses e poucos dias, exatamente que elas nasceram muito raquiticazinha, muito pequenininha, tanto que com um mês e poucos dias elas morreram. E a minha filha mais velha, que o meu filho mais velho mora em Natal; minha segunda filha, depois de adulta, tomou veneno e faleceu, em 2014, em 2004, em 2004, ela faleceu. Agora tá completando, é, é, 12 anos; e ninguém sabe a causa, eu nunca soube nada, só sei que ela faleceu.

Entrevistador 1 – O que mudou em sua vida naquela época?

Maria Alice – Mudou... Mudou o quê? Na época que trabalhei ou que deixei de trabalhar? Porque a vida tem que mudar, quando tem filho, a vida tem que mudar, porque eu fiz tudo para dá o que era bom a eles, dar o exemplo, né? O que a gente pode deixar de bom é dar bom exemplo os filhos, porque se eu fizer muita coisa errada, qual é o exemplo que eu tô dando? É ensinando eles a serem o quem é ruim. Por isso eu sempre dei bom exemplo, comecei a trabalhar e levava eles tudo pra me ajudar, eu botei muita barraca na vaquejada, mas nunca precisei pagar ninguém de fora pra me ajudar, tudo era eles me ajudando, tudo ajudando, tudo, tudo trabalhando comigo. De manhã eles ia vender tapioca no colégio, e esses aí estudava a tarde; os que estudava de manhã, vendia a tarde. Criei meus filhos tudo trabalhando. E tudo são homem. Graças a Deus eu nunca precisei mandar um prato de comer pra cadeia; nunca precisei ir pra delegacia; por isso eu digo que criei oito filhos aqui dentro da Morada Nova, mas foi trabalhando. Não tinha isso de filho meu passar o dia todinho na rua pedindo uma banana a um, uma bolacha, não. Ele iam para a rua, mas com uma bandejinha vender na porta dos colégios. Graças a deus, oito filho homem. E tinha mais essa, eles estudavam e ajudavam a trabalhar.

Entrevistador 1 – Qual foi o momento mais feliz na criação de seus filhos?

Maria Alice – Acho que nunca passei nada de... É quando eles vão crescendo, né? Vai tendo mais prazer... Quando eles passaram a me ajudar... Eu tenho um filho que é mesmo que um pai. É o que mora em Natal que é da marinha. É quem aguenta aqui a barra também. Você sabe que um salário mínimo não dá nem pra você comer carne todo dia. E se fosse pra pagar aluguel, né? E a água e a luz. Ai é que não dava mesmo, e eles me ajudam muito. Graças a deus na minha casa eu tenho tudo, em cada vão tem televisão, cada um tem o que é seu.

- **Fé**

Entrevistador 1 - Que papel sua fé desempenha em sua vida?

Maria Alice – A fé no senhor Jesus, né? Até certo, a gente sabe que Jesus teve mãe, é como nós temos também, a gente fala, reza pra virgem Maria, mas quem é todo poderoso é o senhor Jesus. Se a gente for pedir é: “Nossa Senhora de Fátima, pelo amor de Deus”, me amostre que eu alcance isso, isso, assim... É muito importante, porque a gente tem que valorizar assim como eu valorizei muito a minha mãe e hoje em dia ela não tá mais... Mas a gente tem que valorizar muito é a mãe do senhor Jesus. Não é dizer eu deposito tudo isso e ela vai me dar, não! A nossa vida principal, a nossa saúde, vem do filho dela.

- **Momentos**

Entrevistador 1 – Quais outros momentos em sua vida foram marcantes?

Maria Alice – O momento mais marcante da minha vida, foi quando eu sofri uma virada. Eu fui pra praia, fui pra praia, aí levei os dois menino; e quando nós ia voltando o carro virou, matou ainda dois. Até um irmão da Socorro morrei nessa virada. Foi o momento que mais marcou na minha vida. Foi em 2004, foi? Nem me lembro mais. Todos os anos eles iam, e eu sempre fui muito de gostar de andar, nesse tempo não tinha esse negócio de ônibus e fomos num pau de arara. Foi em 84, 84 o ano.

- **Favoritos**

Entrevistador 1 – Quais lugares que você mais gostou de conhecer?

Maria Alice – Todo lugar que eu já fui, eu já gostei. Fui pra São Paulo, Rio de Janeiro, pra Minas Gerais, pra Bahia, pra Natal, todos anos eu, sempre eu faço uma viagem, eu gosto de viajar. Sempre que fazem uma lotação na Morada Nova e me convida, eu já tô subindo no carro (risos).

Entrevistador 1 – Se pudesse viver sua vida novamente, o que faria diferente?

Maria Alice – Acho que não faria diferença nenhuma não, sabe por quê? Enricar eu não vou mais enricar. Aí, minha família continua, né? A gente tem que rezar pelo bem da família, dos filhos; porque nós estamos numa época que a mãe tem que rezar todo santo dia pelos filhos porque a perdição tá é grande; e ter muita fé, né?

Entrevistador 1 - Como você gostaria que as pessoas no futuro se lembrassem de você?

Maria Alice – Às vezes eu digo, “olha, quando eu falecer, vocês não deixe, duas coisas que eu não quero que vocês deixem, de visitar o cemitério no dia de finados e sempre mandar celebrar uma missa pra mim. É a única coisa que peço. Não se esquecer! Eu sou muito chegada, a gente pode brincar, se divertir, mas eu tenho que ir todo domingo à missa. Quando eu vou, vou pesada, mas quando volto, já é maneira.

Entrevistador 1: *“Então, assim nós concluímos nossa entrevista, agradeço a sua participação em estar concedendo essa entrevista”.*

ENTREVISTA2

ENTREVISTADOR 2: GLEYSON 9º ANO – TARDE

ENTREVISTADA: LEDA MARIA BRILHANTE – 69 ANOS

Vamos iniciar esta entrevista falando um pouco sobre a sua história de vida, as fases da sua vida, desde à sua infância até os dias atuais. Sinta-se a vontade para nos contar o que você tiver vontade, os acontecimentos que você julga relevante que ocorreram na sua vida.

Entrevistador 2: perguntas gerais: A primeira pergunta é bem fácil. Quais são as três palavras que melhor descrevem sua vida?

Leda Brilhante: Deus, Família e Educação.

Entrevistador 2: A segunda, viu? Qual foi o momento mais feliz que teve? O momento mais feliz da vida da senhora?

Leda Brilhante: Eu tive vários momentos felizes, mas o que muito me marcou... ser mãe foi maravilhoso, mas ser avó é duplicado. O nascimento da minha neta, da minha primeira neta Lohana.

Entrevistador 2: Três: qual foi o momento mais difícil de sua vida? O mais difícil...

Leda Brilhante: O momento mais difícil que eu enfrentei foi no dia que eu fui... no dia que o médico me disse que eu tinha a retino... Que era portadora de retinose pigmentar, porque eu sabia que esta doença um dia me levaria a cegueira total. Eu pensei que eu ia sofrer muito quando ela chegasse... Não vou dizer que não tenho momentos difíceis por causa dela, mas ela não me traz tristezas constantes, porque eu levo uma vida normal dentro da minha casa. Eu me levanto 05h30min da manhã, vou pra minha cozinha e faço de tudo dentro de casa, desde cozinhar. eu tenho deus que está sempre a minha frente, que Jesus, a mãe de Jesus que também não falta. Ela não me deixa. O povo se admira, "como é que você cozinha? Não se queima?" Não, porque eu não faço nada na minha vida sozinha, Jesus e Maria estão sempre ao meu lado.

Entrevistador 2: muito bem. Quatro: Qual a pessoa que mais lhe influenciou? A pessoa que a mais influenciou na sua fase difícil, que você sofreu? Assim, vai, deu apoio.

Leda Brilhante: A minha família, de modo geral. A minha mãe. E quando ela chegou, a minha irmã Marília, é uma pessoa que a quem eu devo muito, em todos os momentos da minha vida, nos momentos mais difíceis ela esta... Está até hoje sempre comigo.

Entrevistador 2: E a sua mãe?

Leda Brilhante: não, a minha irmã. Primeiro foi minha mãe, na época desse momento difícil que eu soube que eu era portadora da doença, mas nos dias atuais... É... De sempre que eu precisei de alguém pra me levar no médico, depois da minha... do meu problema de visão, foi apoio, o meu encosto, a minha coluna, é minha irmã Marília.

Entrevistador 2: agora vamos fazer perguntas da sua infância, né? Primeira pergunta: quantos irmãos e irmãs você tem? E qual foi a ordem de nascimento?

Leda Brilhante: bem, isso daí eu volto... Eu tenho, tive né? Porque muitos já se foram, mas foram 14 irmãos. Porque meu pai, quando minha mãe casou-se, meu pai era viúvo e tinha quatro filhos, e com a minha mãe ele teve 15, mas só criou 10. Já fomos uma prole de 14 filhos. A mais velha, que é a mais velha das meninas [da parte do pai], era mais nova do que a minha mãe só 13 anos... Oh, 13 não! Cinco anos. Minha mãe casou-se com 18 e ela já tinha 13. Aí depois dela veio Sebastião, a minha irmã mais velha nasceu em 26, é isso que "cê" quer saber?

Entrevistador 2: é isso, tá certo.

Leda Brilhante: pronto, a minha irmã mais velha nasceu... Mas não precisa de dia e mês não, né?

Entrevistador 2: Não, não...

Leda Brilhante: Mas eu sei de tudinho. Não? Minha irmã nasceu em 26, mas era irmã por parte de pai, vou primeiro dizer a família do primeiro matrimônio do meu pai, que não deixa de ser meus irmãos.

Entrevistador 2: Urrum

Leda Brilhante: Tá... Berenice nasceu em 26, Sebastião Isaias em 29, Maria das Graças, que é a única viva do primeiro matrimônio, nasceu em 34, e o Imero em 35. Depois, com o casal da minha mãe, do casamento da minha mãe, que ela casou-se em 39, nasceu a primeira filha em 40, depois disso ela teve filhos também em 41,42, mas esses morreram e eu não sei mais. Mas aí veio, dos vivos, tem o José Brilhante que é de 44, Rui Brilhante de 46, eu de 47, Leda Maria, Maria Socorro já falecida, o Rui também já falecido, e Socorro em 48. Pronto. Tem a Zíria, em 49, Gerardo 50, Fábio 52, Noélia, falecida, de 55, e a Naídia de 56.

Entrevistadora: Segunda pergunta: o que seus pais faziam para viver quando você nasceu?

Leda Brilhante: meu pai trabalhou, sempre trabalhou, em cartório preparando escrituras. Trabalhou no cartório Chagas Filho e depois trabalhou no cartório Honorato. Com o passar do tempo ele saiu do cartório, ficou fazendo em casa escrituras particulares e trabalhou no comércio como... Acho que era contador, no comércio do Moises Rabelo. Minha mãe era doméstica até 1957, quando em 58 ela ganhou uma máquina de costura, presente do enteado mais novo dela, que foi o Imero, ela passou a costurar pra ganhar um dinheiro e ajudar nas despesas de ca... Nas despesas de casa não! Pros filhos. Comprar roupas, calçados. Porque meu pai sempre se preocupou muito com a alimentação, mas com o resto, o estudo, sempre foi luta da minha mãe. Então com muita dificuldade, enfrentou problemas difíceis, não de brigas dentro de casa, porque, graças a deus, nós nunca vimos uma briga do meu pai nem com minha mãe, mas não foi porque não tivesse motivos não, não vou negar... É porque ela, ela era mulher Amélia ela tinha as conversas com ele, e ela respeitava muito a presença dos filhos. Ela nunca reclamou, nunca discutiu não.

Entrevistadora: Terceira: em que bairro e cidade morava? E quais eram seus vizinhos?

Leda Brilhante: Da minha lembrança, nós sempre moramos aqui em Morada Nova, apesar de a minha mãe ser do interior, do Sítio Volta, mas quando ela casou-se veio morar na cidade e... Da minha lembrança, eu, aos 5 anos de idade, eu fui morar na rua que antigamente, hoje tem outro nome mas, no tempo que eu fui, era Luiz Saturnino. Na rua Luiz Saturnino eu tinha como vizinhos: Dona Chiquinha Andrade, a dona Filomena, que se chamava Memena, bem baixinha, bem gordinha, linda! O seu Castelo, de dona Luzia, e... Seu Luiz Paruaba, e a dona Lília, e, vizinhos mais próximos nós tínhamos, porque o nosso era quase no final da rua, aí, quando descia a calçada era Napoleão Guimarães, o seu Adalto, e Dona Maria... Era os meus vizinhos da minha idade de 5 até 8/9 anos, 8 anos, 7 anos. Que é a minha lembrança tudo de cinco anos pra cá eu sei.

Entrevistadora: Como você descreveria sua infância?

Leda Brilhante: De muita dificuldade. Dificuldades desde o problema alimentar, porque meu pai, infelizmente, ele tinha um vício muito grande e muito nos prejudicou: O jogo. E isso trazia dificuldades, porque quantas vezes ele chegava da casa de jogo sem nenhum tostão, até pra comprar um pedaço de pão pra gente... Embora a gente soubesse que, de 11h, a carne estava no fogo, que ele era carnívoro, todo dia tinha que comer carne. Mas as dificuldades foram grandes, na parte de alimentação, na parte da educação mesmo nunca se preocupou, minha mãe era quem contava com a ajuda dos irmãos dela que moravam em fortaleza, e também da parte até de doença. Quem nos... Quem "acodia" muito era minha mãe, era meu tio Diomédés, que era farmacêutico, trabalhava na farmácia, doutor Afrânio era compadre dela, e daí vinham as amostras grátis. Ela... Nós fomos criados tomando muito remédio caseiro, lambedor... Tinha uma gripe forte? Ia pra farmácia comprar remédio. Era lambedor, era chás, cozimentos pra lavar a cabeça. Mas as dificuldades da infância, nós somos uma família que nós não tínhamos brinquedos. Porque o meu pai não comprava e minha mãe não tinha de onde tirar também, né, que era doméstica. Então os nossos brinquedos eram de quê? Eu tinha uma madrinha, madrinha Maria Eliuce, que era irmã do Francisco, tio do Cavalcante Junior, então ela sempre trazia uma boneca pra mim. Ela foi quem patrocinou a minha primeira comunhão, com 9 anos de idade, ela quem comprou o tecido e a minha mãe costurou, né? Com máquina emprestada, já era velha a máquina de costurar. E patrocinou desde o vestido ao tercilzinho, o sapato, a grinalda, porque naquela época a gente se arrumava pra uma primeira comunhão, mais parecia uma noiva. Era terço na mão, um sapato, e aproveitando, eu fiz a minha primeira comunhão no dia do meu aniversário, 8 de Fevereiro de 1958. Aí como minha irmã Socorro era mais nova do que eu um ano, minha mãe reaproveitou meu vestido, arrochou um pouco, diminuiu um pouco no tamanho, e a Socorro fez com a mesma... Com tudo que era meu ela fez a primeira comunhão, no dia 21 de Fevereiro do mesmo ano. E minha irmã Zíria, que tinha apenas 7 anos, e era gorduchinha e pequenininha, ela diminuiu mais ainda, botou não sei pra dentro, pra aproveitar o vestido, né? Pra depois aproveitar, aproveitar. Eu sei que, com o mesmo vestido, o mesmo sapato, a mesma... Todos os acessórios da primeira comunhão, nós três fizemos no mesmo ano, para aproveitar, já que tinha.

Entrevistadora: Quinta: O que você fazia nos fins de semana para se divertir?

Leda Brilhante: Não existia essa palavra "divertimento". Nosso divertimento, quando criança, eram os nossos livros. Nós não saíamos porque era uma família muito grande, uma escadinha, minha mãe não deixava a gente sair, né? E, como era uma escadinha, também ela não tinha condição de sair com a gente. A nossa... O nosso passeio era esse, aos domingos, quando a gente morava aqui no centro da cidade, mais precisamente... É, mais ao centro, era os boi, as moto, todo mundo dizia "hoje nos vamos lá pra casa da tia Julia". A tia Julia e a mãe da Maria de Oliveira, que era irmã da mãe dela, irmã da... Era... Era Julia Polinário, irmã da minha avó, Maria Amélia. E, no domingo a gente ia pra tia Julia, chegava lá, ficava todo mundo sentadinho no tamborete...

Entrevistador 2: Ela morava aqui também?

Leda Brilhante: Morava lá no alto, dis... Acaba... Antes não tem a casa do seu Miro, né?

Entrevistador 2: É.

Leda Brilhante: Pois, quando a gente dobra, dobrava ali, que vem, ali quase na esquina do parque, tem uma parque que hoje em dia eu não enxergo, não ando mais ali eu acho que tem um terreno, é? Ou construíram? Que na esquina, confrontando com aquela rua que vai... Do parque da criança, era a casa da tia Julia.

Entrevistador 2: Certo.

Leda Brilhante: Que vizinho quem morava, quem morou um tempo, quem morava até um tempo desse, era... Na época não era ela, não sei quem era na época... Mas quem morava vizinho a casa que foi da tia Julia era a Zelinda, a mãe da Auxiliadora, naquela rua Expedicionário Moreno. Era o início... Era a primeira casa da Expedicionário Moreno. aí no outro domingo, pra gente não ir cedo pra lá, a gente ia lá pra Girilândia, pra casa do tio Zé Rosa, que era o único irmão do meu pai. A gente ia ficar lá na casa da... Joselita, Concelita... O nome da mulher dele era Joselita. Outro domingo a gente vinha aqui pra casa da tia Maria Julia, da Maria Euzira, mãe da Eronide, já nessa rua...

Entrevistador 2: Certo...

Leda Brilhante: Aí quando nós nos mudamos pra cá, eu já tinha 14 anos de idade né? mas divertimento na infância... Nosso divertimento era brincar... Minha madrinha, além de ter patrocinado minha primeira comunhão, ela trazia às vezes uma bonequinha e a gente brincava com essa bonequinha. A minha irmã Zíria toda vida foi muito pra brincar com a pedra de paralepipedo. Muitas vezes tinha umas bonequinha... Umas bruxinha de pano... Me lembro que eu brinquei muito com boneca de papelão, não sei se vocês já ouviram falar. Como é que a gente fazia, a gente pegava os papelão, fazia o cor... Desenhava um corpo, né? Aí pegava uma revista, tirava uma cara, recortava o rosto de uma personagem da revista, colava né? Aí o... A roupa a gente fazia de papel de seda, de papel de caderno. Quando a gente tinha papel de cigarro, a gente fazia uma pra botar em baixo e em cima pegava o papel de seda e cortava... Fazia os cortezinho, pra fazer de conta que era o brilho da... Né? Como se fosse uma renda. A gente brincava com boneca de papelão, bruxinha de pano, era... Minha irmã gostava de brincar era com pedra de

“paralelepípedo”, que era pesada! Ela enrolava um pano e brincava assim também com os boizinhos de osso, né? Os ossos de animais. Pronto. E assim a gente ia levando a vida. A juventude de hoje reclama muito da vida, os adolescentes são inconformados... Inconformado... De tudo reclamam, porque não tem lazer, não tem isso... Se eu tiver espaço pra falar, eu vou contar um pouco de como foi a minha adolescência aqui na Morada Nova.

Entrevistador 2: Pode falar.

Leda Brilhante: Primeiro, nós tínhamos muitas dificuldades para o estudar, a gente estudava... Eu estudava num horário e a Socorro em outro, Por quê? Era no Egídia Cavalcante... Porque nós tínhamos... Cada uma tinha sua blusa, mas a saia era uma só. Então uma tinha que estudar de manhã e a outra à tarde. E... As tarefas sempre orientadas pela minha mãe. Depois, quando eu terminei a quarta serie primaria, como se chamava antigamente, né, aqui não tinha mais estudo. Quem tinha condições ia pra Limoeiro, ia pra Fortaleza, e eu estava destinada a ficar em Morada Nova. Porque, como é que uma menina pobre, muito pobre como eu sempre fui, e ainda hoje sou, mas naquela época era pobre de gritar... Mas como é que eu podia enfrentar ir pra Fortaleza pra estudar, ou mesmo pra Limoeiro? Num semi internato que tinha lá... Um internato. Ia ficar aqui, mas Deus sempre esteve do meu lado, sempre esteve ao lado da minha família. A prova é que, quando eu terminei o quarto ano do primário foi no tempo que alguns homens de bem da Morada Nova se reuniram e lutaram para trazer pra cá o Ginásio. Aí eu disse "não, mas pra entrar no ginásio tinha que fazer uma prova seletiva", mas não era uma prova, era umas... Quem fazia exame de admissão, tudo bem... Mas no meu tempo terminava na quarta série, no tempo que a minha irmã mais velha estudou, tinha até o 5º ano, mas no meu tempo o 5º ano já tinha sido extinto, era 4º série. Aí o que é que eu fiz, eu disse "não, mas eu vou tentar o exame". Eram provas orais e escritas, as principais matérias, português, matemática, geografia, história, ciências... E eu fui estudando o que tinha... Dinheiro pagou professor pra poder se preparar, e eu fui estudando “só” em casa, sozinha, com livros emprestados, mas consegui ser aprovada, graças a deus!

Entrevistador 2: Graças a deus.

Leda Brilhante: Aí fiz o ginásio, que naquela época era assim: primeira, segunda, terceira e quarta série Ginásial, que é o que equivale hoje ao sexto, sétimo, oitavo... Não, sexto, sétimo, oitavo e nono ano, né? Meu tempo era primeiro, segundo, terceiro... Quando o ginásio começou, foi nesse prédio onde hoje é o SAAE, não tinha prédio próprio, mas começamos ali. Eu fui da primeira turma, além da primeira turma, além da primeira série, criaram também o CP, que era o Curso Primário, o curso de admissão. Sei que ainda saíram duas turmas. Depois, com muita luta, nós íamos fazendo rifas, bingos, nós alunos com o apoio dos professores, para que o ginásio começasse a ser construído. E foi assim que o ginásio foi construído. Quando nós fomos pra lá, em sessenta... E três. Foram 62, 63, por aí. Ele começou em 60, dois anos depois já estava no prédio próprio, embora sem piso, mas a gente estava no nosso canto. Quando eu terminei o Ginásio "e agora? Vou ficar por aqui"... Mas foi quando os homens tiveram outro impulso, principalmente professor Dilson Pontes, e foi tentar junto às autoridades competentes trazer uma escola normal pra cá. E eu sempre digo, deus estava à minha frente. Eu fui lá, quando eu terminei o Primário, no ano seguinte veio o

Ginásio. Terminei o Ginásio, no ano seguinte veio a Escola Normal, só que, pra... Pra entrar Escola Normal nós também tínhamos que fazer uma prova seletiva, mas eu passei. Graças a deus! E lá enfren... Lá começou funcionando num Monsenhor Tabosa, só depois foi que construíram o prédio próprio, né? Da escola Normal. E assim eu fui caminhando... O meu sonho desde pequena, com 7 anos de idade, já dizia que queria ser professora. E finalmente, em 66, eu realizei este sonho. Me formei, pra mim foi assim... É... Foi um orgulho muito grande, e pra minha família também. Principalmente por ser uma pessoa que lutou com muita dificuldade, muita... Uma luta grande, grande. Quando o ginásio começou era totalmente gratuito, depois começou a cobrar uma taxazinha... Mãe não tinha essa taxa... Esse dinheiro pra pagar essa taxa. Quem começou pagando foi meu tio Diomedes, que minha tia Maria Jose foi falar com ele. Quando foi para o Giná... a Escola Normal também tinha lá uma taxazinha, aí quem pagou foi minha tia Maria José. Então eu devo muito a minha família de um modo geral. No primário quem me dava os papéis, o caderno, lápis pra, a cada semestre, pra todo mundo, era meu tio Osvaldo, que morava em Fortaleza. Mas foi com essa luta, com todas essas dificuldades, que minha mãe conseguiu formar... Só não se formou quem não quis, porque até o Zé Brilhante, que o povo pouco sabe, mas ele é professor formado na Escola Normal.

Entrevistador 2: É?

Leda Brilhante: Nunca exerceu a profissão de professor, mas é. Tem a formatura dele. O Rui não quis terminar, não quis estudar. A Zíria parou no 5º ano. A Socorro também parou, mas o resto... Graças a deus. Gerardo, Marília, eu... Conseguimos avançar e ter uma profissão, que pra muitos não é nada, mas pra nós que somos, que fomos e somos, ainda hoje tem um que é, muito digno ser professor. E depois foi que eu entrei, comecei a trabalhar no Monsenhor Tabosa, quando ainda fazia o Normal, o segundo ano Normal, a gente tinha que fazer um estágio. Ai então, a dona Ilda que era diretora, criou o curso primário lá, pra que nós pudéssemos estagiar. E assim nós fomos estagiar. As alunas eram poucas, só vieram 7, então deu pra alocar todo mundo da primeira a quarta série, eu fui... fui logo, comecei com a quarta série como professora de português e estudos sociais, e a Ma'Luzia, do Déde, era matemática e ciências. Depois eu passei a trabalhar no CEBCJEC o prefeito da época, Dr. Afrânio fez o primeiro concurso público em Morada Nova, em 68, e eu fiz esse concurso, passei e comecei a trabalhar no CEBCJEC. E não era ali. Todo o meu foi no prédio que hoje é o centro de abastecimento, um prédio que não tinha muro, só eram três salinhas de aula, um banheiro, só um banheiro e uma salinha pequena onde funcionava a COOTED, que era os livros que vinham do governo federal pras escolas municipais, e a diretoria, tudo uma salinha pequena, talvez um pouco maior que essa daqui. E só em 73 foi que eu ingressei no estado.

Entrevistador 2: certo...

Leda Brilhante: Eu tô fugindo muito das...

Entrevistador 2: Não, não...

Leda Brilhante: Aí em 73, quando Denocs já estava aqui, né? Preparando para o perímetro irrigado, aí o projeto, o projeto irrigado. Aí, quando terminou o projeto, que já ia passar a ser perímetro, então eles construíram as escolas e chamaram professoras pra fazer uma seleção, uma entrevista, e eu fui... Me inscrevi. Passei

por essas entrevistas, passei, fui fazer um curso lá Caucaia, e lá, pelo meu desempenho, eu consegui o contrato não de 100 horas, mas sim de 200 horas para a direção da escola, E eu fui, naquela época tinha 4 escolas apenas, aí tinha uma diretora geral e cada escola tinha uma, que dava o nome de vice-diretora, mas que na realidade a gente era diretora mesmo. Aí eu comecei a trabalhar no perímetro em 73, em Agosto de 73, mas nosso contrato só foi assinado... O meu foi no dia 16 de Abril de 74. Trabalhamos 9 meses para o estado sem remuneração.

Entrevistador 2: Nossa...

Leda Brilhante: Foi. Mas aí o Denocs, reconhecendo o nosso trabalho, nos deu uma gratificação. E daí pra ficar, daí aí até o dia de me aposentar foi só de luta, mas de um trabalho que eu amava. De tudo eu fiz dentro da educação, já trabalhei em direção, quando eu saí do Denocs tava até assumindo a direção geral das escolas, já tinha se estendido para o NH3, o NH4, o NH5 e NH6, mas aí eu casei, ia me casar, né? Aí tive que deixar o emprego. Pronto, aí quando eu me casei fui me embora pra Fortaleza, e fui deixar o meu... Que eu amo de coração até hoje. Foram os melhores anos de trabalho da minha vida. Em fortaleza trabalhei, apenas, os 10 anos que eu morei lá, em duas escolas, aliás, eu digo duas porque teve uma que eu trabalhei durante dois anos, mas aí era uma escola que não dava abertura pra gente trabalhar... Era. Eu sempre gostei de fazer meu trabalho com liberdade, por exemplo, lá os professores eram acostumados, a escola funcionava numa casa grande, a diretora não tinha muita responsabilidade, as professoras também, então elas estranhavam a minha forma de trabalhar, porque eu sempre gostei de dar... De falar sobre as datas comemorativas, eu dava... Quando eu ia explicar eu explanava bem aquele assunto, e elas diziam, reclamavam que eu falava muito. A diretora passava e dizia "mulher, você fala demais, bota esses meninos pra fazer copia". Olha, numa quarta série, uma diretora mandar que a gente faça copia com aluno... Quantas cópias eles fazem... Mas nós vem pra cá pra dar aula, pra formar cidadão, não foi pra... Aí, quando surgiu outra vaga na outra escola que eu já trabalhava, eu fui pra lá. E lá eu passei durante 10 anos em Fortaleza. Foi quando que começou a se agravar o meu problema de visão, já faltando só dois anos pra eu me aposentar, aí eu voltei a Morada Nova. Quando eu cheguei aqui foi no ano que a Auxiliadora foi candidata a prefeita, no ano seguinte, em 89, quando ela assumiu, me convidou pra poder trabalhar no CEBCJEC, pra dirigir o CEBCJEC. Lá no CEBCJEC eu passei dois anos na direção. Quando saí de lá, já tinha dado entrada na aposentadoria né? Mas eu não queria parar de trabalhar. Eu trabalhei dois anos ainda na administração dela, dentro da prefeitura, trabalhando com os professores na parte de... Justamente na parte das datas comemorativas... Eu ia dando, dando sempre pra não parar, porque hoje em dia você não ouve mais falar. Pergunte aí, os professores, as crianças não sabem mais o dia, o hino do estudante, não sabe o hino de... Não sabem, nunca ouviu falar também em José de Anchieta, que hoje é santo, e o dia dele é 9 de Junho, que eu até sei um pedacinho das músicas dele, de quando a minha mãe era criança, mas ela me ensinou e eu aprendi até hoje. Aí fui e me aposentei, me aposentei, fui viver só para o meu lar, a minha família, dar mais apoio no estudo de cada um... Aí depois vieram as alegrias, a chegada... Primeiro a chegada da primeira neta, e depois da segunda neta, com a tristeza apenas de não ter visto o rosto da minha primeira neta, eu vi o rosto dela... Eu cuidei dela. Da segunda eu já não vi mais. E é o momento que eu tenho de tristeza da minha vis... Da falta da minha visão, existe os momentos que me deixam realmente... Eu não vou dizer depressivas, mas

tristes, é de não poder ver crianças, de não ver fotos, de ir a uma festa de aniversário, de ir as “bebezinhas” e não poder ver... Mayara, mas a Mayara vai comigo e descreve tudo tão bem que eu gravo como tudo esta acontecendo.

Entrevistador 2: Aí agora, Dona Leda, a relação com os pais da senhora. Como era a mãe da senhora?

Leda Brilhante: minha mãe foi uma guerreira. Uma mulher guerreira que viveu e lutou muito, a relação deles dois em si ninguém pode nem dizer que havia nada entre eles, assim, de gritos, de berros não, porque era de um entendimento muito grande. Isso até me traumatizou um pouco, eu criança, eu via meu pai chegar da casa de jogo. Seis horas da manhã minha mãe ia abrir a porta, que ela nunca deu chave, nem a marido, nem a filho, nunca deu. Se preciso fosse ela se levantava dez vezes para abrir a porta, mas ela nunca deu. Mas... A vida deles era uma vida tranqüila, no sentido de compreensão entre eles, agora era uma vida que ela carregou nas costas toda preocupação da vida de uma família... Da criação de uma família. Inclusive dos enteados, que meu irmão e Imero, que foi o caçula do primeiro matrimônio do meu pai, ele não estudou, ele não sabia ler quando arranjaram um emprego nos correios pra ele. Então ele pegava as cartas, naquela época passava uns três, quatro meses pra chegar, né? Ele pegava as cartas, levava lá pra casa, aí ela, mãe, dizia "olhe, essa daqui é de fulano de tal"... Naquele tempo as Selax, como se chamava as blusas de homem, tinham dois bolsos aqui na frente, aí ele botava, distribuía toda correspondência nos bolsos e decorava, que ele era muito inteligente. E, depois, sozinho, ele aprendeu a ler e escrever. Ler e era um homem de negócios, chegou até o posto mais alto do Correio ele chegou. Agora, quem foi que o ajudou? A minha mãe. Ela enfrentou todas as dificuldades, desde os filhos, a criar os filhos, como também dar apoio aos enteados. É tanto que tem um que, minha mãe morreu, ele nunca casou. Minha mãe morreu e ele continuou, a alimentação dele era lá em casa, que foi o Sebastião. E o relacionamento dos meus pais, nós nunca... E entre irmãos, não tinha briga, não tinha discussão, não... Nós sempre tínhamos... Fomos criados assim, dentro de um regime, que não tinha caso de rinhazinha de criança mais ali, que nem pai e nem mãe tomava conhecimento. Nunca ouvi minha mãe nunca chamar um palavrão dentro de casa, nem meu pai. Meu pai, na época do lançamento daquela musica do Roberto Carlos "e que tudo mais vá pro inferno" se eu tivesse, tivesse em casa, o rádio ligado, tocasse essa musica ele dizia "Desligue!", que nem dessa palavra ele gostava de ouvir... Então, o relacionamento, agora tudo por quê? Porque a minha mãe foi guerreira até a última hora.

Entrevistador 2: e o pai da senhora?

Leda Brilhante: Meu pai ela aquela pessoa muito seca, ele não tinha assim um carinho especial pelos filhos... Assim, não demonstrava né? Não demonstrava. Nunca demonstrou, nunca colocou ninguém no colo, nunca procurou conversar, nunca deu um presente. A única pessoa que meu pai deu um presente lá em casa foi a Maíria, a caçula. Quando ela tinha, talvez, seus seis anos, cinco pra seis anos. E todo mundo até se admirou, porque ela era, vamos supor que ela tivesse seis anos, a Noélia tinha sete, mas ele só comprou, no Natal, um presente pra ela. E o que foi esse presente, esse presente tem uma história... Ele comprou um carrossel, aí no Natal deu a ela. Aí! Quando ela abriu ficou muito feliz, aí depois acho que ele

sentiu e disse "olha, o carrossel pra você, mas, como é um carrossel, elas duas podem brincar". Ela brincou um dia, dois, depois pegou esse carrossel e guardou. E todo mundo "Maíria, você não vai brincar não?", "não, vou guardar". A gente até achava que era porque a outra não tinha ganho, ela não se sentia bem. Mas o tempo passou, isso foi em Dezembro, né? No natal. Quando foi em Maio, quando se aproximou o dia das mães, ela pegou a caixinha do brinquedo que estava guardada, foi lá na Maria do Galvão, onde tinha sido comprado, e perguntou a dona Maria se ela fazia questão de trocar aquele brinquedo por um presente para a minha mãe. Dona Maria me contava, dona Maria até contava, Maria do Galvão, né? Contava muito emocionada, da emoção que ela sentiu. Ela disse "dona Maria, eu ganhei no Natal, mas eu não brinquei, eu guardei. tá aqui, a senhora vê, tá dentro da caixa, tá tudo bem direito" ela disse "minha filha, se tivesse quebrado, você ainda ia levar o presente da sua mãe. pode escolher". Aí ela escolheu, comprou um prato de bolo branco, que tinha uma lista na borda verde, um rosinha no centro, um prato de bolo com seis pratinhos pequenos. Pra ela foi, assim, pra nós, é a gente sentiu-se assim tão... Como era que uma criança tinha tomado uma atitude dessa. Mas o nosso relacionamento com nosso pai era assim, era muito seco, ele não dava... Não fazia um elogio, ele também não brigava, quando ele tinha alguma coisa pra reclamar de uma de nós ele reclamava da mamãe, não gostava que mulher usa-se calça comprida. Aí, quando eu fui pra passar as férias em Fortaleza, até que uma vez eu mandei fazer umas calças compridas e levei pra lá, quando ele chegou... aí quando eu cheguei aqui disse "destá". Um dia a gente engomava, né? eu engomava roupa das mulheres e as dos homens, aí eu peguei a calça comprida e fui engomar, quando ele chegou pro almoço disse "Celeste, que história é essas que sua filha sai daqui mulher e volta homem?", aí ela disse "por quê?", aí "ela tá ali toda de uma calça comprida, calça comprida foi feita pra homem", mas também ele não reclamou e eu não deixei, então todo mundo começou a vestir calça comprida. Mas ele era assim, ele não brigava, não reclamava, não batia...

Entrevistador 2: e a questão do relacionamento da senhora: como foi que a senhora conheceu o esposo, como foi que vocês decidiram o momento certo de casar? Como foi a cerimonia?

Leda Brilhante: Bom, na minha... adolescência não... na minha juventude eu tinha aqui em Morada Nova vários amigos, mas nunca tive namorado daqui. Eu ia pra Fortaleza e arranjava meus paqueras, e esses paqueras ficavam lá, e eu ficava aqui, a gente se conhecia, de três em três meses chegava uma carta, chegava as férias, eu ia pra lá, e assim eu fui levando a vida. Depois eu passei um tempo... não sei, namorei com um três anos, por correspondência, com o outro dois anos, e o tempo foi passando, passando, passando, até que um dia eu namorei aqui um rapaz mas durou uns 15 dias, talvez. Gostava muito dele, gostei mesmo, mas... Tinha uma festa aqui em Morada Nova, aí eu achei que tava certo ir pra essa festa, quando de repente chegou a notícia que o Carlos, irmãos dele, tava muito doente em Fortaleza, mas fui pra festa. Quando ele chegou de Fortaleza tinham inventado uma história que nessa festa eu fiquei com Mané de Maria Julia, meu primo, ele trabalhava em Limoeiro, tinha trazido um amigo e inventaram umas histórias, aí pronto...o único rapaz que morava em Morada Nova que eu namorei durou pouco, mas... deixa pra lá. Passou-se. Quando foi um belo dia, eu estava em casa já deitada, Socorro chegou lá em casa e disse "Leda, vamos pra festa?", eu disse "Vou não, Socorro. Vou nada", isso era com 28 anos... "vou não, Socorro. Eu não

tenho mais espirito, eu trabalho, tô cansada. Vou não, vou não". Ela tanto insistiu "Leda, eu quero ir pra essa festa e minha mãe só deixa se for com você", "pois tá, Socorro. Pois eu vou só tomar um banho bem rápido, tocar uma roupa". Só foi eu tomar um banho rápido, vestir uma saia e uma blusa, e fui pra essa festa. Lá me encontrei com a Núbia minha prima e a Conceição, uma amiga. Nós ficamos numa mesa conversando, quando de repente uma pessoa senta numa mesa em frente, tava tomando uma Montilla e ofereceu assim, aí a Conceição disse "Ah se eu tivesse coragem eu ia aceitar", eu disse "não, por isso não que coragem eu tenho". Aí fui lá e disse, olha, minha amiga tá dizendo que aceita uma dose de Rum, mas aí ele disse "mas só se vocês vierem pra cá". Aí nós fomos, sentamos na mesa, ficamos conversando, era justamente o tal Pedro, né? E, daí, quando foi no outro dia, ele foi... ele veio me deixar em casa já muito bêbado, veio me deixar em casa não, acho que ele queria saber o caminho, né? aí daqui ele voltou e eu fui pra casa. No outro dia eu fui pra missa. Tinha missa pela manhã, mas nesse dia eu fui a noite. Fui pra missa, quando terminou a missa, quando terminou, eu tava passe... tava na avenida, na praça né? Com a Conceição e a Núbia também, que eram as minhas amigas, com quem às vezes eu saia, ia pra igreja e ficava na praça. aí eu ia passando, ele chamou. Aí as meninas disseram "eita, é aquele rapaz de ontem que tá ali sentado e lhe chamou", eu disse "vamos lá". Quando chegou eu dei boa noite, ele falou "vamos sentar". Nisso a namorada dele chegou, botou a mão assim por trás dele e disse "boa noite", foi quando eu vim saber quem era namorada dele, uma parenta minha. E depois disso eu soube quem era ele, namorador, mas ele tentou namorar e eu disse "não, não quero, não quero". Primeiro, ele era mais novo que eu e eu dizia que não namorava com homem mais novo do que eu. Mas o tempo foi passando e ele insistindo muito, acabou o namoro com as outras, né? Aí eu resolvi aceitar. Levei muita piada de uma delas, aí falei, sabe de uma coisa, agora vou namorar. Aí comecei a namorar com ele, depois de um ano eu disse... ele trabalhava em Fortaleza, depois de um ano eu soube que ele tava lá com uma paquera, aí eu acabei o namoro. Aí ele foi embora pra Espírito Santo, onde a família dele morava, e lá passou um tempo, mais de ano, mas sempre a irmã dele me escrevendo, no Natal mandava carta no nome dele, ele mandava no meu aniversário... quando foi um belo dia, a mãe dele morava aqui, ele tava lá na casa das irmãs. Aí eu tava na casa da mãe dele, na semana santa, justamente em 78, quando, a gente sentada numa área, aí ela olhou e disse "meu filho chegou". Eu disse "quem, dona Maria?". Eu nunca tinha ido na casa da mãe dele quando eu namorava com ele, foi depois que ele tinha ido embora, eu era muito amiga da irmã dele, aí, quando ele chegou, deu bom dia, eu fui logo tratando de vir embora, porque minha mãe tinha viajado e eu tinha que vir pra casa pra fazer o almoço. Aí eu vim me embora e ele disse "não, eu vou te deixar", então nós viemos a pé. Quando foi a noite ele apareceu lá por casa e começou a insistir pra voltar, eu sei que a gente voltou. Isso foi em Abril, quando foi em Agosto nós casamos. Eu já com 31 anos, mas não tinha nenhuma vontade de casar... Assim, nunca tive, porque tem moça que tem o ideal pro casamento, eu não tinha, eu não tinha. Com 23 anos eu fui noiva, e acabei noivado faltando 15 dias pro casamento. Acabei não, eu adiei. O casamento ia ser em Julho eu adiei pra Setembro, quando foi em Agosto eu acabei. Era pra morar no Rio de Janeiro e eu... Era um viúvo. Era a sina da minha mãe ter se casado com um viúvo, mas a sina da minha mãe não foi a minha não, foi a da minha irmã, que casou-se com um viúvo, que também tinha 4 filhos, dois homens e duas mulheres, e uma das mulheres também era Berenice, a filha mais velha. Então, nós casamos e fomos pra Fortaleza, e lá, depois de casados que eu comecei a descobrir que ele gostava de jogo, e eu tinha pavor a

jogo! Porque eu tinha experiencia com meu pai, né? tinha sofrido muito por causa de jogo, e lá foi que eu descobri que ele jogava, e lá eu descobri que ele também tava... tinha uma vida... de namoro. Mas tudo isso eu aguentei porque eu disse "eu vou me embora, que eu vou me aposentar, vou me embora pra minha terra, agora você fica aqui". Só que ele não ficou, veio embora também. Por aqui a gente ainda passou um bocadinho, de 88 até 98. Foi parar em 99, 98 a gente ainda estava, mas 99 eu despachei. Mandeí procurar outras, que eu já estava cansada. Não havia brigas aqui dentro, não sabe? Porque eu dei a ele, dentro de casa eu dei a ele o desprezo. Mas hoje, ainda hoje ele anda aqui, vem visitar os filhos, vem visitar as netas. Se dão muito bem, agora eu, ele chega hoje, "tudo bem", "também", a conversa é só essa. E o casamento, a cerimônia, no dia que nós marcamos pra casar, no dia 5 de Agosto de 78, eu avisei a alguns irmãos e teve irmão que nem soube. Tinha um que tava até viajando pra Recife, quando chegou que viu... falei com o Padre Pedro se ele fazia meu casamento de 11 horas,, ele disse "sim senhora", mas perguntou o porquê desse horário, aí eu disse "vai ser só um casamento. ninguém nem sabe, que eu não avisei pra ninguém". Aí ele abriu a igreja e nós fomos casar, quando a gente tava casando o ônibus da excursão que tinha ido pra Recife chegou. meu irmão viu a igreja aberta e disse "olha, tem coisa na igreja". quando chegou lá, me encontrou casando. Terminei o casamento, vim pra casa, jantamos, aí só a festa na... no... no clube. Na festa no clube com a mesma roupa do casamento, que era uma saia e uma blusa branca. O povo nem sabia que eu tinha casado. Não chamou nem a atenção do povo. Dancei até as quatro horas da manhã, quando voltei pra casa peguei a mala, botei dentro do carro do meu padrinho que morava em Fortaleza, o Reginaldo, que veio pra cá, aí fomos embora. Mas cerimonia não houve, houve só a cerimônia da igreja, mas festa, convidados, não. Só os testemunhas.

Entrevistador 2: Após casados, nasceram os filhos com quanto tempo?

Leda Brilhante: Pronto, eu me casei com 31 anos... mas eu fazia faculdade em Limoeiro e precisei transferir pra Fortaleza. Na transferência eu perdi 600 horas. Um prejuízo tremendo né? Pronto, enquanto eu não terminei a faculdade, eu dizia que filho eu não tinha. Porque, como é que eu ia fazer a faculdade se eu trabalhava pela manhã e a tarde, fazia a faculdade a noite, morando numa cidade grande, como era que eu ia ter filhos? Aí eu evitava. Tomava comprimido, depois passei a só evitar mesmo. Quando foi aos 33 anos, dois anos depois, foi que a Mayara nasceu. E cinco anos e meio depois é que o Madson veio, eu já nem pensava, eu achava... Eu evitava, evitava, evitava, mas eu achava que eu não ia mais ter, porque eu já tava com 39 anos, né? Eu disse "será possível?", quando, de repente, chegou o Madson.

Entrevistador 2: Eu estudei com ele. Foi. E a mãe também me teve já com 42 anos

Leda Brilhante: Pois é, eu tive a Mayhara com 33. Nasceu muito pequenina... E ele não, quando nasceu já foi "parrudão", bem diferente dela. Eu sei que foi uma alegria como eu disse, mas também só tive esses dois, porque, pra ela nascer, o médico queria fazer uma cesariana, e eu não queria porque eu queria dizer pra ele "não doutor, tá dilatando?", ele dizia "tá, mas tá muito devagar, você tá sofrendo muito". Tava sentindo muita dor nos quadris... eu disse "mas eu quero passar pela dor que minha mãe passou também". Se minha mãe teve 13 que teve, e foi dois

aborto... aí quando ele veio, aos 39, eu disse não, agora é... agora tem que ser cesária que é pra fazer ligação. Quando ele estava com dois anos de idade e a Mayara com seis e alguma coisa, quase sete, foi quando eu voltei aqui pra Morada Nova. Em 88. E aqui nós levamos uma vida... ainda com 4 anos de trabalho, mas, graças a deus, sempre conciliando as atividades domésticas com o trabalho e a educação deles...

Entrevistador 2: Agora, no quesito fé, que papel sua fé desempenha em sua vida?

Leda Brilhante: Fé?

Entrevistador 2: Fé.

Leda Brilhante: Ah, minha filha... está fé chegou sobre mim desde sempre. Eu fui criada dentro de uma igreja católica, né? Mas quando eu soube que eu era portadora da doença eu tive um choque, tive assim um momento de muita dor, de muita tristeza porque eu... a minha avó tinha se cegado, quando eu conheci minha avó, mãe do meu pai, que não é da família Brilhante, é da família do meu pai. Costa, Cavalcante, silva, é a mistura de um bocado de família... aí minha avó tinha cegado aos 33 anos, e eu no dia tava com 24, eu disse "meu deus, daqui a 9 anos eu vou estar cega". Até que um médico, que era uma pessoa maravilhosa... era não, ainda é, apesar de estar muito mal... ele era recém formado, tinha marcado a consulta para o pai dele e, quando eu tava terminando, quando eu tava fazendo a consulta, ele chegou. Quer dizer, na verdade o pai dele foi que disse que eu tava suspeitando que eu tava com um problema diferente dos demais, e ele foi quem me contou, depois de mais de uma hora de consulta. Entrava, entrava, entrava, aí também quando ele me contou eu digo que ele me preparou para vida toda... Ele era uma pessoa muito religiosa, e ele passou está fé pra mim. Esta força que eu sentia que não era uma coisa natural, era sobre natural a força que eu sentia. Então, por fim, as palavras dele, como eu me apeguei mais ainda nas minhas orações. E depois, quando eu fui perdendo, perdendo, foi que eu fui me dedicando cada vez mais, e hoje eu vivo única e exclusivamente pras minhas atividades domésticas, pra minha família, pra minha oração.

Entrevistador 2: certo...

Leda Brilhante: Cada dia que passa minha fé cresce, porque eu recebo tantas bênçãos, tantas graças desse ser maravilhoso que se chama Deus, que é levado nas minhas orações através do filho de Jesus, e às vezes eu invoco Maria. Porque a minha evangelização cada dia cresce um pouquinho. Eu estou sendo evangelizada agora, principalmente através do padre Reginaldo Manzotti. O padre Reginaldo da minha vida, ele representa assim um filho dentro da minha fé, para a minha fé, e é porque eu não assisto o programa televisivo dele, só na rádio, só através da rádio, mas na televisão eu tenho outros a quem eu também... faz parte da minha vida. O padre Robson de Oliveira, o padre Eduardo, o padre Antônio Maria, sempre me evangelizei muito através das músicas, e hoje em dia é através da música e da oração. E a cada dia o que me sustenta nessa vida, o que me levanta a cada amanhecer, e que me dá força... ao me deitar, em cada anoitecer, é o meu Senhor. Eu não me canso de dizer das maravilhas que ele opera na minha vida. Muitas vezes eu tô na cozinha, aí eu digo "ô, eu vou ligar o rádio, se não eu perco a oração", na ora que eu liguei, justamente naquela ora exata que vai começar. Eu digo, é Jesus que me traz na ora. Às vezes eu tô deitada, cansada,

não vou nem ouvir a hora, aí eu me levanto, quando eu ligo a televisão é na hora justamente daquela oração que eu não quero perder. É assim que eu digo, Jesus ele caminha, ele me leva pelo braço em todos os momentos da minha vida

Entrevistador 2: Sim, com certeza.

Leda Brilhante: O dia estava na hora do terço da misericórdia, primeiro eu queria ver o terço das Santas Chagas com o padre... Esqueci o nome. Tinha dito agora há pouco tempo...

Entrevistador 2: padre Reginaldo?

Leda Brilhante: Reginaldo. Tinha terminado de rezar a oração do terço das Santas Chagas, a novena, depois o evangelho e, quando terminou, eu liguei a televisão pra assistir o terço da Misericórdia. Aí quando eu tava no primeiro mistério do terço da Misericórdia o telefone toca. Isso eu tava... essa menina foi ao médico, o médico suspeitou que pudesse estar com pneumonia. Quando a Mayhara chegou que disse eu tive um choque, eu disse "não, mulher, não vai dar não", porque, Jesus, se ela está antes de fazer o exame, Jesus é quem aí cura-la. Aí foi marcado o exame, ela foi pra Limoeiro fazer o exame e eu tava hoje rezando, né? entregando o resultado deste exame que ela recebeu hoje, vou colocar aqui nas mãos misericordiosos... a Jesus misericordioso. Eu tava terminando o primeiro mistério, o telefone toca, era o Madson, "mãe, dá pra senhora mandar Mayara ou a Liliane aqui fora, receber o exame da Lohanna", isso ele falando e eu respondendo o terço. Eu disse, "a Mayara tá trabalhando, mas eu vou mandar a Liliane", aí ele disse "é... o exame da Lohanna não deu nada de pneumonia não, ela tá só com as vias respiratórias, aéreas respiratórias, congestionadas", eu disse "tá, pois eu vou mandar". Fui logo desligando, cheguei no quarto eu ajoelhei... eu nem posso me ajoelhar porque tenho um problema nos joelhos, mas eu me ajoelhei, agradecer ao meu deus a benção que eu tinha acabado de receber. Já marquei a volta, o retorno dela, pra amanhã. Agora ela vai retornar pra mostrar os exames de sangue, até exame de sangue dela, quando fazia, dava muito escândalo, no dia que ela saiu daqui pra fazer eu disse "vai Jesus, na frente". Quando ela chegou lá, quando chegou na vez dela entrar, ela entrou sozinha, sentou-se na cadeira, botou o bracinho e ficou só olhando... foi a primeira certeza que eu tive de que não ia dar nada no outro exame. Ela teve esse comportamento de ir sem ninguém. E a minha vida de fé, são as músicas que eu canto na minha vida, os hinos... e gosto muito de cantar, às vezes gosto de ouvir, mas muito de cantar novena. Canto quando tô tomando banho, eu só tomo banho cantando, chamando por Jesus, agradecendo por mim, pedindo pela minha família, pela Morada Nova, pelo... pelos doentes, porque, pra mim eu peço pouco, mas pela minha família, pelos amigos, pelos necessitados, eu peço muito. E... e eu digo, a falta que eu tenho, porque, na minha idade, se eu tivesse a minha visão, eu estava por aí, de porta em porta, evangelizando. Eu gosto muito. Meus filhos falavam que sempre quando eu saía com a pessoa que é falecida... se eu fosse a pessoa do meu relacionamento, conhecesse, eu dizia "oi, tu tem o número de fulana?", aí ele fala "mãe, mas porque a senhora vai ligar?", e eu digo "filho, só sabe o quanto é importante uma palavra de conforto neste momento difícil da vida quem já passou por ela como eu passei" com o pai, com mãe, irmãos, irmãs... só quem passou sabe o quanto é importante.

Entrevistador 2: É verdade...

Leda Brilhante: E tem aqueles que, apesar deles não gostarem de ir á velório, mas tem vezes que eu faço o pedido pra me deixar lá. A Ritinha. A Ritinha foi uma pessoa muito importante pra minha vida, pra vida da minha família. Quando nós viemos morar ali, crianças ainda, numa casa que não tinha água encanada e ela se colocou a nossa disposição o banheiro dela, pra gente ir. Então, no dia do falecimento eu disse "olha, eu não posso deixar de me despedir da Ritinha, eu tenho que ir, eu tenho que estar lá presente". Porque tem as pessoas que eu tenho que estar presente, tem aqueles que eu não vou ver o corpo, eu vou ver em espírito, os que não posso ir nem através da palavra, vou de espírito.

Entrevistador 2: Certo.

Leda Brilhante: me compadeço muito no dia que uma mãe enterra um filho. Até hoje eu chorei e já rezei pela mãe que perdeu esse jovem de 29 anos

Entrevistador 2: É...

Leda Brilhante: Talvez por falta de uma palavra amiga, de um... da presença de alguém... lhe deu a bobagem de tirar sua própria vida

Entrevistador 2: 29 anos, né?...

Leda Brilhante: Porque acabou o relacionamento, né? O casamento. Se alguém tivesse ficado mais próximo a ele, dando força, dando apoio, talvez não tivesse acontecido, né?

Entrevistador 2: Verdade... Aí aqui: quais outros momentos em sua vida foram marcantes?

Leda Brilhante: Quando eu tive o meu trabalho reconhecido através de uma homenagem, foi muito marcante. Uma vez foi no... por sinal eu nem estive presente, mas eu recebi a comenda, foi do... complexo escolar do perímetro, o próprio CEBCJEC tinha recebido comenda de lá. E a ultima foi quando eu fui convidada pra representar uma das mulheres no dia internacional das mulheres, pra receber uma comenda na câmara municipal, o Jorge Brito foi quem me deu. Ele marcou muito a minha vida, porque, você sabe, a gente não tem vaidade, mas esses momentos de reconhecimento são gratificantes na vida da gente, né? são gratificantes.

Entrevistador 2: Aí... Quais lugares a senhora mais gostou de conhecer?

Leda Brilhante: Eu só conheci a minha terra, uma parte de Fortaleza, e só sai daqui, quer dizer, andei em Limoeiro, andei em Tabuleiro, mas coisa rápida... Mas, o que eu mais conheci, com uma parte, alguma coisa que eu achei lindo foi quando eu fui á Belo Horizonte. Principalmente o bairro da Pampulha. Eu achei lindo, eu gostei muito de Belo Horizonte pelas cidades históricas que nós visitamos, fomos a Sabará, fomos a Ouro Preto, visitei o museu de Tiradentes, fomos a Contagem, cidades históricas... conhecemos muitas igrejas, e por sinal foi em Belo Horizonte que eu ouvia falar em igreja de Nossa Senhora do Óleo, mas que realmente ele tem uma igreja lá em Belo Horizonte que o nome da santa é Nossa Senhora do

Óleo. Que, por falar em Nossa Senhora, a minha fé cresce a cada dia quando eu conheço a história de Nossa Senhora, a cada dia.

Entrevistador 2: Aí aqui... se a senhora pudesse viver sua vida novamente, o que faria de diferente?

Leda Brilhante: Nada. Profissionalmente jamais mudaria. E dentro do relacionamento o que aconteceu eu acho que, do jeito que... eu tive meus filhos, que foi um presente de Deus, e ele veio por causa do homem com quem eu me casei, que foi o único que conheci. Único, primeiro e único. Então, eu acho que eu não mudaria nada. Na minha infância só mudaria o quê... da terra onde eu vivo eu não sairia. Onde eu nasci, me criei e vivo até hoje, mas eu procuraria fazer diferente só... eu ia tentar fazer o povo não ter uma doença chamada "politicagem", pra que nossa terra crescesse mais. Então eu ia tentar talvez investir nesse sentido, ser diferente só nesse sentido, e no resto da minha vida, apesar... na minha adolescência, nós vivíamos numa cidade que nem luz tinha. Eu fui do tempo que tinha o motor do seu Luiz Maia velho, pai do Luiz Maia da padaria, que quando de nove horas dava o primeiro sinal, nove e quinze o segundo, nove e meia se acabava, e ficava todo mundo em casa. Eu estudava com luz de lamparina, com luz de vela, mas eu era feliz... eu era feliz. Então eu gostei do tempo que eu vivi.

Entrevistador 2: Não mudaria nada?

Leda Brilhante: Eu acho que não... Só nesse sentido eu procuraria fazer diferente e ia tentar mudar a mentalidade das pessoas nesse sentido. Para renovar um pouco a mente das pessoas. O que eu fiz foi pouco eu acho... na escola. Eu abri muitas mentes

Entrevistador 2: Abriu sim, com certeza a senhora foi fundamental na vida de muita gente. Aí, dona Leda, a última pergunta é essa daqui: como a senhora gostaria que as pessoas, no futuro, lembrassem da senhora? Como gostaria de ser lembrada pelas pessoas, pela sociedade, pelo povo de Morada Nova.

Leda Brilhante: Com carinho... Com carinho. Porque eu já disse isso até, semana passada ou foi essa semana, acho que foi segunda-feira na rádio. Luciana foi dar uma entrevista, como agradecimento dela, eu participei e disse pra ela que quando eu fui receber a comenda lá na câmara, eu não a conhecia né, mas ela foi falar comigo. Eu contei um pouco da minha história como mulher, como mãe e como profissional, que eu nem fui preparada pra falar, mas... pediram pra eu falar e sei que fui eu quem fechei a festa lá. Aí, quando eu terminei de contar, eu já não enxergava mais, fui levada pela minha filha e minha neta, minha neta ficou lá comigo, aí, diante do meu relato, Luciana veio falar comigo e disse que eu era um exemplo pra ser seguido, e tiremos até uma foto juntas. Então no dia que ela estava eu disse que esperava que ela fosse... desempenhasse o papel de vice com dignidade, pensando sempre no povo de Morada Nova, e que ela, ao passar por esse momento político, ela tivesse a consciência tranquila de que tinha feito, procurado fazer, o melhor. Porque ela tinha me falado.... Aí eu disse... Das dificuldades que ela tinha enfrentado e tudo, aí disse que minha vida também, como você sabe, não foi fácil. Comecei muito nova a minha carreira profissional, mas, com muita luta, muita dificuldade, mas eu tenho a consciência do dever cumprido, eu deito minha cabeça no travesseiro e durmo tranquila, porque eu fiz o máximo.

Entrevistador 2: Pois Dona Leda, muito obrigado por compartilhar um pouco da sua vida comigo.

ENTREVISTA 3

ENTREVISTADOR 3: WANNY KELLY 9º ANO – TARDE
ENTREVISTADA: MARIA MARINETE GOMES DA SILVA – 69 ANOS

Vamos iniciar esta entrevista falando um pouco sobre a sua história de vida, as fases da sua vida, desde à sua infância até os dias atuais. Sinta-se a vontade para nos contar o que você tiver vontade, os acontecimentos que você julga relevante que ocorreram na sua vida.

Entrevistador 3: "- Pronto. Perguntas gerais: quais são as três palavras que melhor descrevem sua vida?

Marinete: é eu acho... O amor, a fé. Tem que ter muito amor e muita fé, né? E... Caridade. Essas três palavras. Se a gente tiver tudo isso, se a pessoa tiver essas três palavras, pronto! Acho que a vida tá ganha.

Entrevistador 3: qual foi o momento mais feliz que teve... Que você teve?

Marinete: O momento mais feliz que eu tive foi quando eu tive minha segunda filha. Foi muito feliz. Eu passei... Eu tive o primeiro, aí depois, 12 anos, foi que veio ela. Foi muita, muita felicidade.

Entrevistador 3: qual foi o momento mais difícil de sua vida?

Marinete: Mais difícil foi quando eu perdi minha mãe. Bem nova perdi minha mãe. Ela deixando dez filhos, dez irmãos, e eu pra criar esses meninos, né? Meus irmãos muito novos... Mas foi muito difícil. Aqui e acolá minha avó ficava dando uma mãozinha. Ficava tomando de conta daquelas crianças.

Entrevistador 3: Qual foi a pessoa que mais lhe influenciou?

Marinete: na época assim, quem procurou sempre ficar ao meu lado, me ajudar, foi o padre Pedro.

Entrevistador 3: quantos irmãos e irmãs você teve? Qual é a ordem de nascimento?

Marinete: meu né? Eu em 8 de junho de 47.

Entrevistador 3: quantos irmãos a senhora teve, e irmãs?

Marinete: 10. 10 irmãos. Só sendo que agora eu só tenho 6, porque faleceram 4.

Entrevistador 3: o que seus pais faziam para viver quando você nasceu?

Marinete: é... Procurava trabalha assim na agricultura, sabe?

Entrevistador 3: sei...

Marinete: Trabalhando, se esforçando, fazendo muito... Como se diz? Da fraqueza, a força. Procurando trabalha pra poder a gente sobreviver.

Entrevistador 3: que bairro e cidade moravam e quais eram seus vizinhos?

Marinete: eu morava, logo quando eu... No meu nascimento, eu nasci mesmo no "Sitio da Pêra". Aí de lá, não tinha estudo, né? Vim de lá pra cá.

Entrevistador 3: sei...

Entrevistador 3: como você descreve sua infância?

Marinete: é... Como eu descrever minha infância? Assim... Eu não fui assim, como se diz, uma jovem assim... Que eu tenha passeado, tenha vivido uma vida, sabe? Mas no que eu perdi mãe, "cê" tá entendendo? Aí ali, pra mim, acabou tudo. Eu não levo nada assim, de bondade. Porque tem jovem, né? Que faz isso e aquilo. Que passeia, sabe? Tem aquela vida excelente, mas a minha foi completamente diferente. Sofri muito. Sofri assim, sabe? Foi muito "sacrificosa".

Entrevistador 3: o que você fazia nos fins de semana para se divertir?

Marinete: para se divertir eu ia dar uma voltinha. Olhe, ali onde é o sino, onde tem o prédio Vicentino, aí lá colocava... Tinha lá uma "radiadora" velha, aí, às vezes, no final de semana, aquela "radiadora" ficava tocando e eu me juntava com uma colega, com a Roseni, ficava só dando volta ali onde é agora o banco do Brasil. Naquela pracinha. Menina, eu rodava era tempo ali! Só passeando com a Roseni, a minha colega. O divertimento era esse, uma voltinha ali. Aí, quando dava certas horas, até antes de 9 horas, a gente já vinha embora.

Entrevistador 3: qual o nome da sua escola primária?

Marinete: é... Nós chamava Centro Piloto. Era ali onde é a antiga centro de abastecimento. Lá tinha um colégio do município. Eu estudava, estudei lá.

Entrevistador 3: você era um bom aluno?

Marinete: com certeza. Fui. Procurei sempre dá um bom exemplo. Procurava estudar sempre, e também, é... Obedecer sempre os meus professores, ser uma pessoa obediente. Toda vida procurei ser assim.

Entrevistador 3: como era sua mãe?

Marinete: a minha mãe... Ela era uma pessoa maravilhosa, muito paciente. Era uma pessoa magra, morena, dos cabelos grandes, mas paciência era só quem tinha.

Entrevistador 3: o que você sabia sobre o passado dela?

Marinete: sobre o passado dela é que ela, assim, era uma pessoa doente. Ela não era sadia. Penso que ela já nasceu doente e que ela continuou, continuou, até que cedo ela faleceu. Foi pra fortaleza, aí lá ela teve o coração crescido e ela faleceu. Ela teve uma parada, só deu tempo de vir de fortaleza, ficar cinco dias com os filhos, aí dali mesmo ela faleceu.

Entrevistador 3: e seu pai, como ele era?

Marinete: ele era... Ele era calmo. Sempre muito bom. Um bom pai. Sempre procurava trabalhar para que não faltasse nosso alimento, trabalhava muito. Procurando... Ele sempre trabalhava muito no Zé Girão, trabalhando de carreteiro. Trabalhou muito, muito.

Entrevistador 3: e o que você sabe sobre o passado dele?

Marinete: o passado é que ele era, eu sabia que ele era, um bom filho. Era muito obediente aos pais dele, porque muitas vezes ele conversava, ele queria que a gente fosse assim: igual a ele. Do jeito que ele era obediente aos pais, ele era um bom filho, ele queria que a gente fosse também, do mesmo jeito.

Entrevistador 3: quais as principais lembranças que você teve dos seus pais?

Marinete: dos meus pais... Lembrança... É que eles foram bom pai, "maravilhosos". Tanto a minha mãe como o meu pai. Tudo muito bom, muito paciente.

Entrevistador 3: quando criança, o que você imaginava sobre sua vida adulta?

Marinete: o que eu imaginava era estudar, e terminar meus estudos. E terminei só o ensino médio.

Entrevistador 3: como foi sua vida escolar durante o ensino médio?

Marinete: eu procurava sempre estudar. Estudar as matérias para que tirar sempre... Aprender e tirar uma nota melhor. Nunca procurar repetir o ano, que eu nunca repeti o ano. Procurar também ser uma pessoa boa, ser amiga, procurar ser muito amiga dos meus colegas também. Também nunca dar trabalho em sala de aula.

Entrevistador 3: quem era seu amigo nesta época?

Marinete: no ensino médio... Era Auxiliadora e Leda.

Entrevistador 3: você concluiu esses períodos de estudo?

Marinete: terminei. Terminei o terceiro pedagógico.

Entrevistador 3: após encerrar esse período, continuou estudando?

Marinete: parei.

Entrevistador 3: como você decidiu o que estudar?

Marinete: como eu decidi?

Entrevistador 3: urrum

Marinete: é porque eu achei que era a única opção, né? Tinha que estudar pra no futuro, né? Eu conseguir alguma coisa, né?

Entrevistador 3: como escolheu sua carreira?

Marinete: eu mesma escolhi, sabe? Procurei estudar, pra poder ver se conseguia um emprego pra poder...

Entrevistador 3: se sustentar, né?

Marinete: é isso...

Entrevistador 3: se pudesse voltar atrás, escolheria a mesma profissão?

Marinete: com certeza.

Entrevistador 3: como foi seu primeiro emprego?

Marinete: meu primeiro emprego... Foi um emprego da prefeitura, é... Foi num tempo que Diomédes Brilhante, ele assumiu a prefeitura. Aí nesta época, acho que foi o finado Galvão que faleceu, aí ele assumiu. Aí a Maria José de Brilhante, muito amiga minha, o irmão dele trabalhava na prefeitura, aí ela conseguiu me nomear pra poder eu ganhar meu dinheirinho.

Entrevistador 3: como conheceu seu esposo?

Marinete: olha... Na festa do divino. Havia uma festa do padroeiro, eu, nesta época, eu cantava na igreja, era cantora, como se diz. Juntava lá, com as meninas lá, pra cantar. Aí, de repente, a minha... Uma cunhada minha, sendo irmã dele, chega pra mim e diz: *"ah, cumade Marinete, eu vou lhe apresentar o meu irmão, que ele mora em Aracoíaba, e ele veio. Vou te apresentar"*. Aí ela veio me apresentar ele, aí foi nesse mo... Sim, aí ele falou pra ela que gostou muito do jeito da... *"Ah, cumade Dica"*, o nome dela era Dica, ela faleceu até agora esses dias, "ah cumade Dica, eu gostei muito da sua cumade. Ah se desse certo eu dá umas paquerada com ela. Aí, no outro dia, ele veio pra igreja, pra Matriz, aí, ele e eu cantando, eu notava, assim, que ele olhava pra mim, e eu também. Na proporção que eu tava ali cantando eu também dava umas olhadas, né? pra ele. aí depois que a gente saiu da igreja, aí ele se aproximou, aí daí começou.

Entrevistador 3: Quantos anos você tinha quando se conheceram?

Marinete: Eu tinha 17 an... Não. Eu tinha 27 anos. Eu tinha 27 anos.

Entrevistador 3: como você soube que ele era a pessoa certa pra se casar?

Marinete: é por que, na convivência, a gente namorou um ano, aí eu achei que ele era o homem ideal pra mim me casar.

Entrevistador 3: como foi a cerimônia de casamento?

Marinete: a cerimônia de casamento... Foi 5 horas da manhã, aí na matriz, o padre Pedro quem fez esse casamento. Na hora que a gente entrou, o padre botou aquele canto pra noiva, ficou cantando lá até eu chegar na igreja. Foi um

casamento muito bonito. Quando terminou esse casamento, aí a gente veio pra cá. Quando chegou aqui, meu pai já esperando que a gente chegasse. Aí a coisa que eu tive pena foi na hora que eu cheguei, em traje de noiva, sabe? Muito chique, eu que me achava que tava chique. aí eu tomei a bença, aí...aí minhas lágrimas desceu. Porque eu não tinha mais, nesse tempo eu não tinha mais mãe, já tinha perdido né? Pra ela poder abençoar. Aí termina, terminou, conversaram um momento, aí já tinha um carro aqui na porta pra levar a gente lá para o Campestre, a chegada do casamento era lá. Quando chegou lá fui muito bem recebida pelos familiares dele, nisso gritava tanto viva a noiva, viva a noiva. Aí, quando foi mais tarde, na hora do almoço, isso era tanta galinha e era tanta coisa, foi muito bom esse casamento. Foi maravilhosa a chegada. A chegada.

Entrevistador 3: o que vocês dois faziam para viver quando casaram?

Marinete: eu com esse contratozinho, ganhando muito pouquinho, que era pouco, né? Aí ele foi trabalhar, era lá no outro lado do mundo, um trabalho que tinha lá "dum" Jacó, acho que esse homem já faleceu, e trabalhava no Jacó. Aí quando ele recebia aquele dinheiro, aí ele fazia uma feira e trazia pra dentro de casa. Aí é assim que ia levando...

Entrevistador 3: é...

Marinete: com muita dificuldade, mas também existia muita honestidade. Não passava muito bem não, mas... A gente era... Procurava sempre levar as coisas com honestidade, ser bem honesto com as coisas.

Entrevistador 3: qual lembrança vocês tem dessa época de casados, de recém casados?

Marinete: a época que eu tenho lembrança?

Entrevistador 3: qual lembrança vocês tem desta época de recém casados?

Marinete: é porque, no começo, todo começo, né? Só flores, são flores, né? No começo. Vivia bem, né? Lembro que a gente ia muito passar o dia, né, lá... Lá nos familiares dele, lá nesse Campestre. Sempre chamava a gente pra passar o dia lá, se divertir. Foi bom, não tenho nem o que dizer não.

Entrevistador 3: Quanto tempo após casados nasceram os filhos?

Marinete: O primeiro filho que foi Frank, depois de 3 anos, com 30 anos eu tive o primeiro filho. Com 30 anos. Mas foi maior alegria também, eu fiquei muito alegre quando eu tive o meu primeiro filho, já com trinta anos de idade. Então eu me casei com 27, [contando] 28, 29 e 30. Com 30 anos eu tive o primeiro.

Entrevistador 3: Qual de vocês escolheu os nomes dos seus filhos?

Marinete: quem escolheu o nome... Uma colega minha chegou pra mim, aí, entre nós duas assim, ela olhando lá um livro, a gente encontrou um nome.

Entrevistador 3: Conte-me sobre o nascimento de seus filhos.

Marinete: O nascimento dele é... Eu tive no hospital. Foi no... Não foi muito bom, né? Porque o primeiro filho assim, né? E... Mas que deu tudo certo, eu tive um filho normal, não foi preciso fazer uma cesariana. Então...

Entrevistador 3: o que mudou em sua vida naquela época?

Marinete: naquela época... Mudou que aumentou muito, assim, a felicidade. Eu tive muita felicidade, fiquei muito feliz, porque depois de três anos eu tive o primeiro.

Entrevistador 3: Qual foi o momento mais feliz na criação de seus filhos?

Marinete: Eu tive muita felicidade foi quando nasceu a prime... A segunda filha. Foi o maior prazer, mas foi um prazer muito grande mesmo. Apesar de a gravidez dela foi muito complicada, porque quando eu fui ter ela, já ia fazer 12 anos que eu tinha tido o primeiro, e eu já tava, eu peguei assim quase período de menopausa, aí com 42 anos eu tive ela. Foi mais complicado, muito complicado. Mas... Deus me deu tanta força que eu tive, ainda tive a criança normal, mas foi muito complicado. Eu já ia me retirar até pra Limoeiro, porque eu não tinha nem condições, fiquei muito cansada, aquele cansaço... Fiquei já... Mas Deus me deu força.

Entrevistador 3: que papel sua fé desempenha em sua vida?

Marinete: é porque a fé, olhe, se... Olhe, sem a fé, se eu não tiver a fé, eu não consigo nada, mas como eu tenho fé, através da fé, eu consigo muita coisa. Muita coisa maravilhosa.

Entrevistador 3: quais outros momentos em sua vida foram marcantes?

Marinete: Acho assim, a mais marcante foi quando eu perdi mãe. Foi muito, muito, muito.

Entrevistador 3: quais lugares você mais gostou de conhecer?

Marinete: naquela... Naquela época eu não conhecia Fortaleza, era louca pra conhecer. Mas e... Depois que eu conheci, aí pronto, depois fui conhecendo as outras cidades, Limoeiro, Russas, já conheço até Pau dos Ferros, conheço Jaguarí. Muita coisa já, mas naquela época, ave Maria! Fortaleza era tudo. Aí quando eu ia pra casa da minha tia, ali foi, ave maria, excelente quando eu ia pra lá.

Entrevistador 3: se pudesse viver sua vida novamente, o que faria diferente?

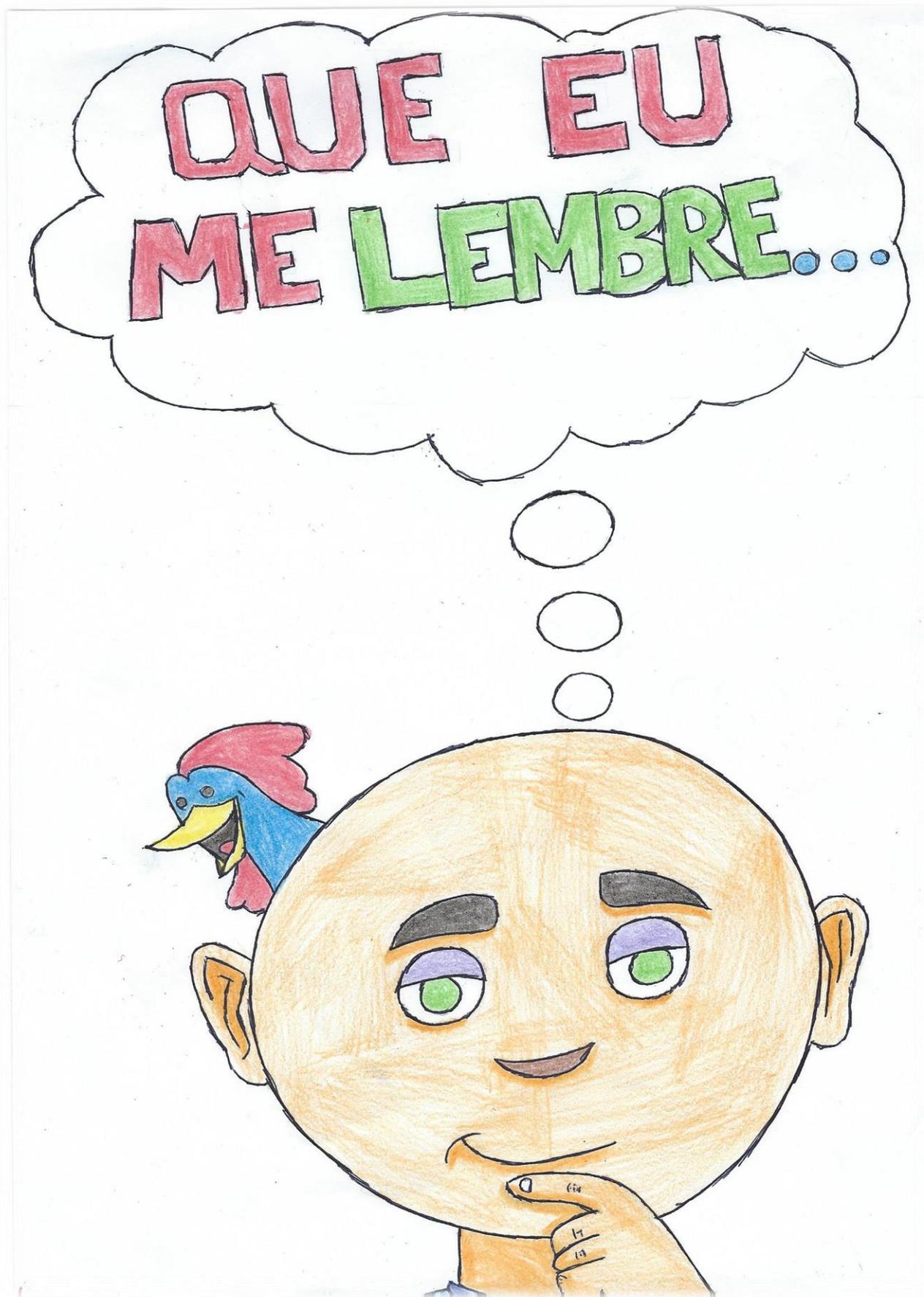
Marinete: sei não... O que eu poderia fazer mais diferente era me aproximar mais de deus, sabe? Ficar mais... Quer dizer, quanto mais eu me aproximo, eu queria me aproximar mais, sabe? De deus. Quanto mais perto eu acho melhor.

Entrevistador 3: como você gostaria que as pessoas no futuro se lembrassem de você?

Marinete: lembrassem assim... Assim, é... Procurasse rezar pra mim. Para que me dê muita força, para que eu continuasse essa vida, né? Religiosa. Porque eu também não sou muito sadia, aí rezasse para que eu... Que Deus me dê mais saúde, que a saúde tá muito devagar, mas assim eu chego lá, se deus quiser.

Entrevistador 3: *“Então, assim nós concluímos nossa entrevista, agradeço a sua participação em estar concedendo essa entrevista”.*

ANEXOS



Autores (Turma do 9º ano)

Alexandre Klebson Freires moura
Alvaro José Chaves de Lima
Amanda Agata Gomes da Silva
Andressa Anielly da Silva Paiva
Anne Grasielle Mariano de Sousa
Darlison Cavalcante da Costa
David Douglas de Oliveira Rodrigues
Devid Iriel Lima da Silveira
Deyne Muller Pereira de Oliveira
Francisca Maria de Lima Silva
Francisca Mônica Justino dos Anjos de Freitas
Gleison Bezerra Nepomuceno da Silva
Islei Lima Rabelo
João Vitor Girão Silva
José Gildemberg dos Santos Girão
José Leilton da Silva Lima
José Marcelo de Paulo Sousa
Juliana de Sousa Oliveira
Laila Lavínia Valentin da Silva
Laura Joyce Nogueira Ferreira
Lucas Vicente da Cunha
Marcos Levi da Silva Nogueira
Maria Vanessa Girão do Nascimento
Marlei Mikaele Silva Rodrigues
Messias Saraiva de Oliveira
Mila Raulino da Silva
Milton Breno Oliveira da Silva
Pablo Gomes Alexandre
Pedro Silva do Nascimento Filho
Priscila dos Santos Silva
Ravene Queli Silva Rabelo
Robson de Oliveira Silva
Stefhany Rodrigues dos Santos
Vivian Lavínia Lima Viana
Wallisson Mikael da cunha Medeiros
Wanessa Kelly Miranda Silveira
Wanne Kele Moura da Silva
ARTE DA CAPA: Darlyson Cavalcante
Professora: Maria Kellyane Gomes da Silva

Apresentação

Como meio de preservar suas vivências, as sociedades ágrafas utilizavam estratégias como personalizações e dramatizações que tinham a finalidade de que suas memórias sobrevivessem por mais tempo. Com esse propósito, realizamos um trabalho na turma do 9º ano do ano de 2016, da Escola de Educação Básica Professora Ana Clara Andrade Nantua Bento, que visa o resgate de memórias de pessoas da cidade de Morada Nova.

Com isso, fica evidenciado o caráter histórico desta obra, pois à medida que se registra recordações de uma época, seus hábitos ou costumes, mesmo que moldadas ou lapidadas, é possível atribuir novos sentidos e compreender melhor o tempo presente.

Onde há fé, há amor

Memórias de Maria Marinete Gomes da Silva

A professora Marinete, que tem como principais elementos que regem sua vida o amor, a fé e a caridade; abre as portas da sua vida para compartilhar alguns momentos importantes em sua vida; e falando nisso, nos diz que um destes foi o nascimento de sua segunda filha, pois já tinha passado 12 anos sem ter filhos.

Com outros 10 irmãos, teve uma infância muito difícil, pois passou por muitas dificuldades quando sua mãe faleceu, considerando este período, um momento de pouca felicidade.

Em sua infância, para se divertir, ia para o Prédio dos Vicentinos, e junto com sua amiga Roseni iam ouvir uma radiadora que tocava nas noites da cidade e davam voltas na praça no Banco do Brasil, até ouvir o primeiro sinal de que deveriam ir para casa, pois o motor seria desligado e a rua ficaria escura, quando o último sinal tocasse.

Sua mãe morreu muito cedo, e era uma pessoa maravilhosa, muito paciente. Seu pai era calmo, bom, e sempre procurava trabalhar para que não faltasse nada. Eles trabalhavam na agricultura para que tivessem o que comer. Moraram muito tempo no Sítio Tapera, mas tiveram que vir para a cidade, pois lá não tinha como estudar. Chegaram na cidade e ela começou a estudar no Centro Piloto, onde respeitava bastante seus professores e sempre se esforçou para dar bom exemplo aos seus irmãos.

Quando criança, sua preocupação era estudar para tirar boas notas e não repetir de ano, sendo uma boa amiga para seus colegas e nunca deu muito trabalho. Na época em que estudava, suas amigas eram a Auxiliadora e Leda; ela conseguiu concluir o terceiro pedagógico e parou seu estudos. Mas depois conseguiu ser nomeada e teve seu primeiro emprego na prefeitura de Morada Nova.

Como grande influência em sua vida, o Padre Pedro, um antigo pároco da cidade foi quem mais a ajudou nos momentos de grande dificuldade de sua vida e sempre foi um apoio para que não parasse os estudos, para que ela conseguisse um futuro, uma carreira.

Na festa do padroeiro Divino Espírito Santo, Marinete cantava na igreja; lugar onde uma amiga sua resolveu apresentar um de seus irmãos para ela. Depois disso, nos outros dias da novena ele voltou a ir para a igreja e lá trocavam olhares, até que um dia decidiram conversar e o romance começou. Depois de um ano, resolveram se casar, por o considerava o homem ideal.

A cerimônia de casamento começou pelas 5 horas da manhã, na igreja da matriz. Ela lembra a música tocando, enquanto ia em direção ao altar... Durante a cerimônia, uma coisa que a deixou muito triste foi não ter a presença de sua mãe durante o casamento. Quando chegaram em casa, os familiares os esperavam muito felizes, e na hora do almoço, lembra que tinha muita galinha, e que foi tudo maravilhoso.

No começo, foi tudo flores... O seu primeiro filho, Frank, veio depois de 3 anos de casados, aos seus 30 anos de idade. Na época, quando teve seu primeiro filho, sentiu uma felicidade fora do normal. Doze anos depois, com uma gravidez muito complicada e já no período da menopausa, teve sua segunda filha. Ela, com seu contrato de professora e seu esposo trabalhando em uma fazenda que ficava distante, foram levando a vida, com dificuldade, mas de forma honesta.

Conheceu, em sua vida, um lugar que tinha muita curiosidade, Fortaleza; onde ia sempre para a casa de sua tia e se divertia bastante lá. Se pudesse viver a sua vida novamente, ela se aproximaria ainda mais de Deus, pois quanto mais perto melhor seria; e gostaria que as pessoas sempre rezassem umas pelas outras e que seus problemas de saúde diminuíssem, para que tivesse uma vida cada vez mais feliz.

Muito mais forte do que imaginava

Memórias de Leda Maria Brilhante

Leda Maria Brilhante, de 69 anos, teve muitos momentos felizes em sua vida, mas nada se compara ao nascimento de sua primeira e amada neta, Lohanna. Mas também teve um momento de muita dificuldade, que foi quando descobriu que tinha uma doença que a levaria à cegueira.

O pai da professora trabalhou muito tempo em um cartório, fazendo escrituras e logo depois passou a trabalhar no comércio. Já sua mãe, sempre foi doméstica, mas no ano de 1958 ganhou uma máquina de costura e passou a ajudar nas despesas de casa.

Sua infância era de muita dificuldade, pois seu pai era viciado em jogo. Às vezes ele chegava em casa sem nenhum tostão no bolso, sem poder comprar nem um pedaço de pão. Sua mãe foi quem contou muitas vezes com a ajuda de seus irmãos que moravam em Fortaleza, e quando adoeciam, seu tio Diomédes, farmacêutico da cidade, era quem os ajudava.

Sua mãe foi uma guerreira que enfrentou todas as dificuldades para criar seus filhos. Já o pai de Leda, era uma pessoa mais reservada, sabia que tinha um carinho especial para os filhos, mas assim como não era de elogiar, também não era de brigar muito; quando tinha algo, reclamava com sua mãe. E com seus livros e bonecas, Leda se divertia muito ao lado de seus irmãos.

Na sua juventude, ela tinha muitos amigos em Morada Nova, mas nenhum namorado da cidade. Aos 28 anos, ela conheceu seu marido, e mesmo demorando muito para ficarem juntos, resolveram se casar, com uma cerimônia bastante simples, numa manhã qualquer, sem festa e apenas com as testemunhas.

Sua vida profissional foi cheia de conquistas e realizações, através de muitas dificuldades, foi conseguindo se qualificar e teve seu trabalho reconhecido por meio de algumas homenagens em reconhecimento da boa professora e funcionária que sempre foi, enchendo de orgulho a todos que tiveram a oportunidade de saber de sua história.

Apesar de todas as dificuldades e do grande exemplo de superação de uma mulher que mesmo sem visão, consegue ter uma vida normal e faz tudo dentro de sua casa, a única coisa que gostaria que mudasse, era a politicagem existente na cidade em que mora e ama. E pede, que a única forma de lembrança que gostaria do povo de Morada Nova, era que lembrassem dela sempre com carinho.

Família: a maior riqueza de nossas vidas

Memórias de Maria Alice Cruz

A família como sendo a base de tudo na sua vida, Maria Alice Cruz, de 75 anos afirma que o momento mais marcante de sua vida foi quando casou com um rapaz, que mesmo com poucos recursos, era muito honesto.

Depois de trabalhar por 10 anos na antiga LBA (Legião Brasileira de Assistentes), esta infelizmente fechou, e então ela recebeu um bom dinheiro de indenização que deu para comprar sua casa. Sem trabalho, começou a enfrentar problemas financeiros; e foi quando começou a montar barracas de venda nas vaquejadas que haviam na cidade, chegou, muitas vezes, a dormir em sacos de plástico colocados no chão, porque na barraca não cabia nem uma rede. Assim, Dona Maria Alice teve como grande influência em sua vida, sua comadre Irene Andrade, que conseguiu arrumar para ela um emprego, o que melhorou bastante sua vida.

Seu pai, vindo de Russas, ajudou a construir a cidade de Morada Nova. Como pedreiro, estava por trás das grandes construções históricas de Morada Nova, como o prédio dos Vicentinos. Sua mãe era uma mulher trabalhadora, e foi a primeira pessoa de Morada Nova que começou a fazer peças de croché e empalhamento em cadeiras de madeira.

Morando, por muito tempo perto da igreja, viveu momentos muito felizes brincando no pátio de lá, ao lado dos amigos também na escola, que era onde se esforçava para tirar boas notas sendo uma das melhores alunas, mas mesmo assim não conseguiu terminar seus estudos que era um privilégio apenas para os filhos dos ricos. Mesmo com o sonho de ser professora, Maria Alice só chegou a concluir a oitava série, logo acabou casando e teve que cuidar de seus filhos.

Em um leilão de Santa Luzia, foi onde conheceu seu marido, e teve uma cerimônia de casamento muito bonita, toda vestida de noiva, e aconteceu na Paróquia do Divino Espírito Santo. Depois disso, teve 13 filhos, de onde acabou criando 8. Maria Alice sempre fez de tudo para dar um bom exemplo a seus filhos; ela levava todos para ajudar na montagem da barraca nas vaquejadas, e nunca precisou pagar ninguém de fora.

Um momento que muito marcou sua vida, foi no ano de 1984, quando sofreu um grave acidente de carro. E na oportunidade de viver sua vida de novo, a aposentada não faria nada de diferente, pois ela considera que foi muito feliz e a única coisa que deseja é que quando ela morrer, seus filhos visitem seu túmulo no cemitério no dia de finados, e celebrem sempre uma missa para ela.

Que eu me lembre...



Entrevistadora: Wanne Kelly Miranda

Entrevistada: Maria Marinete Gomes da Silva

Que eu me lembre...



Entrevistador: Gleison Bezerra

Entrevistada: Leda Maria Brilhante

Que eu me lembre...



Entrevistadora: Maria Vanessa Girão

Entrevistada: Maria Alice Cruz

Profletr@s
mestrado profissional

- EXPOSIÇÃO DO LIVRO DE MEMÓRIAS NA ESCOLA



- **ENTREGA DO LIVRO DE MEMÓRIAS NA BIBLIOTECA DA ESCOLA**



- **ENTREGA DO LIVRO DE MEMÓRIAS NA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MORADA NOVA**

